



Pelo Algarve e Andaluzia



Rota de al-Mutamid

Cofinanciado por:



União Europeia
FEDER

Investimos no seu futuro



Rota de al-Mutamid

Pelo Algarve e Andaluzia

Cofinanciado por:



**União Europeia
FEDER**
Investimos no seu futuro



Promovido por:



Directorio Regional de Cultura do Algarve



Rota de al-Mutamid
1ª Edição outubro 2014

Publica Editor
Fundação Pública Andaluza El legado andalusí

Textos

Fundação Pública Andaluza El legado andalusí, Associação Defesa do Património Histórico de Aljezur, Direção Regional de Cultura do Algarve, Câmara Municipal de Silves, Câmara Municipal de Tavira, Ayuntamiento de Huelva - Concejalía de Turismo, Ayuntamiento de Niebla, Ayuntamiento de Almonaster la Real y Ayuntamiento de Cortegana.

Tradução

Mar Carreño Leyva
Vasco Paulo Monteiro

Fotografia

Fundação Pública Andaluza El legado andalusí, Associação Defesa do Património Histórico de Aljezur, Direção Regional de Cultura do Algarve, Câmara Municipal de Silves, Câmara Municipal de Tavira, Concelho de Loulé, Centro Nacional de Cultura (Portugal), Ayuntamiento de Huelva - Concejalía de Turismo, Ayuntamiento de Niebla, Ayuntamiento de Almonaster la Real, Ayuntamiento de Cortegana, Culturaleza Soc. Coop., Manuel Bernal, Xurxo Lobato.

Projeto Gráfico, Design Gráfico, Impressão
Miguel León

Depósito legal
GR 2116-2014

Reservados todos os directos desta publicação que não pode ser reproduzida no todo ou em parte, nem gravada ou transmitida por qualquer sistema de reprodução de dados, nem por nenhum sistema ou meio, seja mecânico, fotoquímico, electrónico, magnético, electroóptico, por fotocópias ou qualquer outro, sem autorização escrita prévia dos editores.

© da edição: Fundação Pública Andaluza El legado andalusí
© dos textos: os respetivos autores
© da documentação fotográfica: os respetivos autores

Esta publicação enquadra-se no Programa de cooperação transfronteiriço Espanha-Portugal 2007-2013 e é cofinanciado com fundos FEDER.

Introdução

- 4 Projeto al-Mutamid
- 5 Mapa de Rota
- 6 Paisagens
- 10 História
- 17 Músicas
- 18 Gastronomia

Itinerário

- 22 Aljezur
- 28 Sagres
- 38 Silves
- 50 Albufeira
- 56 Paderne
- 66 Loulé
- 76 Tavira
- 86 Huelva
- 96 Niebla
- 104 Almonaster la Real
- 114 Cortegana

Postos de Informação

- 126 Postos de Informação



Projeto al-Mutamid

O turismo cultural como instrumento de desenvolvimento integrado dos recursos e do património histórico-cultural entre a fronteira da Andaluzia e Algarve.

Este projeto enquadra-se no Programa de cooperação transfronteiriço Espanha-Portugal 2007-2013 e é cofinanciado com fundos FEDER. A Fundação Pública Andaluza El legado andalusí lidera o projeto e conta como parceiros com a CECA (Confederação Empresarial de Comércio da Andaluzia) em território andaluz, e a Direção Regional de Cultura do Algarve, as Câmaras Municipais de Silves e Tavira e a Associação Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur em território português.

O objetivo deste projeto é manter e promover o turismo de qualidade baseado num desenvolvimento sustentável e que aposta forte numa história comum.

Esta Rota transfronteiriça (que se une em Sevilha à de Washington Irving) vem assim materializar, numa primeira fase, a Rota de al-Mutamid, a única das Rotas do Legado Andaluz que chega a Portugal. Com esta são cinco as Rotas tornadas realidade. A saber: a do Califato, a dos Nazaríes, a de Washington Irving e a dos Almorávidas e Almóadas. Todas foram declaradas *Itinerário Cultural do Conselho da Europa* e oferecem ao turista caminhos históricos cheios de cultura, tradição e património.



Praia da Arrifana, Aljezur



Castelo e Igreja de Santa Maria do Castelo, Tavira



Castelo, Cortegana



A Rota de al-Mutamid

PAISAGENS

A *Rota de al-Mutamid* propõe um apaixonante percurso que nasce em terras portuguesas e que através de dois ramais abraça o ângulo sudoeste da Península Ibérica. Paisagens muito diferentes, de litoral e de interior, onde o rico património monumental alterna com espaços naturais espetaculares. O visitante pode ver *in loco* a continuidade histórica das povoações do Alentejo e do Algarve e a relação destas com a Andaluzia ocidental.

A rota inicia-se em Lisboa, em frente ao Atlântico, e acaba em Sevilha, onde reinou a dinastia de al-Mutamid. O trajeto que aqui apresentamos começa na localidade de Aljezur, que foi durante a época muçulmana quase uma ilha rodeada por mar, atravessa a costa portuguesa em direção a Este, faz escala em Huelva, e ruma depois a Norte até Cortegana, em pleno Parque Natural da Serra de Aracena e *Picos de Aroche*. Ao longo dos mais de trezentos quilómetros que totalizam estes diferentes trechos deste trajeto, é percorrido um meio físico e paisagístico que, ainda que



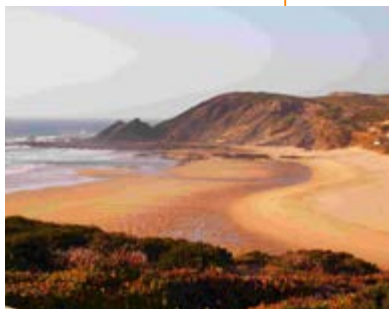
dentro da relativa unidade presente nesta vertente atlântica peninsular, apresenta variações notáveis.

Na vertente portuguesa, o itinerário distingue-se por uma orografia, na costa, salpicada por grutas e cavidades subterrâneas, e por muitas e belas praias como a da Falésia ou as que estão junto à Ria Formosa em Tavira. A região está protegida a norte pelas serras de Monchique e do Caldeirão, dando lugar a que a costa algarvia goze de um clima tipicamente mediterrânico, com baixas precipitações anuais e temperaturas mais suaves no inverno. O sotavento algarvio proporciona aos visitantes uma surpresa: o Parque Natural da Ria Formosa com mais de 18.000 hectares é uma das zonas húmidas mais importantes da Europa.

O trecho espanhol inicia-se em Huelva, ainda sob influência atlântica, e ascende até ao interior serrano da província onubense Niebla, Almonaster la Real e Cortegana. Não pode ser mais evidente o contraste entre a costa de Huelva, na confluência dos rios *Tinto* e *Odiel*, na zona da Depressão Bética, e o interior. No nosso percurso para Norte prosseguimos até à localidade de Niebla, nas margens do rio Tinto, através da terra plana da província de Huelva.

Se analisarmos com mais detalhe, verificamos que o primeiro trecho da rota passa pelo território do Algarve,





várias povoações, Aljezur, Sagres, Silves, Albufeira, Paderne, Loulé, e Tavira; uma linha costeira onde se pode desfrutar de algumas das melhores praias do sul de Portugal. Este acaba por ser um percurso salpicado de cabos, rios e praias que já viu passar distintas civilizações desde o tempo dos Fenícios. Aqui as paisagens de suaves serras e colinas cultivadas alcançam a linha do oceano, desenhando formações de estuários e areais como os do Parque Natural da Ria Formosa, praias recatadas, falésias de areia de cores garridas e escarpas poderosas, como as que se podem ver no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. É aqui que se localiza o município com o qual iniciamos esta rota, Aljezur. Fica situado a noroeste da região algarvia, possui características ambientais únicas e uma orla costeira bem preservada, associada a uma paisagem de sonho, onde o destaque vai para a belíssima Serra de Monchique que protege esta localidade do frio do Norte. A Praia da Arrifana e a Praia do Monte Clérigo são belas e relaxantes, merecendo também destaque a Praia de Odeceixe, na fronteira com o vizinho Alentejo.

A nossa próxima paragem leva-nos a Sagres, situada no canto sudoeste da Europa, muito próxima do Cabo de São Vicente, que os romanos consideravam o fim do mundo. A Serra do Espinhaço de Cão delimita e separa do resto do Algarve um planalto triangular, cujas vertentes marítimas são cortadas por escarpas, entre a ponta da Piedade a sudeste, e o pontal da Carrapateira, a noroeste, e cujo vértice sudoeste se bifurca em vários cabos, como o de São Vicente, a ponta de Sagres e a ponta da Atalaia. Seguindo para Este, encontramos Silves, cujas terras férteis banhadas pelo rio Arade, por onde chegaram durante a Antiguidade Gregos e Cartagineses. Albufeira foi uma encantadora localidade piscatória, cuja baía vê atualmente passar inúmeros turistas ao longo do ano. A

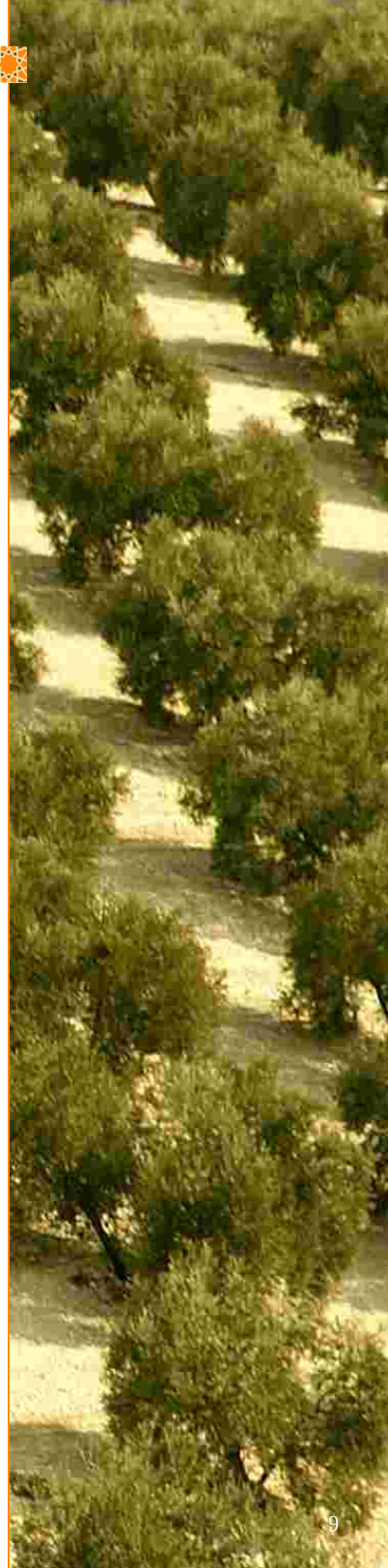


costa está repleta de pequenas e pitorescas enseadas. Loulé e Tavira serão duas localidades portuguesas a visitar antes de entrar em terras espanholas. A primeira abarca um território onde se pode desfrutar tanto da paisagem costeira como serrana, com uma rica flora e fauna local; no concelho de Loulé encontra-se Vilamoura, um impressionante complexo turístico. Em Tavira o sistema da ria Formosa dá lugar a pequenas ilhas onde podemos encontrar algumas das melhores praias da região como a da Fuzeta, a Praia da Armona, ou a Praia da Ilha de Tavira, à que se acede de barco a partir da praia de Quatro Águas.

O nosso itinerário atravessará os estuários da Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e cruzará o rio Guadiana para entrar em Espanha, na província de Huelva. Aqui percorreremos parte da plácida Costa da Luz, que se estende desde a desembocadura do rio Guadiana até à entrada do rio Guadalquivir. Trata-se de uma paisagem onde coexistem praias de areia branca, zonas como a de *Isla Cristina*, dunas e paisagens de extensos pinhais. O itinerário cruza a ria do *Tinto* e do *Odiel*, local onde se fixou inicialmente a povoação de Huelva, a primeira paragem espanhola do nosso caminho. É uma cidade milenária onde, por debaixo das suas ruas, jaz a civilização tartéssia, uma das mais antigas do Mediterrâneo.

Sem nos afastarmos do Atlântico, cuja influência se sente através da suavidade do clima e nas areias dos pinhais, o itinerário leva-nos agora até Niebla. A localidade está inserida numa zona de horizontes abertos onde predominam os cultivos mediterrânicos.

Em Niebla a rota volta-se para o interior da província onubense e penetra na comarca da Serra de Aracena e *Picos de Aroche*. O ambiente em redor mostra uma mudança notória a caminho do interior. Aqui prevalecem paragens de natureza imaculada, as massas florestais, autóctones e de repovoação, onde o pinheiro, o sobreiro e o castanheiro existem com uma cadência bastante acentuada. A serra está delimitada pelas duas localidades que fecham o nosso itinerário: Almonaster la Real, com a sua mesquita sobranceira dominando o horizonte, e Cortegana, com um castelo que foi testemunha das disputas entre Castela e Portugal nos finais do século XIII e início do século XIV.





Torre del Oro (Sevilha). Museo del Prado



Menir do Monte da Alfarrobeira.
Museu de Arqueologia de Silves

HISTÓRIA

Dos primórdios à Antiguidade

A Andaluzia mais ocidental e o sul de Portugal, os territórios por onde passa esta viagem, foram cenário histórico de primeira importância desde tempos distantes. Devido à sua condição geográfica estratégica estes territórios foram testemunhas dos primeiros passos e movimentações da presença humana, de tal forma que são abundantes os vestígios paleolíticos, como por exemplo utensílios de pedra encontrados em terraços fluviais.

Desde o V milénio a.C. a prática da agricultura e da ganadaria favoreceu o desenvolvimento das culturas neolíticas e calcolíticas, cuja expressão mais significativa foi o megalitismo, que produziu obras com grandes blocos de pedra. Este fenómeno ocorre principalmente no sul de Portugal, onde se localiza um dos principais focos do megalitismo europeu, mas também na Andaluzia, onde além disto proliferam as pinturas rupestres em abrigos e grutas.

As Idades dos Metais assinalaram uma nova fase para o



sudoeste da Península. Os contactos com o Oriente mediterrânico, essencialmente com os Fenícios, e a procura de minerais na região deu lugar à criação de Tartessos, a cultura que protagonizou a entrada desta zona na história do I milénio a.C., sob uma aura de lenda. De acordo com o mito clássico, Hércules abriu o Estreito e plantou duas colunas, Calpe, na Europa, e Abila, em África, que delimitaram os confins do mundo então conhecido. À decadência de Tartessos seguiram-se as culturas dos Celtas e Celtiberos em Portugal e dos Turdetanos e Bástulos na Andaluzia, assim como o domínio dos Cartagineses até ao século III a.C.



Vaso Meleiro (Séc. V-II a.C.)

Hispania Ulterior, Bética e Lusitânia

Uma das etapas fundamentais na história deste itinerário corresponde ao longo e proveitoso período romano. Após expulsar os Cartagineses da Península na decisiva vitória de Ilipa em 206 a.C., os Romanos impuseram o seu controlo sobre o sudoeste peninsular, que ficou circunscrito à *Hispania Ulterior*. Enquanto o Estreito e o vale do Guadalquivir foram sendo romanizados com rapidez, na área a norte do ocidente, ao passo que, os Lusitanos e os Celtiberos se opunham tenazmente e com resistência, aos levantamentos, por exemplo, de Viriato, que não se acalmaram até ao início do século I a.C. com o restabelecimento da paz, Augusto delimitou aqui duas grandes províncias, a *Bética*, que abarcava a área equivalente à Andaluzia, e a *Lusitânia*, que compreendia o Ocidente, incluindo Portugal.

Uma economia crescente baseada no progresso da agricultura, a ganadaria e a pesca – a *Bética* foi um dos celeiros de Roma, reconhecida pelas suas produções de trigo, azeite e vinho –, explorações mineiras da Serra Morena

Lisboa. Braun y Hogenberg
Civitates Orbis Terrarum



Fragmento de estuque (Séc. XIII).
Museu Municipal de Arqueologia de Silves

ocidental, um comércio náutico e mercantil das populações do Estreito e do Atlântico, ao longo destes séculos cimentou a organização territorial que, no essencial, perdurou até aos dias de hoje. Desde então se perfilou a rede de cidades

que compõem uma boa parte deste itinerário, a partir de núcleos anteriores ou de novos: o território de *Betúria* entre os cursos dos rios Guadiana e Guadalquivir, *Ilipla* (Niebla), *Onuba Aestuaría* (Huelva), *Balsa* (próximo da atual Tavira), ou o *Promontorium Sacrum* (que corresponde ao território envolvente do Cabo de São Vicente).

A crise do Baixo Império e as incursões dos bárbaros conduziram à diminuição do dinamismo económico, urbano e cultural destas regiões, o que acabou por levar à instauração do reino visigodo no século V e à formação de um domínio bizantino transitório no século VI sobre o litoral à volta do Estreito.

O Ocidente do *al-Andalus*

No ano 711 os contingentes muçulmanos que cruzaram o Estreito a mando de Tariq Ibn Ziyad iniciaram a conquista da Península Ibérica. Após derrotar o godo Rodrigo na batalha de Guadalete, apoderaram-se, ou pela força das armas ou mediante pacto, de todos os seus territórios, salvo um minúsculo reduto a norte. Depois de um breve período, no ano 756, *al-Andalus*, como foi designado este novo estado islâmico da Península, constitui-se num emirato independente sob dinastia omíada encabeçada por Abd al-Rahman I. Durante o emirato omíada, cuja capital se situava em Córdoba, a aristocracia árabe assentou em lugares escolhidos, como Silves, Sevilha ou Niebla, e os clãs berberes nas áreas serranas e da Meseta, como por exemplo em algumas comarcas da Extremadura espanhola. Apesar da islamização, a população hispana manteve um percurso ascendente, com frequentes tensões entre grupos da sociedade andaluza e as lutas com o poder central, conflitos que se acentuaram



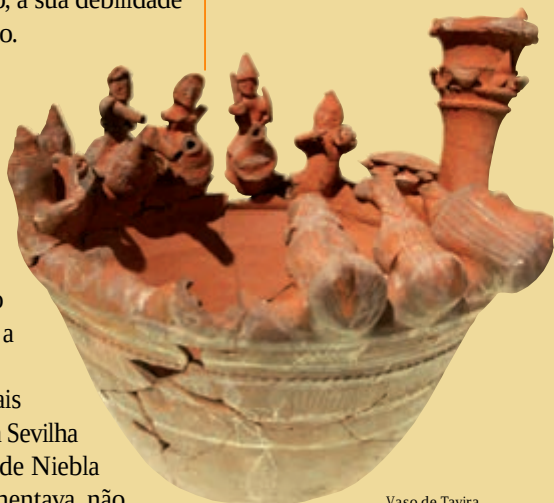
no final do século IX e que não terminaram até à chegada do governo de Abd al-Rahman III, que no ano 929 proclamou o califado omíada de Córdoba.

Foi nesta altura que *al-Andalus* alcançou o seu apogeu como estado unificado, cuja influência se estendia até ao norte de África, graças à grandeza da agricultura, aos trabalhos manufaturados e ao comércio, e à revitalização das cidades. Ainda que alguns núcleos do passado tenham ficado entretanto despovoados, a maioria dos povoados existentes, desde o Estreito ao vale do Guadalquivir e o Ocidente, *al-Garb al-Andalus*, passaram por um notório crescimento, como foi o caso de Silves, que chegou a ser conhecida como a *Bagdad do Ocidente*, *Labla* (Niebla) ou *Welba* (Huelva), que sobressaíam como capitais das suas *coras* ou províncias, e de *Al-Ulya* (Loulé), que as crónicas descrevem como uma medina fortificada e próspera, pertencente ao Reino de Niebla, ou *al-Buhera* (Albufeira), cujo castelo se converteu na época muçulmana num importante forte contra as incursões cristãs na zona.

Devido à crise interna e a pressão cristã, o califado cordovês acabou por desintegrar-se no século XI, dando azo a um mosaico de reinos de taifas nas cidades grandes. No braço de ferro que se seguiu, os mais fortes tornaram-se mais fortes até ao surgimento do reino dos descendentes de Mohámed ben Abbad, de Sevilha, e do reino dos Aftásidas de Badajoz, que no final do século se repartiram pelo sudoeste de *al-Andalus*. A altivez e esplendor cultural das suas cortes não atenuaram, no entanto, a sua debilidade política e militar frente ao impulso cristão.

Almorávidas e Almóadas

Desairados pelos persistentes problemas dos monarcas andaluzes, os Almorávidas resolveram estender o seu império sobre *al-Andalus*, fazendo-o pouco a pouco com todos os seus principados. Em 1091 assaltaram Sevilha, completando o seu domínio do Ocidente andaluz. Sob a sua autoridade as cidades hispano-árabes ampliaram a sua superfície e tornaram mais robustas as suas defesas: sobressaindo agora Sevilha como a principal urbe de *al-Andalus*, além de Niebla e Silves. Porém, no Ocidente andaluz, fermentava, não



Vaso de Tavira.
Museu Municipal de Tavira



Mapa al-Idrisi (1154)

obstante, a revolução contra os almorávidas, conduzida pelo místico Ibn Qasi e inspirada pelo novo movimento dos *unitários* ou Almóadas, que desde o seu bastião de Tinmel, nas montanhas do Atlas marroquino, acabaram por conquistar os Almorávidas tanto no Magrebe como na Península Ibérica.

Depois de uns parênteses de agitações em que voltaram a surgir efémeros reinos de taifas e foram frequentes as trocas de lados da barricada, na segunda metade do século XII os Almóadas ratificaram o seu poderio nas duas margens do Estreito, cujos portos, de importância vital para a comunicação do seu império, conheceram um desenvolvimento sem precedentes. No caso de Silves, o crescimento da cidade e a sua importância estratégica fizeram que a dinastia almóada se apoiasse nas suas defesas passivas, e por isso, não é de admirar que muito do que hoje podemos apreciar pertença, em grande parte, ao último período do domínio almóada na cidade. No meio destas convulsões, Santarém e Lisboa tinham passado para mãos cristãs em 1147. Sevilha, por sua vez, passou a ser a capital almóada do *al-Andalus*. Os grandes califas Abu Yaqub Yusuf e o seu filho Yaqub al-Mansur impulsaram a expansão e o fortalecimento das urbes ocidentais de *al-Andalus*, que desde então se converteram em focos urbanos de primeira ordem. *Al-Andalus* retomou o seu apogeu sob um forte poder que manteve na fronteira com os cristãos, com constantes expedições em terras fronteiriças e com vitórias como a de Alarcos, em 1195.

Nos alvares do século XIII aconteceu uma mudança de rumo. O desgaste do império almóada findou em 1212 com a crucial derrota na batalha de *Navas de Tolosa*, que deixou o terreno livre para o avanço envolvente dos cristãos até meados da centúria. As perdas de Santarém, Lisboa e Évora, em 1217-18 com a queda de Alcácer do Sal, e pouco



depois Beja, Mértola, Paderne, Silves e, finalmente, em 1248, Sevilha, cuja tomada acarretou a submissão e consequente conquista de Niebla, Jerez, Arcos e outras vilas circundantes. O território de *al-Andalus* ficou reduzido às praças do Estreito e ao reino nazari de Granada.

Da Baixa Idade Média à Era dos Descobrimentos

Tal como as duas faces de uma mesma moeda, a trajetória de *al-Andalus* no sudoeste peninsular foi acompanhada pela dos reinos cristãos na sua progressão para sul. Um feito de especial significado foi a proclamação como principado independente por parte de D. Afonso Henriques do condado portugalense, origem do reino português, após a vitória em Ourique, no Alentejo, sobre os Almorávidas em 1139, posição que revalidou ao conquistar em 1147 Santarém e Lisboa, com a colaboração dos cruzados ingleses, franceses e de outras nações. Em 1249 Afonso III com a ajuda de D. Paio Peres Correia, conquistou o castelo de Loulé. Apenas um ano mais tarde viria a conquistar Albufeira graças ao apoio de mais de 200 cavaleiros da Ordem de Avis.

A partir daqui, os reinos de Portugal e de Castela e Leão impulsionaram as suas conquistas em direção a Sul de forma paralela. Enquanto os leoneses-castelhanos Fernando III e Afonso X dominavam desde o vale do Guadalquivir, passando pelo litoral do Estreito até ao Guadiana, os soberanos lusitanos chegavam ao Algarve. As fronteiras entre ambas as coroas foram fixadas nos tratados de Badajoz (1267) e Alcanizes (1297).

Os castelhanos prosseguiram o conflito com os nazarís de Granada e os sultões meríniés de Fez, que intervieram no extremo meridional da Andaluzia entre os séculos XIII e XIV. Foi então que ocorreu uma disputa ferrenha pelo controlo da zona estratégica do Estreito, que depois de ser a ponte de união entre Europa e África, passou a ser o limite de dois bandos rivais. Niebla, que se tinha transformado no último baluarte do Ocidente andaluz, fora incorporada em 1262 na Coroa de Castela pelo rei Afonso X após um longo assédio. Depois de várias batalhas e assédios, a toma de Algeciras por Afonso XI em 1340



Monumento a Cristóvão Colombo. Huelva



Sevilha. Braun y Hogenberg
Civitates Orbis Terrarum

garantiu o triunfo castelhano. Em direção ao interior, as cidades andaluzas remodelavam-se de acordo com a nova ordem, e as cidades portuguesas reorientavam-se para a projeção atlântica. No sudoeste da Península, o final da guerra com os muçulmanos desembocou no início de uma fulgurante expansão marítima. Ao longo do século XV, sob o auspício do rei, o Infante D. Henrique, conhecido como o

Navegador, fez com que os portos meridionais lusitanos permitissem a ocupação de praças no Magrebe, como Ceuta, e a exploração, fundação de estabelecimentos e abertura de rotas até ao golfo da Guiné e, mais tarde, até ao Índico e ao Oriente. Um fenómeno similar ocorreu na faixa costeira da Andaluzia: em 1492, no mesmo ano em que culminou a conquista de Granada, Cristóvão Colombo assinalava o caminho até ao Novo Continente depois de ter zarpado de Palos, no litoral de Huelva. Nos séculos vindouros, Portugal e Espanha, cujas coroas se unificaram entre 1580 e 1640, criaram impérios ultramarinos que dominavam a costa atlântica de África e o continente americano.

Até à modernidade

Com histórias comuns, paralelas e partilhadas, as terras andaluzas e portuguesas do Ocidente continuaram a sua caminhada até à Idade Contemporânea assumindo um certo declínio durante a época dourada do século XVI, acontecimentos como o terramoto de 1755, cujo epicentro se localizou a sudoeste do Cabo de São Vicente, teve consequências graves em toda a zona, e perturbações como as invasões napoleónicas da Guerra da Independência ou da Guerra Peninsular no começo do século XIX. Sob um malogrado caminho político, marcado pelo rigor de ambas ditaduras já no século XX, e um contexto económico condicionado pela tradição e o peso das atividades agrárias, este singular espaço geográfico e humano que se estende entre o sudoeste da Ibéria, do Estreito ao Guadiana, do Algarve a Lisboa, soube, no entanto, renovar-se nas últimas décadas, e sem perder as suas raízes e valores, conseguiu inserir-se nos dias de hoje estando a par da mais genuína modernidade.



Rio Tinto



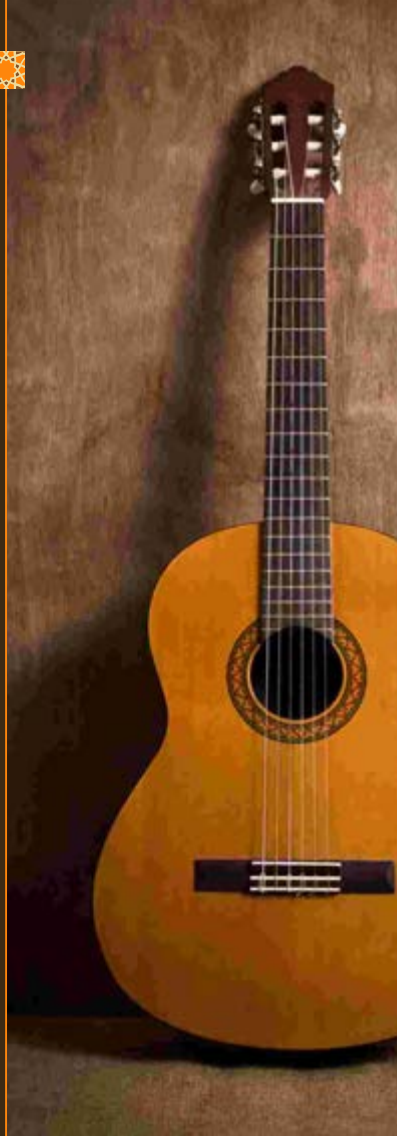
MÚSICAS

Os ares e as melodias que sulcam o ambiente deste itinerário fazem lembrar muitas vezes os ecos evocados na outra margem do Estreito e a herança andaluza. Assim se reconhece, sem dúvida, no *flamenco*, a manifestação musical mais arraigada e representativa da Andaluzia.

Nas localidades espanholas do itinerário, a província de Huelva é a indiscutível terra dos *fundangos*. Em Portugal, a música tradicional é acompanhada pela inconfundível guitarra portuguesa, de doze cordas, da guitarra de seis ou viola, e de acordeões, tambores e outros instrumentos. No Algarve dançam-se os *corridinhos*. O fado, com o seu epicentro em Lisboa, sobressai devido à sua personalidade forte e notável projeção. Tal como é próprio das músicas de raízes profundas, o fado tem origem longínqua e controversa, estando relacionado com as tradições musicais islâmicas do Norte de África, com os cânticos da gente do mar e com os cantares afro-brasileiros.



Guitarra portuguesa



Guitarra espanhola



GASTRONOMIA



“Um autêntico paraíso gastronómico” seria a melhor classificação para o cenário desta rota, tanto pela variedade e qualidade dos produtos que o viajante descobre ao longo da jornada como pela deliciosa diversidade de receitas e recursos culinários.

Por situar-se entre a costa atlântica e o interior, as regiões que este itinerário atravessa proporcionam uma oferta que compagina uma seleção escolhida de marisco até aos frutos da terra. Como elemento comum a ambos os lados da fronteira, as azeitonas e o azeite, de qualidade inigualável tanto na Andaluzia ocidental como em Portugal. O mesmo acontece com as verduras e os legumes, que são a base de pratos de reputada projeção como o gaspacho, para além das saladas, cremes e sopas.

O peixe e o marisco mais apreciados podem ser degustados na maior parte do trajeto. Desde o sublime atum capturado nas armações, a ancestral arte de pesca artesanal, ao goraz, a corvina, dourada, robalo, linguado ou sardinhas, ideais para a sua preparação na brasa, com sal ou com substanciais guisados. São espécies às que se somam outras como salmonetes, biqueirão, cação, chocos e lulas, que se apresentam fritos e que constituem uma das especialidades mais características das localidades andaluzas. O marisco, muito abundante, é outra das estrelas gastronómicas do itinerário tanto na Andaluzia como em Portugal, pela delicadeza das gambas, lagostins, cigalas e lavagantes, e também pelos moluscos de concha, como ameijoas e conquilhas cozidas, grelhadas, salteadas, em arroz ou na cataplana típica do Algarve. Ainda que proveniente de outras latitudes, o bacalhau ocupa um lugar especial de destaque. Na cozinha onubense existe o arroz de bacalhau. Se na Andaluzia se serve frito, em estaladiças tortilhas, e em consistentes sopas, em Portugal é um dos pratos fundamentais da cozinha tradicional e protagoniza um receituário inesgotável, contando-se, diz a tradição, 365 formas de cozinhar o *fiel amigo*.





Neste itinerário especial destaque para as carnes, sobretudo nas zonas de serra que se encontram a noroeste do Algarve, e na serra onubense. A Serra de Aracena e *Picos de Aroche* é afamada por criar o porco ibérico do qual se obtém um presunto de sabor inigualável. Também habituais destas regiões são as carnes de aves e a caça. Os pratos elaborados com cogumelos encontram nesta região exemplos da melhor cozinha popular, como a deliciosa sopa de cogumelos de Almonaster la Real. Não nos podemos esquecer dos enchidos e as *chacinas* ou *cecinas*, as carnes curadas do porco ibérico.

A gastronomia do sudoeste da Península remata-se com excelentes frutas frescas da época como as laranjas e os figos, doces e pastelaria que são um verdadeiro desafio à imaginação e uma demonstração patente de uma síntese de culturas e tradições (Dom Rodrigo, folar, doce fino (massapão), figos recheados, toucinho do céu, doces de amêndoa, bolos, etc.) e produtos naturais como o mel e os queijos que têm tantas variações e especialidades como etapas tem um caminho.

Por último, é indispensável aludir a um dos capítulos mais celebrados da gastronomia desta rota, o dos vinhos. Na província de Huelva existe a *Denominação de Origen Condado de Huelva* que engloba vinhos muito variados e de grande reputação. As suas vinhas estendem-se sobre os terrenos planos ou ligeiramente ondulados onde se cultiva a variedade de uva branca *listán del Condado* entre outras. Uma menção especial é merecida pelo vinho laranja, designado dessa maneira porque é aromatizado com cascas de laranja amarga sujeita a um processo de maceração.

Dentro do alcance deste itinerário, em Portugal são de menção obrigatória os vinhos de Lagoa da região do Algarve, elaborados com as variedades negra mole, periquita, monsedro e moreto. Os vinhos da *Denominação de Origen de Lagoa* podem ser brancos ou tintos. Em Tavira são produzidos vinhos muito característicos do clima cálido da zona. Também têm grande prestígio os vinhos rosés, ligeiros e frescos, ideais para acompanhar um prato de peixe ou de marisco.





Itinerário



Aljezur

Sagres

Silves

Albufeira

Paderne

Loulé

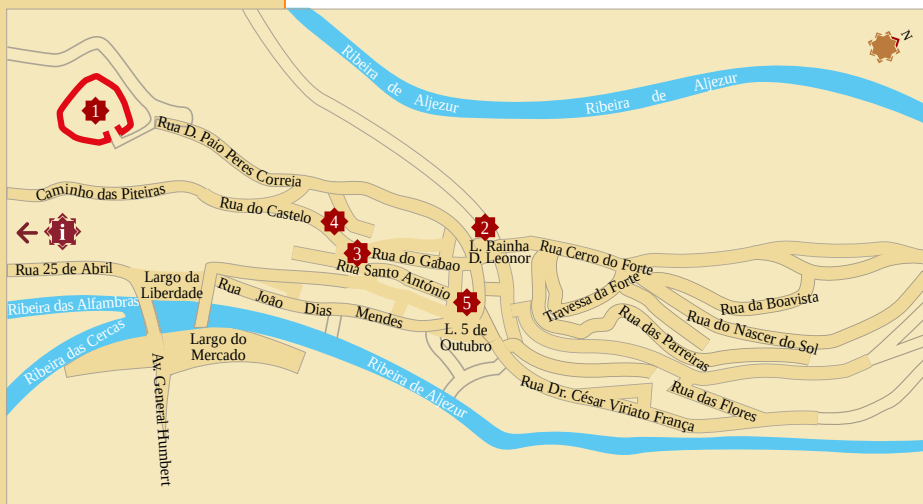
Tavira

Huelva

Niebla

Almonaster la Real

Cortegana



- 1 Castelo
- 2 Igreja da Misericórdia e Museu de Arte Sacra
- 3 Museu Antoniano
- 4 Casa Museu Pintor José Cercas
- 5 Museu Municipal de Aljezur



 Posto de turismo
Rua 25 de Abril, 138
8670-088 Aljezur
Tel. 00351 282 998 229

Aljezur

Introdução histórica

O homem habitou estas terras desde a pré-história, havendo vários locais onde essa presença está devidamente confirmada por trabalhos arqueológicos.

A fundação de Aljezur é atribuída aos árabes no século X, chamando-lhe *Al-jazeera*. Dominaram todo o *Gharb* até aos finais do século XIII. Foi o povo que mais tempo permaneceu neste território, deixando importantes vestígios, sendo o Castelo de Aljezur, o último reduto árabe a ser conquistado em 1249 pelos Cristãos.

O herói desta proeza foi D. Paio Peres Correia, Mestre





da Ordem de Santiago, reinando D. Afonso III de Portugal, que doou após a conquista todo território de Aljezur à referida Ordem. Aljezur recebe, a 12 de Novembro de 1280, em Estremoz, o seu primeiro Foral de vila dado por D. Dinis. O mesmo Rei, em 1 de Dezembro de 1297, faz uma Carta de Escambo (carta de permutação), com a Ordem de Santiago, na qual o Rei entregava ao Mestre daquela Ordem, D. João Osorez, os Castelos de Aljezur e Marachique e as vilas de Ourique e Almodôvar, por troca com a vila de Almada e seu termo.

O Rei D. Manuel I concede a Aljezur um novo Foral em Lisboa a 1 de Junho de 1504. Esta Carta de Lei, que substituiu o antigo Foral de 1280, esteve em vigor até 1836.

Aljezur possuiu outrora um importante porto, deixando o rio de ser navegável depois do violento sismo de 1 de Novembro de 1755.



Aljezur



Praia do Monte Clérigo



Praia de Arrifana

Vista panorâmica de Aljezur





Castelo de Aljezur



Igreja da Misericórdia e Museu Municipal

Património monumental

Hoje, Aljezur possui um Centro Histórico onde algumas ruas ainda ostentam um traçado medieval e as casas denotam influências árabes, de construção em taipa e caiadas de branco. Aqui, vários equipamentos culturais atraem o visitante: Museus, Igrejas e o Castelo de Aljezur.

Castelo de Aljezur

A sua fundação é atribuída aos árabes no Séc. X. Possui cerca amuralhada, duas torres e uma cisterna. Do castelo desfruta-se excelente panorama de toda a área envolvente.

Igreja de Santo António

É uma construção do Séc. XVII, recentemente restaurada, alberga hoje um interessante Museu de temática Antoniana.

Igreja da Misericórdia

Situada em pleno Centro Histórico de Aljezur, a igreja da Misericórdia foi edificada no Séc. XVI, tem um portal renascentista. Da sua fachada, bastante simples, destaca-se a torre sineira com três sinos do Séc. XVIII. Anexo à Igreja da Misericórdia, está o Museu de Arte Sacra.

Museu Municipal – Espaço de Memórias

Antigo edifício dos Paços do Concelho, Séc.XIX, está hoje transformado em Museu Municipal. Acolhe os Núcleos de Arqueologia e Etnografia e o Espaço de – O Legado Andalusino.



“Tesouro” - Museu Municipal

Visitas e passeios

No Castelo de Aljezur termina o Circuito Histórico-Cultural, percurso que constitui o primeiro itinerário turístico para o Centro Histórico da vila. Um passeio pelas suas ruas tortuosas e labirínticas, algumas ainda com calçada medieval, transporta-nos até aos longínquos tempos da moirama. É um percurso onde contrasta a exiguidade das casas feitas em taipa, caiadas de branco, arrumadas ao longo das colinas com a monumentalidade de uma paisagem que se estende desde o mar até à Serra de Monchique. É um passeio a não perder para todos aqueles que queiram conhecer Aljezur de uma forma mais próxima, ousando calcorrear vielas cheias de história e romantismo.

Algumas ruas dão acesso à ribeira, outrora porto fluvial por pequenas azinhagas, onde existiam cais de amarração de barcos.

É imperdível uma visita aos museus



Ribât de Arrifana



Fortaleza da Arrifana



Praia da Amoreira



Povoado Islâmico de Pescadores - Carrapateira



Rua típica de Aljezur

existentes no Centro Histórico de Aljezur; o Legado Andalusino; o Museu Antoniano, a Casa Museu Pintor José Cercas, com todo o rico espólio legado pelo pintor aljezurense à sua terra e o Museu de Arte Sacra, anexo à Igreja da Misericórdia (Séc. XVI).

Também os desportos de natureza são grande atractivo para os visitantes, com especial referência ao surf, body board e kitesurf, os quais se podem praticar em inúmeras praias ao longo da Costa Oeste do Algarve, todas situadas em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

Artesanato

Aljezur não é rico em artesanato. Perduram na lembrança das gentes da terra os trabalhos em vime e os talheres em madeira. Hoje predomina o artesanato em madeira e barro ou cerâmica, os trabalhos em renda e a trapologia.



Tear



Artesanato local

Festas tradicionais e gastronomia

Na Sede do concelho têm lugar ao longo do ano, várias festas religiosas, sendo de destacar as festas em honra da Padroeira *Nossa Senhora da Alva* que se realiza em Setembro. Também em Julho têm lugar as festividades em honra da Rainha Santa Isabel, Padroeira das misericórdias.

O Festival da Batata-Doce é a maior festa da gastronomia que se realiza no sul de Portugal no mês de Novembro.

Por todas as Freguesias rurais têm várias festividades ao longo do ano.

São os festejos populares, os lugares ideais para se degustar a gastronomia local e a doçaria.



Pastéis de batata-doce



Carangueijos



Doce fino de amêndoa



Prato de Lagosta Rechada



Percêves



- 1 Fortaleza do Cabo de São Vicente
- 2 Forte do Belixe
- 3 Fortaleza de Sagres
- 4 Forte da Baleeira
- 5 Ruínas romanas do Martinhal



i Posto de turismo
Paços do Concelho
8650-407 Vila do Bispo
Tel. 00351 282 630 600



Introdução histórica

Sagres situa-se na esquina Sudoeste da Europa, onde a Serra de Espinhaço de Cão delimita a Oriente e separa do restante Algarve um planalto elevado de forma triangular, cujas vertentes marítimas, cortadas por arribas, são balizadas pela Ponta da Piedade, a sueste, e pelo Pontal da Carrapateira, a noroeste. O seu vértice sudoeste bifurca-se em vários cabos, entre eles o Cabo de São Vicente, a Ponta de Sagres e a Ponta da Atalaia. Os textos da Antiguidade Clássica descreveram estas paragens como uma finisterra envolta em neblinas e mergulhada no mistério das incertezas oceânicas. A história do Barlavento Vicentino é, assim, a história dos habitantes dessa cunha de terra metida pelo mar, assim destacada em todos os velhos mapas e à qual os antigos chamaram *Promunturium Sacrum* e os muçulmanos *Chakrach*.

Tradicionalmente, os naturais desta região não se consideravam a si próprios como algarvios, nem como tal os tinham as populações vizinhas: eram gente do Cabo, sobre a qual corria a fama de afundadora de navios, vivendo dos salvados dos naufrágios provocados pelo acendimento de falsos faróis. O extremo Barlavento manteve-se assim, até aos nossos dias, apartado das paisagens do Litoral Sul e do Barrocal, e do modo de vidas das suas comunidades.



Conhecem-se nesta região vestígios de povoamento Paleolítico, com destaque para o sítio de Vale Boi, com ocupações mustierense, solutrense e gravetense sob abrigo e em terraço; sinais da presença das últimas comunidades de recoletores, como em Castelejo; e diversos vestígios neolíticos, com uma surpreendente quantidade de menires, isolados ou dispostos em pequenos alinhamentos e recintos. A partir do IV milénio a.C., o Cabo é ocupado por comunidades com uma organização social mais complexa, estratificada. E são essas comunidades que, a partir dos inícios do I milénio a.C., entram em contacto com os mercadores fenícios. É então, quando os produtos do então Extremo Ocidente atraem, de forma regular, os mareantes do Mediterrâneo, que Sagres entra definitivamente na história e na lenda do Mundo Antigo. É no Cabo que os autores clássicos situam um santuário consagrado a Melkart-Hércules-Saturno. Ao carácter místico do promontório juntou-se a abundância de recursos das águas marinhas: sob o domínio de Roma, desenvolveram-se aqui diversos aglomerados populacionais cuja principal atividade foi a produção, envasilhamento e distribuição de preparados de peixe, e que continuaram economicamente ativos até ao século VII da era cristã.

Já sob domínio muçulmano, seguindo a tradição de religiosidade destas paregens, os restos mortais de São Vicente foram deslocados de Valência para o Cabo, onde



Ponta de Sagres e Ponta da Atalaia



Caravela

ficaram depositados na Igreja do Corvo, num *monasterium* até agora por localizar com precisão mas que é descrito por al-Idrisi no século XII. Por essa altura, o culto vicentino atrai numerosos peregrinos, cristãos do Norte, muçulmanos e, sobretudo, moçárabes, a este local, que se tornara o mais famoso dos santuários cristãos do *al-Andalus*.

O facciosismo almorávida propiciou dificuldades crescentes, ou mesmo a destruição, deste santuário. Em 1173, num período de trégua entre os portugueses e os almôadas (e provavelmente com o consentimento destes), as relíquias de São Vicente foram transladadas por iniciativa do primeiro rei português, Dom Afonso Henriques, ficando desde então depositadas na cidade de Lisboa, em cujo brasão de armas, com a barca vicentina e os corvos, se comemora esse facto. Três séculos mais tarde, percebendo a enorme importância do mar como fonte de rendimentos, o Infante Dom Henrique obtém, em 1443, permissão para fundar uma vila na Ponta de Sagres. Aqui viverá o Navegador os seus últimos dias. Dessa sua Vila do Infante datam várias cartas e o seu derradeiro testamento. E aí morrerá, em 13 de novembro de 1460. Situada 10km para norte de Sagres, Vila do Bispo, é a sede do Concelho. A sua atual designação tem origem na transição para o século XVI, mais concretamente na viagem que o rei D. Manuel empreendeu ao Cabo de São Vicente. Nessa ocasião, passando pelo lugar de Santa Maria do Cabo, doou a povoação ao bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, passando então esta a designar-se Aldeia do Bispo. A 7 de Junho de 1662, a localidade passou para a posse de Martim Afonso de Melo, segundo Conde de São Lourenço e, um ano depois, a povoação foi elevada a vila.



Património monumental

Fortaleza de Sagres

A enorme erosão do lugar e o curso da história quase não nos deixaram restos da Vila do Infante: os muros e portas da barbacã e os desmantelados alicerces de uma muralha em dente-de-serra (registada por William Borough aquando do ataque de Francis Drake, em 1587, num pergaminho hoje conservado na British Library, onde figuram todas as fortalezas situadas entre o Cabo de São Vicente e a Baleeira), uma torre cisterna, os alicerces da muralha que protegia a vila do lado sul, a igreja paroquial (renovada nos finais do século XVI) e o conjunto, supostamente autêntico, da chamada correnteza, uma fileira de vivendas de piso térreo com um único vão de acesso e iluminação que se dispõem paralelas à linha da muralha. Tudo o mais não vai além do século XVIII.

Fortaleza do Cabo de São Vicente

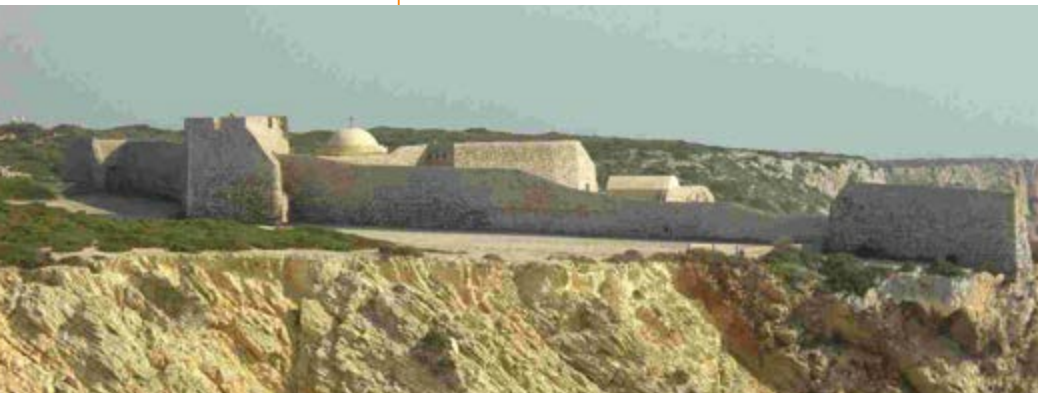
Conquistado definitivamente o Algarve aos mouros, em meados do século XIII, foi retomado o culto a São Vicente, com implantação de uma ermida de evocação ao santo. Entre 1434 e 1444 foi construído no cabo um convento de frades franciscanos protegido por uma muralha. Em 1508 o Bispo do Algarve, Dom Fernando Coutinho, doou as instalações aos frades Jerónimos, passando estas a incluir um farol cuja manutenção ficou a cargo dos monges. Muito danificado pelo ataque de Drake de 1587, o mosteiro fortificado foi reconstruído durante a época filipina, sendo o local reocupado pelos monges nos inícios do século XVII. No reinado de Dona Maria II, foi promovida a construção do atual farol, que entrou em funcionamento em 1846 e foi profundamente renovado entre 1897 e 1908. A partir de 1926 o farol foi eletrificado. Na fortaleza, a

Cabo de São Vicente





Marinha Portuguesa instalou um pólo museológico onde se apresentam temas ligados ao local e à sua história e à evolução dos sistemas de alumiamiento da costa e apoio à navegação.



Fortaleza de Santo António do Beliche

Fortaleza de Santo António do Beliche

O conjunto edificado é composto por um recinto de planta poligonal com um único vão de acesso, protegido por um torreão de dois pisos. A fortaleza já existia no século XVI mas ignora-se a data da primitiva construção. Remodelada em 1632, foi desativada em 1849 e convertida em 1960 em estrutura hoteleira.

Forte de Baleeira



Forte da Baleeira

É uma pequena fortificação de planta triangular, localizada na parte superior da arriba, dominando a enseada da Baleeira.. A fortaleza já se encontrava edificada em 1573, não se sabendo ao certo a data da sua construção. O desenho de William Borough, coevo do ataque de Francis Drake, mostra uma fortificação com torreão e muros em dente de serra. Da reedificação levada a cabo entre 1633 e 1644 sendo Governador D. Luís de Sousa, resultou uma fortificação moderna, mantendo a planta triangular. Subsistem ruínas de parte da muralha e de um baluarte, e o arco de alvenaria da porta de entrada foi restaurado em 1960. Não subsistem já quaisquer vestígios da antiga ermida de invocação de Nossa Senhora da Guia.



Igreja Matriz de Vila do Bispo

É uma típica edificação religiosa barroca, do século XVII, de planta longitudinal composta por nave única e capela-mor retangular, com torre sineira, adossada do lado Sul, e sacristia. Apesar das modificações de épocas posteriores, o conjunto mantém ainda as suas características originais. No interior do templo, triunfa a exuberância barroca setecentista, estando as paredes integralmente cobertas por azulejos da primeira metade do século (ao redor de 1715) e talha dourada (documentada a partir da década de 20). De nave única relativamente modesta, a exuberância desta decoração total faz com que se reafirme o estatuto de quase-gruta tão ao gosto do Barroco. As composições azulejares são de padrão geométrico e floral, não existindo qualquer cena figurativa. O teto é de caixotões de três lanços de madeira, profusamente decorados com motivos vegetalistas, e existem três capelas de arco de volta perfeita que integram retábulo de talha dourada joanina. A capela-mor é antecedida por arco triunfal a pleno centro e é coberta por abóbada de canhão, por sua vez integralmente revestida por pintura. O retábulo-mor é de quatro arquivoltas de colunas torsas e integra axialmente ampla tribuna de trono piramidal, com abóbada interior revestida com soluções pictóricas semelhantes as da cobertura da capela-mor. É uma das mais importantes realizações barrocas do Barlavento Vicentino e, certamente, a principal edificação religiosa da época moderna que se conserva nestas áridas e ventosas terras do Barlavento Vicentino. Na sacristia, conserva-se uma coleção visitável de arte sacra.

Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe

O templo constitui um dos mais antigos exemplares da arquitetura gótica no Algarve. Na capela-mor, todos os capitéis, tal como as chaves da abóbada, possuem decoração esculpida com motivos vegetalistas, máscaras humanas e outros atributos, de decifração complexa. Um arco triunfal separa a capela-mor da nave, dotada de dois grandes arcos sobre os quais assenta a cobertura de madeira. Na fachada principal, encimada por um óculo, abre-se um portal de arco quebrado. Construído em grés da região, e situado numa zona de fronteira, do Reino e da Cristandade, assolada pelo corso muçulmano, o templo encontra-se ligado ao resgate dos cativos, o que explica a sua insólita decoração.



Iglesia Matriz de Vila do Bispo



Ermida de Nossa
Senhora de Guadalupe



A quinta sobranceira à Ermida foi um dos pousos do Infante Dom Henrique, durante o auto-exílio algarvio que marcou a fase final da sua vida, após a gorada conquista de Tânger de que resultou cativo o, nunca resgatado, Infante Santo. Ali terá recebido a visita do veneziano Luís da Ca'damosto, o que confere a este lugar uma particular relevância histórica. Na casa rural, anexa ao templo, foi instalada uma exposição sobre a vida e obra de «Henrique, o Infante que mudou o Mundo».

Igreja Matriz da Raposeira

Templo manuelino, edificado, muito possivelmente, na primeira metade do século XVI. É uma realização relativamente modesta (nave única de dois tramos e capela-mor retangular, integralmente coberta por teto de madeira), própria de uma região rural e periférica, embora de inegável importância na conjuntura tardo-gótica portuguesa. O templo manteve até aos nossos dias as suas características originais, sem significativas campanhas de obras posteriores, sendo ainda muitos os vestígios manuelinos no conjunto, a começar pelo portal principal, escassamente decorado, limitando-se a decoração aos capitéis, ornamentados com singelos motivos vegetalistas e geométricos, e às bases dos colunelos. As entradas laterais foram tratadas de forma ainda mais sumária. A do lado Norte é de lintel reto. A do lado Sul é mais característica, com perfil superior contracurvado e moldurado. No interior, o arco triunfal é o elemento original mais importante e, ao contrário das



faces exteriores dos portais, revela um maior cuidado estilístico. Na primeira metade de Setecentos construíram-se dois retábulos de talha dourada que ladeiam o arco triunfal. No exterior, a campanha barroca fez-se também sentir. O registo superior da fachada principal, em empena triangular e com janelão axial quadrangular provido de grelha, deverá datar deste período, assim como a torre sineira que se adossa do lado Sul, com quatro arcos de volta perfeita, pináculos nos ângulos e coroamento piramidal. A igreja permanece como uma das mais interessantes construções manuelinas do extremo Sudoeste do território continental português e evoca simbolicamente o período em que a região mais floresceu, precisamente a transição para o século XVI.

Ruínas romanas da Boca do Rio

Ruínas de uma vasta instalação de produção de preparados de peixe, que esteve ativa entre os séculos III e VI da era cristã, num local comprovadamente ocupado já desde o século I. Nas construções arruinadas e ameaçadas pela erosão da linha de costa, reconhece-se uma área residencial com mosaicos e balneário, uma área industrial com cetáreas e instalações de processamento do pescado; mais afastado para poente, identificou-se o correspondente cemitério, já em parte destruído pela erosão da arriba. Sobre os vestígios da época romana, foram edificados no século XVIII, ao tempo do Marquês de Pombal, dois barracões da Real Companhia de Pescas do Algarve, para apoio da atividade de uma almadrava.

Ruínas romanas
da Boca do Rio





Fortaleza de São Luís de Almádena

Localizado na parte superior da arriba e nas rechãs do alcantilado, debruçado sobre o mar, o forte foi edificado em 1632, sendo governador do Algarve D. Luís de Sousa, tendo como principal objectivo proteger uma armação de pesca. De planta poligonal, o recinto encontra-se atualmente muito deteriorado, embora ainda se possam distinguir os elementos que o constituem. A fachada principal, onde subsiste a porta de armas, é antecedida de fosso, possuindo baluartes poligonais nos ângulos. No interior da praça subsistem as estruturas de construções abobadadas com terraços, correspondendo às casernas e ao paiol, uma capela e as plataformas das baterias, dispostas em rechãs sobre a falésia.

Visitas e passeios

Trilho Cultural do Monte dos Amantes

Percurso de descoberta dos menires. Tomando a estrada antiga de Sagres para Vila do Bispo, e passando sob o viaduto da estrada recente, o percurso tem início num ponto de interpretação. A partir desse ponto, o percurso faz-se a pé, através do campo, num trilho sinalizado ao longo do qual é possível observar um sepulcro megalítico e diversos menires neolíticos.

Trilho Ambiental do Castelejo

Percurso circular, que tem início junto ao parque de merendas, a cerca de 2km de Vila do Bispo, na estrada que vai para o Castelejo. Seguindo para sul, até à casa do guarda, percorre-se uma zona de pinhal, com estrato arbustivo de tojo, aroeira, esteva, roselha, sargaço, rosmaninho e medronheiro. A parte intermédia do percurso desce ao longo de um barranco arborizado por pinheiro manso, com algum eucaliptal. Aqui, o caminho ladeia um pequeno ribeiro com típica vegetação ripícola, com tabúia e tamargueira. A seguir, o percurso adentra-se numa zona de estevas. Passando em locais privilegiados para observação da paisagem, já no regresso ao início do percurso pode, em certos pontos, ver-se o vale e a praia do Castelejo. Fauna de aves, alguns répteis e mamíferos como o javali, a raposa e o coelho bravo.



Artesanato

Camisolas de lã (tradicionalmente usadas pelos mareantes e pelos marisqueiros)

Gastronomia

A gastronomia baseia-se no que o mar oferece, essencialmente um leque variado de peixe fresco, pescado em embarcações de pesca tradicional ou à linha, do alto das arribas, confeccionado de variadíssimas formas (em Sagres destacam-se a moreia frita e a massa de peixe), o marisco, que se come cozido, e os bivalves, que são abertos na chapa. Na época de caça (outubro a dezembro), é comum confeccionarem-se pratos de javali, perdizes, codornizes, lebre ou coelho bravo. Na doçaria utiliza-se o figo e a amêndoa com abundância, bem como a massa de pão com açúcar acrescido de outros ingredientes, como por exemplo os torresmos.

Festas tradicionais

Festas de
São Vicente

Festa religiosa tradicional em honra do padroeiro local. Há uma missa, seguida de procissão pelas principais ruas da vila.
Anual: 22 de janeiro

Festas de Sagres

Festa religiosa tradicional em honra de Nossa Senhora da Graça, padroeira de Sagres.
Procissão por mar até ao Cabo de São Vicente.
Anual: 14 e 15 de agosto

Personagens históricas

Infante Dom Henrique

Quinto filho de Dom João I de Avis e de Dona Filipa de Lencastre (Lancaster), nascido na cidade do Porto, em 4 de março de 1394, e falecido em Sagres, em 13 de novembro de 1460. Educado no culto ambiente da corte portuguesa, onde pontificava sua mãe, não descurou as atividades cavaleirescas, tão ao gosto do tardo medievo. Em 1415, com 21 anos de idade, participou na tomada de Ceuta, acontecimento que marcou o arranque da expansão ultramarina portuguesa. Encarregue do governo da cidade, tornou-se, desde então, no principal promotor da implantação portuguesa em Marrocos, da exploração da costa ocidental africana e das navegações atlânticas, conjugando a vertente guerreira e de consolidação dos senhorios com a vertente comercial. Armado cavaleiro, com casa senhorial estabelecida, e administrador da Ordem de Cristo, cujos bens colocou ao serviço da expansão, foi de entre os seus escudeiros e criados que saíram alguns dos mais relevantes mareantes da época. Impulsionou os estudos superiores, doseando o conhecimento com as inovações proporcionadas pela experiência adquirida pelos seus homens nas viagens de navegação. Abriu caminho a uma nova era e contribuiu para mudar a conceção do mundo. Nos últimos anos de vida retirou-se da corte para o Algarve, onde deteve os senhorios de Sagres, Alvor, Silves e Lagos, verdadeiro centro das viagens de Descobrimento.



Silves

- 1 Castelo de Silves
- 2 Muralhas da Almedina
- 3 Sé Catedral
- 4 Igreja da Misericórdia
- 5 Museu Municipal de Arqueologia
- 6 Pelourinho
- 7 Igreja de N. Drª dos Mártires
- 8 Ponte Velha
- 9 Torreão das Portas da Cidade
- 10 Palacete dos Viscondes de Lagoa
- 11 Rua da Sé
- 12 Rua Portas de Loulé
- 13 Casas Grandes
- 14 Câmara Municipal de Silves
- 15 Praça Al'Mutamid
- 16 Centro de Interpretação do Património Islâmico
- 17 Biblioteca Municipal de Silves
- 18 Teatro Mascarenhas Gregório

1 Centro de Interpretação da Cultura Islâmica
Praça do Município
8300 Silves
Tel. 00351 282 442 255



Introdução histórica

Embora se tenham encontrado, dispersos por várias zonas da cidade, alguns objectos de origem romana, não temos até hoje provas da existência de um assentamento com características de urbanidade no local onde a mesma se implanta. Podemos, no entanto, garantir que em período de ocupação islâmica este espaço veio a configurar uma urbe de dimensão assinalável, provida de mesquitas, banhos, mercados, engenhosos sistemas de captação de água e de um potente sistema defensivo que a protegeu durante mais de cinco séculos das investidas cristãs e dos ataques da pirataria normanda. Coincidentemente, é na sequência destes ataques que o poeta Algazali parte do porto de Silves, no ano de 844, para tentar negociar a paz. Trata-se da referência textual mais longínqua até hoje conhecida e remete, desde logo, para a importância da *madinat Xilb* (cidade de Silves) já nessa época.

Terá sido o seu porto e os estaleiros de construção naval que motivaram um importante crescimento económico e





a colocaram em contacto com o mundo civilizado de então, nomeadamente com toda a costa mediterrânica, com quem troca produtos e ideias. Este progressivo florescimento dá a Silves, no século X, o estatuto de capital da província de *Ocsonoba* – território que corresponde ao actual Algarve.

Alterações geo-políticas levaram no século XI à fragmentação do Califado de Córdoba e à constituição de uma série de reinos independentes. Silves autonomiza-se e cresce. Nesta época a cidade já ultrapassou as muralhas da Almedina e espalha-se pela zona ribeirinha. O território de si dependente corresponde, grosso modo, ao actual barlavento algarvio. Mais tarde é incorporada no imenso reino de Sevilha e é seu governador al-Mutamid, tão dado ao combate político-administrativo como à poesia e aos prazeres da vida. A ligação da cidade de Silves às artes e ao conhecimento é uma tônica que se mantém ao longo dos vários séculos de ocupação. Diversos estudos onomásticos permitiram reconhecer origens árabes e iemenitas em muitas das famílias que por aqui passaram e permaneceram, o que explica o elevado nível intelectual dos seus habitantes, tantas vezes expresso nas fontes e materializado na poesia e nos tratados históricos e científicos que nos legaram.

Durante os séculos XII e XIII o mundo islâmico reunifica-se e o *Gharb* é sucessivamente governado por Almorávidas e Almóadas. Nesta altura Silves vê reforçadas as suas defesas porque também as investidas cristãs se intensificam. O avanço da reconquista e a fuga de muçulmanos para as zonas mais meridionais terá contribuído para que o número de habitantes da cidade tivesse aumentado ainda mais e fosse ocupado o seu espaço ocidental. No final do século XII Silves abrangia cerca de 18 hectares e a sua população rondaria os 6 000 indivíduos.

Em torno ao ano de 1248, quando a cidade era governada por Al-Mafhut, D. Peres Correia consegue definitivamente tomar Silves para o rei D. Afonso III.



Platibanda de casa tradicional





Património monumental

Núcleo Arqueológico do Arrabalde Oriental

Os vestígios arqueológicos aqui presentes aguardam musealização e foram colocados a descoberto no âmbito da construção da Biblioteca Municipal, ocorrida entre 2002 e 2004. Nestes 600m² foram identificadas cerca de 80 estruturas arqueológicas, entre as quais se destacam estruturas habitacionais, compartimentos que configuravam pequenas oficinas, estruturas de captação e condução de água e, as mais imponentes, aquelas que correspondem a dois tramos de muralha e a uma torre quadrangular. Estas últimas encerravam a poente o Arrabalde Oriental da cidade e terão sido erguidas no século XI, contudo, foram objecto de reforço e remodelação no final da ocupação islâmica. As várias estruturas preservadas correspondem a fases distintas mostrando uma forte dinâmica de ocupação do local, desde o século X até à primeira metade do séc. XIII. Uma lixeira que se formou no interior de um canal ou fosso após a sua desactivação, permitiu recolher uma enorme quantidade de objectos arqueológicos em relativo bom estado de conservação, que se mostram na exposição temporária associada às ruínas.



Muralhas

A Muralha da Almedina e as suas portas de acesso

cidade é uma das quatro que sabemos terem servido de acesso à cidade islâmica. Esta terá substituído outra, localizada cerca de 50m para poente, aberta numa torre ainda registada em fotografia datada de 1883. Do lado nascente situava-se a Porta do Sol, mais tarde designada por Porta de Loulé por dali se aceder àquela

cidade. Da porta não existem vestígios mas restos de uma torre que a defendia são ainda visíveis no local. Talvez se refira a esta torre placa comemorativa, datada de 1227, encontrada nas imediações. Do lado poente ficava a Porta de Zawaia ou da Azóia, que perdurou até ao séc. XIX, sendo retratada em gravuras daquela época que nos permitiram conhecer a sua arquitectura e os dispositivos defensivos que lhe estavam associados.



A medina desenvolve-se nas encostas sul e poente do cerro onde assenta e, pelo menos desde o século X, foi cercada por uma muralha que a protegia. A muralha e as torres da Almedina são construídas em taipa militar revestida a arenito vermelho e, apesar da cinta amuralhada se encontrar com alguns rombos, é ainda possível identificar dezassete torres: seis no Sector Norte, três no Sector Oeste, seis no Sector Sul e duas no Sector Este, sendo dez delas albarrãs, situadas maioritariamente nos sectores Norte, Oeste e Sul, uma semi - circular, situada no sector Este e as restantes de planta rectangular, adossadas.

A medina, que corresponde hoje ao que se convencionou chamar “ Centro Histórico”, mede de comprimento cerca de 300m, no sentido norte – sul e de largura rondará os 325m, no sentido perpendicular ao primeiro, ocupando uma área aproximada de 6,5 hectares.

No interior da Almedina situar-se-ia a mesquita principal, os mercados, os banhos públicos e as habitações das classes de maiores recursos, embora não só. Tratando-se de um núcleo urbano cuja génese tem origem no período islâmico, é provável que tivesse tido subjacentes estratégias de planeamento, que se materializariam num traçado ortogonal cujo eixo vertebrador ainda subsiste. A actual Rua da Sé (frente à porta da cidade até ao Castelo) interceptaria o outro eixo, que ligava a Porta da Azóia à Porta do Sol (actuais Ruas da Porta da Azóia/Rua do Castelo). Próximo desta intercepção localizar-se ia a mesquita principal, cujos restos, muito provavelmente, permanecem sob a actual Sé-Catedral.



Pórtico da Sé



Poço Cisterna. Museu Municipal de Arqueologia

Museu de Arqueologia

Quando nos anos 80 do século XX se iniciava a construção de uma cantina municipal foi descoberto um enorme poço, completamente entulhado, cuja existência



era absolutamente desconhecida. Apesar da sua magnitude e evidente antiguidade (encontrava-se entulhado com materiais datados desde o período islâmico até ao século XVI, período em que terá sido desactivado), não é conhecida qualquer referência nas fontes medievais à sua existência.

Esta estrutura é escavada no substrato geológico atingindo os níveis freáticos que se encontram a cerca de 18m de profundidade. O espaço central é rodeado por uma galeria em espiral, formada por uma escadaria com cerca de 1,20m de largura e 2,20m de altura média, sendo coberta por abóbadas de tramos segmentados de perfil semicircular. O acesso à água poderia fazer-se desde a sua abertura superior, de forma circular e um diâmetro de 2,45m, ou através de três janelas, com abóbadas também de perfil semicircular, que fazem a ligação entre a galeria e o poço. Toda a construção é feita com recurso ao grés de Silves, tal como sucede com todos os outros monumentos da cidade.

A descoberta desta importante infra-estrutura e a sua proximidade à muralha da Almedina motivou a administração local a ali equacionar a construção de um museu de arqueologia, potenciando deste modo os importantes vestígios patrimoniais existentes. O museu tornou-se uma realidade no ano de 1990 e o discurso expositivo objectiva contar a história do território de Silves desde a pré-história até ao século XVIII. O percurso tem início com a pré-história onde se destaca magnífica colecção de menires. No período de transição para a história é relevante a colecção de lápides epigrafadas com a designada “escrita do sudoeste” e os vestígios encontrados no “cerro da Rocha Branca”. Este, sobranceiro ao Rio Arade a cerca de 1 km da cidade,



terá mantido funções portuárias e relações comerciais com o mediterrâneo desde o séc. IV a.C. até ao período islâmico. Passamos fugazmente pelo período romano, onde se mostram alguns objectos encontrados dispersos pela cidade e arredores, para entrarmos no período islâmico, aquele que detém a maior representatividade e que constitui uma das mais importantes colecções do país. Espólio notável, pela quantidade e diversidade, é também o que se mostra no sector medieval cristão, onde chamamos a atenção para o conjunto proveniente de um forno cerâmico escavado na cidade e para a cerâmica proveniente das oficinas valencianas, italianas e da distante china, que testemunham a permanência da cidade de Silves nas rotas comerciais então existentes.

Cisterna da Rua do Castelo

Conhecida desde longa data a sua existência, por ser local de brincadeira de crianças que ali alimentavam a sua imaginação recriando lutas e fantasiando percursos subterrâneos até ao rio, esta cisterna foi entulhada nos anos 60 do século XX, sendo poucos aqueles que ainda tinham memória da sua fisionomia.

É escavada no substrato rochoso, forma um rectângulo irregular, medindo cerca de 8,50m nos lados maiores, cerca de 3,50m nos lados menores e detém uma altura máxima interna de 4,50m, tendo capacidade para cerca de 140.000 litros de água. A cobertura abobadada é construída em blocos afeiçoados de “grés de Silves”, sendo as paredes revestidas por blocos de tijolo burro de dimensões um pouco maiores que os actuais do mesmo tipo. Todas as paredes apresentam um revestimento argamassado e pintado a almagre vermelho, como sucede com este tipo de estruturas de armazenamento de água. Esta solução conferia àquele elemento uma maior pureza, uma vez que a cor escura impediria a penetração de luz e sua expansão no interior da cisterna, ocasionando uma menor oxidação da água. O pavimento é, de igual modo, revestido a tijolo formando um ziguezague perfeito, podendo observar-se a necessária ampolheta para limpeza da cisterna, no extremo este da mesma. A cobertura apresenta três entradas, posicionadas de forma irregular, uma mais ou menos a meio e as outras duas em cada uma das extremidades.

A arquitectura e recursos tecnológicos permitem enquadrar a cisterna no período muçulmano, tendo a sua construção ocorrido, muito provavelmente, entre os séculos XII e XIII.



A Alcáçova

De acordo com al-Razí, no século X “o senhorio de *Ocsonoba* detinha vilas e castelos, um dos quais é Silves, que é a melhor vila do Algarve”. A actual implantação da alcáçova de Silves deveria no século X diferir um pouco daquela que conhecemos hoje. A fortificação evidencia dez torres mas apenas a de forma quadrangular posicionada do lado esquerdo da entrada mostra características daquele período mais remoto. As demais torres terão sido obra de alterações posteriores e, pelo menos a segunda de tipo albarrã (ligada à muralha por um arco), posicionada do lado nascente, poderá ter sido construída já em período cristão.

A cerca poligonal, adaptada à topografia do terreno, tem um perímetro de cerca de 12 000m² sendo composta por uma potente muralha de taipa revestida a arenito vermelho da região. A esta adossam-se oito das torres referidas e, no sector este, posicionam-se as duas torres albarrãs. A entrada neste recinto é feita através de uma porta dupla de átrio, ladeada por duas das torres que a protegiam. A norte pode observar-se uma outra porta aberta na muralha, permitindo acesso directo ao exterior, a qual é habitualmente designada por “Porta da Traição”.

Este sistema defensivo encontra-se ligado à muralha da medina por duas das torres, uma a noroeste e a segunda a sudeste e foi residência de governadores, dos seus





contingentes militares e de funcionários da administração. Os vestígios de habitações palatinas que se podem observar e percorrer no seu interior são a prova física desta evidência.

Tal como noutros castelos a presença de uma grande cisterna e silos para armazenamento de cereais é imperativa, de modo a fazer face às restrições inerentes aos períodos de cerco. Aqui, o grande aljibe muçulmano terá sido edificado em torno aos séculos XII-XIII e abasteceu de água a cidade até aos anos 90 do século XX. É muito provável que esta grande cisterna tivesse sido erguida apenas depois da tomada da cidade pelos cristãos em 1189. Dado que a sua capacidade é estimada em 1 300 000 litros cúbicos o que permitia abastecer aproximadamente 1200 pessoas durante cerca de um ano, se ela existisse durante o cerco, que durou mais de um mes, o poder muçulmano não se teria rendido pela sede.

Edifício da Câmara

O edifício da Câmara Municipal detém no seu interior alguns elementos decorativos de inspiração muçulmana e de acordo com fontes históricas do século XV, do lado oposto ao edifício municipal situavam-se os antigos banhos muçulmanos, cujos restos se encontrarão, muito provavelmente, sob as habitações que ladeiam a rua pelo lado esquerdo.



Castelho



Fachada principal da Sé catedral

Visitas e passeios

A cidade de Silves preserva alguns monumentos relevantes a nível local e nacional, nomeadamente:

A Sé de Silves

Edificada a partir do século XIII, apresenta vários estilos arquitectónicos (gótico, barroco, rococó), encontrando-se classificada como Monumento Nacional.

Igreja da Misericórdia

Edificada no século XVI, apresenta elementos arquitectónicos manuelinos, maneiristas e neo-clássicos, encontrando-se classificada como Monumento de Interesse Público.

Museu Municipal de Arqueologia

Alberga uma vasta coleção de peças arqueológicas provenientes do Concelho, abrangendo vasto período cronológico, desde o Paleolítico até ao século XVIII.

Antiga “Fábrica do Inglês”

Fábrica de produção de rolhas de cortiça, fundada em 1894. O Museu da Cortiça, inaugurado em 1999, conserva *in situ* o equipamento original da cadeia operatória.

Ponte Medieval

As fontes históricas e as características que o monumento exhibe indiciam que a sua construção provavelmente remonta a meados do século XIV.

A Cruz de Portugal

Cruzeiro decorado com elementos manuelinos, esculpido em calcário por volta dos finais do século XV ou inícios do século XVI. Clasificado como Monumento Nacional.

Para além do riquíssimo património histórico, Silves herdou um património natural característico da região. O perfume dos pomares de laranjeiras e a beleza das amendoeiras em flor nos meses de janeiro e fevereiro são verdadeiras tentações para os sentidos. O rio Arade, que banha a cidade, proporciona ao visitante uma entrada alternativa através de embarcação. Poderá optar por entrar na cidade partindo de Portimão, apreciando os elementos naturais que o passeio oferece. Uma vez chegado a Silves a zona ribeirinha é um local ideal para praticar exercício ou fazer um passeio antes de visitar a cidade.



Cruz de Portugal

Silves





Festas tradicionais

- Arraial do Petisco - Pêra
- Semana Gastronómica de S. B. de Messines
- Feira do Folar de S. Marcos da Serra
- Festival da Caldeirada - Armação de Pêra

Festas Religiosas

- Procissão do Senhor dos Passos - Silves - Quaresma
- Enterro do Senhor - Silves - Sexta-feira Santa
- Procissão dos Ramos Silves - Domingo antes da Páscoa
- Páscoa - Silves - Domingo de Páscoa
- Via Sacra ao Vivo - Pêra
- Festa em honra de N. Sr.^a das Dores - Pêra - Julho e Agosto
- Festa de Nossa Senhora do Carmo - Alcantarilha - último fim de semana de Agosto
- Nossa Senhora dos Navegantes - Armação de Pêra - Agosto
- Nossa Senhora dos Aflitos - Armação de Pêra - Setembro

Festas Populares

- Comemorações do 25 Abril no Concelho
- Encontro de Janeiras - Paços do Município, véspera do dia de Reis
- Feira de Todos os Santos - no feriado de todos os Santos
- Carnaval Trapalhão (Armação de Pêra) - Carnaval
- Carnaval de S. B. de Messines - Carnaval
- Feira das Cruzes Silves - 3 de Maio
- Feira das Tradições S. B. de Messines - último fim-de-semana de Agosto



Cestos de empreita

Artesanato

- Produção de peças cerâmicas utilizando técnicas tradicionais inspiradas na cultura árabe.
- Produção de azulejos pintados e cerâmica decorada.
- Produção de artigos em feltro.
- Licores, medronho e mel.
- Produção de miniaturas em cortiça, madeira e ferro.

Atividade comercial

Na cidade de Silves encontra uma oferta diversificada de estabelecimentos comerciais, desde restaurantes e cafés, artesanato e comércio tradicional. O visitante pode escolher entre variadíssimas peças cerâmicas produzidas localmente nos ateliês de oleiros, a degustar os pratos regionais e adquirir produtos locais, como é o caso do tradicional medronho, os doces de figo e amêndoa, e até mesmo o inconfundível mel da serra.



Estrelas de Figo



Albufeira

- 1** Porta da Praça
- 2** Porta do Sol
- 3** Porta do Mar
- 4** Museu Municipal de Arqueologia
- 5** Ruínas da Alcáçova
- 6** Igreja e Hospital da Misericórdia
- 7** Ruínas da Igreja de Santa Maria / Pátio da Câmara
- 8** Museu de Arte Sacra
- 9** Igreja Matriz



Introdução histórica

Pouco resta da Albufeira islâmica, cujo topónimo, *al-Buhayra*, nos remete para a existência de uma enseada que o moderno desenvolvimento urbanístico se encarregou de apagar. Os dispositivos defensivos da antiga medina, correspondente ao chamado Cerro do Castelo, encontram-se hoje camuflados em edifícios recentes, edificados sobretudo a partir da década de 1960, quando a cidade se converteu num destino de férias popular entre estrangeiros e portugueses. Com preexistências que remontam ao domínio romano, identificado com *Baltum*, o recinto amuralhado da medina, de forma poligonal, acompanhava o contorno e o relevo do terreno, abraçado a nascente e poente por um esteiro. Ainda estava bem conservado no século XVI e inícios do XVII, e uma gravura inglesa, que ilustra a obra de Landmann de 1813, representa bem



Posto de turismo
Rua 5 de Outubro
8200-109 Albufeira
Tel. 00351 289 585 279

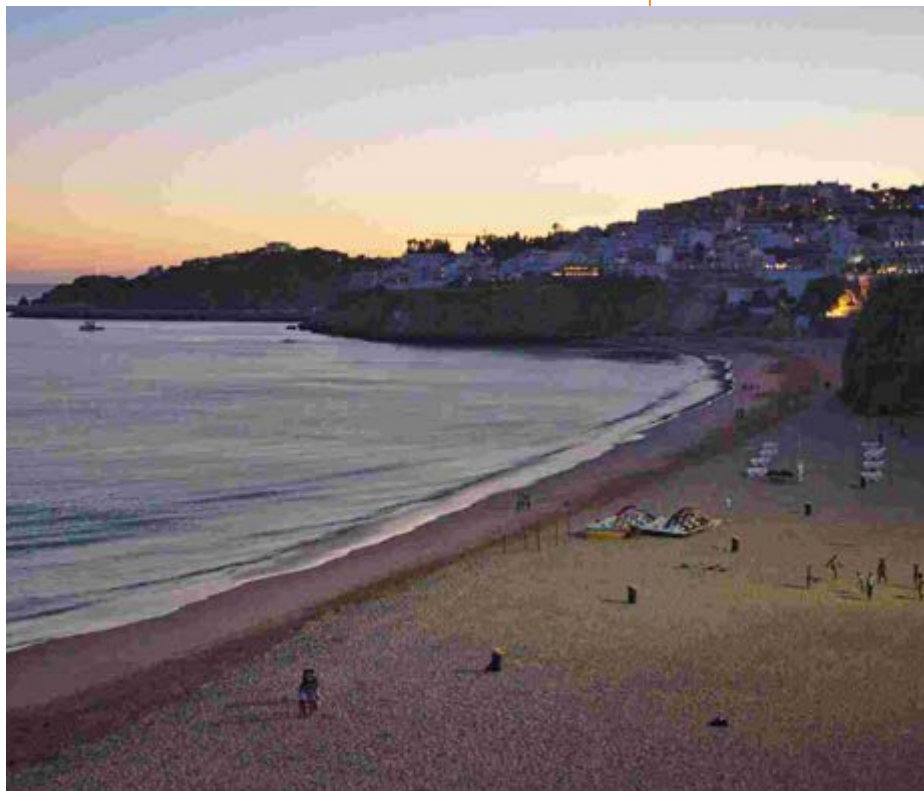


Vista aérea de Albufeira



o aspecto que então ainda tinha o recinto amuralhado da Medina. Tinha três portas, nove torres e uma alcáçova, da parte poente, com duas torres no interior da área urbana e possivelmente correspondendo a um *hisn*, mais antigo, eventualmente de época emiral/califal. Diversos vestígios que a arqueologia tem documentado no subsolo da medina evidenciam o passado islâmico da cidade. A nascente da alcáçova, subsistiu até ao terramoto de 1755 um templo tardogótico, matriz de Albufeira (cujos restos arruinados se conservam no Pátio da Câmara), possivelmente erguido no local da antiga mesquita, a ajuizar pela orientação do edifício e pela evocação de Santa Maria. Conquistada definitivamente pelos cristãos, Albufeira foi doada em 1250 por Dom Afonso III à Ordem Militar de Avis. O núcleo primitivo de assentamento urbano, o Cerro do Castelo (Vila Adentro), apresenta características ruelas estreitas, com as suas travessas.

Albufeira





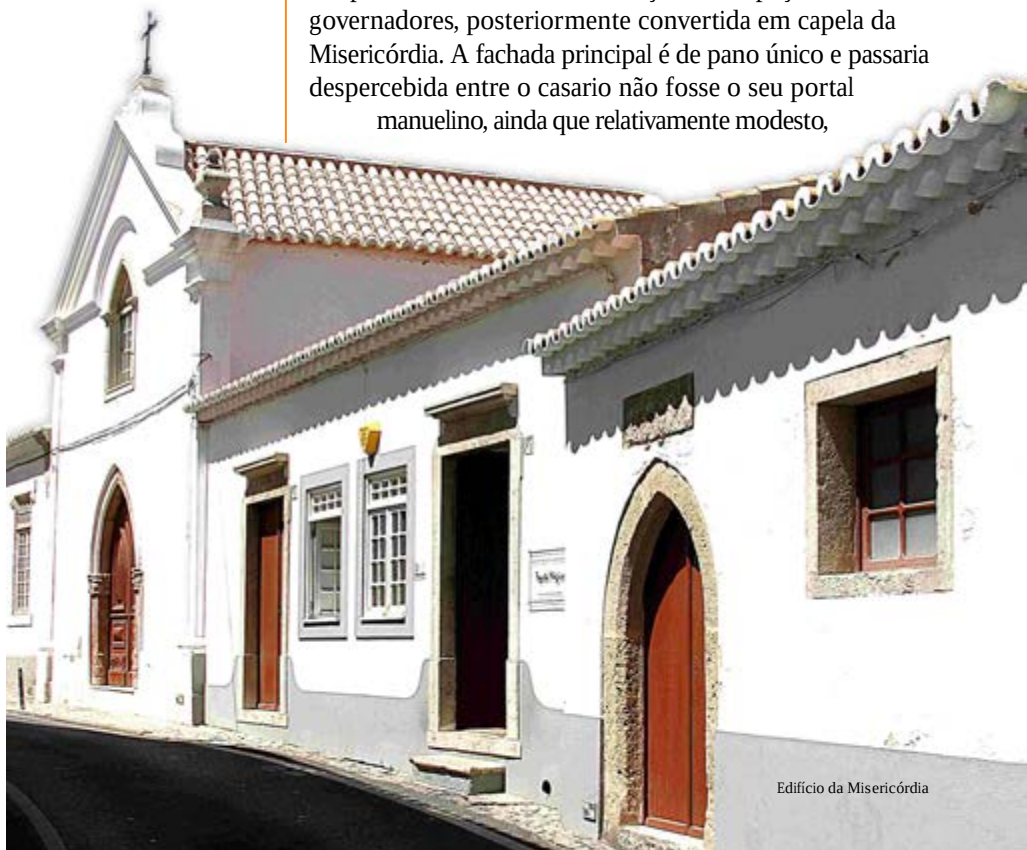
Património monumental

Muralhas e Portas

Restos do dispositivo defensivo podem ainda ser observados nalguns pontos do Cerro do Castelo.

Edifício da Misericórdia

As instalações da Misericórdia de Albufeira, incluindo hospital, capela e antiga hospedaria, constituem uma das mais interessantes parcelas da Vila Adentro. A instituição, fundada em 1499, desde cedo contou com importantes instalações, o que revela o grau de implantação e de aceitação na própria cidade. Ainda hoje é possível perceber que todo um quarteirão intramuros foi praticamente ocupado pela Misericórdia local. Nesse quarteirão funcionou a Capela, o Hospital e uma Hospedaria, assim como o edifício-sede e numerosas outras dependências de apoio às diversas actividades da instituição. A capela é a parte mais importante do conjunto e, simultaneamente, a mais antiga. Terá sido templo de uso exclusivo da alcáçova e do paço dos governadores, posteriormente convertida em capela da Misericórdia. A fachada principal é de pano único e passaria despercebida entre o casario não fosse o seu portal manuelino, ainda que relativamente modesto,



Edifício da Misericórdia



Muralhas

e a empena triangular da frontaria. O interior é de nave única, e apenas a capela-mor evidencia a fase manuelina, sendo coberta por abóbada de cruzaria de ogivas, com bocete ornamentado pela cruz da Ordem de Avis. O arco triunfal é abatido, mas possui ainda duas colunas torsas que descarregam sobre bases oitavadas, elementos artísticos que provam a sua feitura durante o ciclo manuelino. No corpo do templo, coberto por tecto de madeira, pode ainda observar-se um coro-alto barroco que se adossa à fachada principal. Da capela-mor pode aceder-se à Sacristia e à antiga Casa do Despacho, esta última um espaço rectangular que, na origem, deveria ter um segundo acesso sem ser pelo interior da capela. A Hospedaria é um edifício de planta rectangular, disposto ao longo da via pública e tem como principal atrativo o seu portal, de arco apontado, muito simples e que, se não for contemporâneo do portal principal da capela, deverá ser o reaproveitamento de uma mais antiga habitação. O hospital ocupa a maior parte das antigas instalações. O edifício que chegou até hoje data genericamente do final do século XIX. Dele fazem parte duas enfermarias, em dois andares e inclui a Torre do Relógio, estrutura que aproveitou uma das antigas torres defensivas da *Porta da Praça*.



Igrejas

Pontuam o centro histórico, a Igreja Matriz, a Igreja de Santa Ana, a Ermida de São Sebastião. Nesta, é visitável uma coleção de Arte Sacra, que reúne um acervo proveniente de diversas igrejas do concelho.

Museu Municipal de Arqueologia

O museu está instalado no edifício dos antigos Paços do Concelho, na área intramuros do recinto da antiga Medina medieval islâmica. Acervo de objetos arqueológicos de diversas épocas encontrados no território do município. Elementos arquitetónicos da antiga Igreja Matriz, destruída pelo terramoto de 1755. Vestígios conservados *in situ* da área da antiga alcáçova.



Museu Municipal de Arqueologia

Artesanato

Em Albufeira pode encontrar variadíssimas peças de artesanato que primam pela originalidade e pela diferença e que representam o melhor da herança cultural algarvia. A empreita em palma, as miniaturas de carroças e barcos em madeira, a doçaria regional, os trabalhos em arenito, ou as rendas e bordados, fazem parte deste imenso património cultural que se traduz num artesanato ímpar.

Festas tradicionais

Ao longo do ano, são diversos os eventos de cariz popular que se realizam. Em Albufeira, a

Festa em honra de Nossa Senhora da Orada, no mês de agosto, é um dos momentos altos no que concerne às festas religiosas. Trata-se de uma manifestação de profundo significado que se realiza há mais de 500 anos e que tem como principal momento, uma bela e emotiva procissão de mar que envolve toda a cidade.

Outro acontecimento religioso de relevância para a cidade, é a Festa em honra de São Vicente.

Desde a primeira realização desta festa, em 1965, Albufeira nunca mais deixou de prestar culto a São Vicente, no aniversário do seu martírio a 3 de setembro. Para além destas manifestações religiosas, os festejos de verão englobam as

Comemorações do Dia do Município a 20 de agosto, data que se celebra a atribuição da Carta de Foral à vila por D.

Manuel I (20 de agosto de 1504). As Festas do Pescador, no primeiro fim de semana de setembro, apresentam-se como uma divertida manifestação de cultura popular, com as típicas tasquinhas com petiscos e iguarias da cozinha tradicional.

As diversas Festas de verão, organizadas pelas coletividades locais, são também celebrações que merecem uma visita.



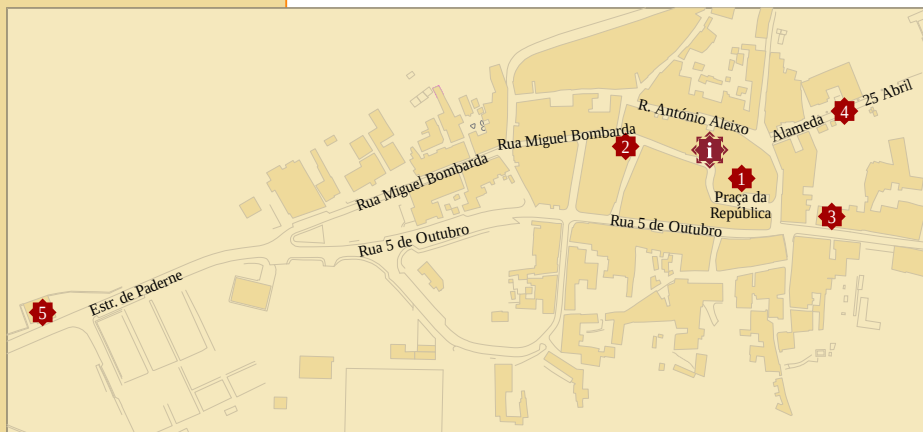
Peixe grelhado

Gastronomia

Destaque para os pratos confeccionados com pescado fresco. Nos vinhos destacam-se algumas adegas cuja produção limitada cobre pouco mais que a procura regional.

A doçaria algarvia tem a marca da passagem árabe pelo território português. Os bolinhos de amêndoa denominados de *doce fino*, de corres garridas e de vários formatos assemelham-se a doces que se encontram no norte de África e na Tunísia. Poucos resistem aos Dom Rodrigo, morgados, morgadinhos, figos cheios, queijos de figo ou aos figos com amêndoa. As lendárias amendoeiras e as figueiras são as grandes protagonistas destas obras, já que é dos seus aromáticos frutos que se fazem os melhores doces da região.

O doce de figo é uma das especialidades algarvias que varia consoante seja utilizado o fruto inteiro, esmagado e/ou, simplesmente, seco e torrado no forno. O figo inteiro é o principal ingrediente das estrelas e dos figos cheios, recheados com pedaços de amêndoa, açúcar e chocolate. O figo esmagado juntamente com amêndoa moída, chocolate e açúcar, permite moldar os chamados queijos de figo.



- 1** Igreja de Nossa Sra da Esperança
- 2** Casa na Rua Miguel Bombarda, nº 36-38-40
- 3** Casa na Rua 5 de Outubro, nº 33
- 4** Alameda
- 5** Ermida de Nossa Sra de ao Pé da Cruz

i Posto de turismo
Junta de Freguesia
Rua Miguel Bombarda, nº 61
8200-495 Paderne
Tel. 00351 289 367 168 279



Introdução histórica

Na origem da actual povoação está o Castelo de Paderne, situado 2 km a sul, uma fortaleza erguida no século XII para reforço da linha de defesas do Algarve muçulmano. Conquistado pelos Portugueses em 1248, e doado pelo rei D. Dinis em 1305 à Ordem de Avis, aí se manteve a povoação com a sua Igreja Matriz até que, nos inícios do século XVI, se transferiu do interior das muralhas para a atual localidade, onde se construiu um novo templo. Progressivamente arruinado e abandonado o Castelo, só em 1858 a velha igreja ali existente foi definitivamente desativada.

A povoação foi crescendo para poente da Igreja Matriz, ao longo de uma rua direita -atual Rua Miguel Bombarda- que se constituiu como principal eixo viário do núcleo primitivo. As transformações operadas no edificado nuclear e o crescimento da área urbana, refletem em Paderne, de uma forma mais acentuada que em outras localidades algarvias, as vicissitudes históricas do Algarve rural desde o século XVI aos nossos dias. A primitiva aldeia foi muito reconstruída após os danos provocados pelo terramoto de



1755. Mas foi sobretudo a partir da segunda metade do século XIX que a povoação conheceu uma época de prosperidade, decorrente da gradual estabilização político-social e do apogeu da agricultura dos pomares de sequeiro, maioritariamente centrada no barrocal. São edificados palacetes e moradias burguesas, que imitam de forma simplificada as formas da antiga aristocracia, com alguns exemplos construídos de raiz [Rua 5 de Outubro, 33].

Por meados do século XX, a marcante intervenção do chamado Estado Novo é visível na tentativa de higienização do edificado, que procurou dar à povoação um falso caráter de aldeia branca, homogeneizando os revestimentos. Mas a intervenção do estado totalitário evidencia-se sobretudo nas obras públicas efetuadas a nascente da Igreja Matriz: desde logo nos edifícios do Mercado e da Guarda Nacional Republicana mas sobretudo na Alameda que conduz à Escola Primária -que ocupa a cota mais alta da aldeia- e em cuja meia-encosta se edificou a incontornável Casa do Povo.



Castelo e ponte antiga: vista aérea



Castelo

Património monumental

Largo da Igreja e Núcleo Histórico

Reduzido a noroeste nas suas dimensões originais por um incontinente edificado recente, de reduzida qualidade arquitetónica foi significativamente alterado da banda de poente, em meados do século XX, pela construção dos edifícios. Pela mesma altura todo o pavimento envolvente do templo foi rebaixado, sendo amplamente destruído o antigo cemitério da paróquia, que aqui se situava. Toda a metade sul do largo manteve porém, até hoje, o casario que evidencia as etapas históricas do conjunto edificado, entre o século XVI e os nossos dias. Os pisos térreos denunciam uma primitiva etapa pré-pombalina, anterior às reconstruções e ampliações ocorridas após o terramoto de 1755. A renovação no edificado, posterior ao terramoto, lançou mão da pintura das fachadas a sangue-de-boi, obtida a partir de um pigmento de origem local, e de uma linguagem erudita nas cantarias dos vãos. O desafio económico derivado da comercialização dos frutos de sequeiro, possibilitou a opção por um modelo arquitectónico erudito, com piso térreo comercial onde em regra se abre um vão para o acesso da carruagem, encimado por um piso destinado a habitação acompanhado pela introdução de cantarias e elementos decorativos nas fachadas, pelo uso de platibandas e janelas de sacada e pela aplicação de revestimento marmoreado nos rebocos exteriores.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Esperança.

A primitiva Igreja Matriz situava-se dentro das muralhas do Castelo de Paderne. Nos inícios do século XVI, transferida a comunidade para um novo local, foi então necessário construir um novo templo, tendo as obras sido iniciadas em 1506. Em 1554, estava o edifício quase concluído, com três naves, quatro tramos e cabeceira com capela-mor e duas capelas colaterais. Com traçado atribuído a Bartolomeu Rodrigues, o templo tem um carácter acentuadamente regional, que se evidencia na conjugação de fórmulas renascentistas com elementos manuelinos. No arco triunfal destacam alguns pormenores decorativos em baixo-relevo. Nos séculos XVII e XVIII, as confrarias aqui sedeadas patrocinaram a construção de algumas capelas laterais, procedendo-se também à reforma dos interiores, em regra com uso da talha, e à construção da sacristia. O principal período de reformulação decorativa aconteceu na primeira metade do século XVIII, coincidindo com o reinado de D. João V. Entre 1717 e 1734 edificou-se o novo retábulo-mor e, em 1735, duas outras confrarias contrataram o entalhador farense Francisco Martins Xavier para a realização de outras peças de retabulária. Algumas destas obras foram sacrificadas no século XIX, altura em que se realizaram os atuais retábulos neoclássicos que ornamentam algumas capelas. Nos finais do século XIX, por iniciativa do comendador António Maria Júdice Biker, acrescentou-se um novo tramo ao corpo do templo e dotou-se este de uma nova fachada principal, sobressalientes do plano da torre campanário, tendo esta sido elevada em 1905. O antigo cemitério da paróquia foi destruído pelas obras de rebaixamento do piso em torno da igreja, efectuadas em meados do século XX, tendo sido então referenciadas dezenas de sepulturas abertas na rocha.

Casa na Rua Miguel Bombarda, nº 36-38-40

Edifício de grande volumetria, com dois pisos, cujos vãos são moldurados em cantaria de calcário, com formulário atribuível à segunda metade do século XVIII. A porta principal, de duas folhas, com postigo protegido por grelha trabalhada em ferro fundido, apresenta elementos da primeira metade do século XIX. A imagem e individualidade do edifício é acentuada pelo uso de elementos em ferro, gradeamentos e espelhos de fechadura, fachada enriquecida com a marcação das pilastras, duplo embasamento e cornijas,

Casa na Rua Miguel Bombarda 36-38-40





Casa na Rua 5 de Outubro, n.º 33

vãos com cantarias de verga curva acompanhando a localização em gaveto, caixilharia de madeira e interessante remate da cobertura, dado pela cornija com cunhal com arranque de duplo beirado.

Casa na Rua 5 de Outubro, n.º 33

Edificada de raiz exteriormente ao núcleo primitivo da povoação, e ampliando deliberadamente a malha urbana para nascente, ao longo da actual Rua 5 de Outubro — que passara a constituir o principal eixo viário nascente/poente — a casa corresponde a um modelo erudito de mansão abastada, com piso térreo comercial, onde se abre um vão para o acesso da carruagem, encimado por um piso destinado a habitação, adotando uma linguagem cenográfica no modelado das cantarias e dos elementos decorativos da fachada que dá para a via pública, no uso das platibandas e janelas de sacada e na aplicação de um característico revestimento marmoreado nos rebocos exteriores.

Alameda

Edificada de raiz a nascente do Largo da Igreja Matriz, cujo pavimento foi rebaixado em meados do século XX para desafogo do templo, corresponde à orientação deste e distribui-se numa malha urbana geometricamente traçada, ampliando significativamente para nordeste a área do primitivo núcleo urbano. Entre dois dos edifícios então construídos, o Mercado e o posto da Guarda Nacional Republicana, desemboca uma longa e inclinada Alameda ordenadamente arborizada, em cujo topo nascente o edifício da Escola Primária ocupa a cota mais alta da aldeia e a cuja meia-encosta se edificou a Casa do Povo.



Ermida de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz

Ermida de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz

Templo de uma só nave edificado em 1717, conforme lápide existente na fachada principal. No interior, retábulo barroco de inícios do século XVIII.

Castelo de Paderne

Localizado sobre uma elevação proeminente, dotada de condições naturais de defesa, o Castelo de Paderne é um *hisn*, uma fortaleza, com muralhas de taipa militar fundada durante o período almóada, na segunda metade do século XII, para reforço da linha de defesas do Algarve muçulmano.



Castelo

Ao contrário do que tinha acontecido nos tempos anteriores, em que a rede militar esteve preferencialmente concentrada nas cidades, o progressivo avanço da Reconquista cristã levou à construção de uma segunda linha fortificada, mais a norte, em pleno Barrocal - ou já na Serra -, constituída por fortalezas de média dimensão em meio rural, cujo objectivo era impedir a progressão para sul das hostes cristãs. A construção em taipa militar, a existência de uma torre albarrã e duas portas em cotovelo, das quais foi entaipada a que estava voltada a noroeste, são elementos que identificam este tipo de castelos. A área de vivendas no interior das muralhas, que se encontra parcialmente escavada, apresenta um traçado rigoroso, de acordo com um plano urbanístico pré-definido. As habitações de pátio central, agrupadas em quarteirões separados por arruamentos de traçado retilíneo, estavam providas de um criterioso sistema de abastecimento de água, com cisternas, e eram servidas por uma rede de esgotos que drenavam para o exterior das muralhas. O Castelo foi conquistado pelos Portugueses em 1248, sendo um dos castelos que figura na bandeira nacional. O espaço interior da fortaleza foi desde então substancialmente remodelado, tendo adquirido um aspeto acentuadamente mais desordenado



e ruralizado, com a sua Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora do Castelo e posteriormente a Nossa Senhora da Assunção, uma pequena edificação de abóbada na capela-mor e de corpo fechado em madeira, apresentando três altares, tendo no altar-mor a imagem da Virgem. A comunidade de Paderne manteve-se aqui até aos inícios do século XVI. Nessa altura, transferiu-se do interior das muralhas para meia légua a norte, onde foi então necessário construir um novo templo. Com o Castelo progressivamente em ruínas, a velha igreja aqui existente foi definitivamente desativada em 1858.

Ponte antiga

Ponte medieval que a tradição atribui (erradamente) à época romana. Apresenta tabuleiro retilíneo assente em três arcos de volta perfeita e dois talhamares prismáticos. Foi remodelada em 1771. Situada no vale a sudoeste do Castelo, atravessa a Ribeira de Quarteira, fazendo parte da via que ligava a antiga povoação de Paderne, localizada no Castelo, com o território mais a sul.

Visitas e passeios

Percurso do Castelo de Paderne

Pode ter início na Azenha do Castelo, atravessando o açude e seguindo pela margem direita da ribeira. Para chegar à margem esquerda da ribeira, segue-se pela ponte antiga. Continua-se pela margem esquerda ao longo do vale onde existe uma estreita faixa de várzea, com alfarrobas e oliveiras. A subida ao Castelo é imperdível. Ao longo do percurso e no vale, de encostas íngremes, pode-se observar uma grande variedade de plantas, como a marioila, várias espécies de cistáceas, a palmeira anã, a aroeira, o medronheiro, o carrasco, o trovisco, o zambujeiro, o zimbro ou os narcisos. Nas margens da ribeira, dominam a cana, a tamargueira, o loendro e o freixo. De entre a fauna, regista-se a presença de mamíferos como a lontra, a doninha, o morcego-rato pequeno, o ouriço-cacheiro, e podem facilmente observar-se algumas aves típicas do bosque mediterrânico e aves aquáticas, bem como alguns anfíbios e répteis.



Percurso do Cerro de São Vicente

O percurso inicia-se na Ermida de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz e de aqui a travessa a Ribeira de Algibre. À medida que surge o Cerro de São Vicente, o caminho é ladeado por pomares de sequeiro, com figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras. Na subida, a paisagem é dominada por pequenas propriedades agrícolas. Alguma da vegetação arbustiva é tipicamente mediterrânica, com presença de zimbro, aroeira, carrasco e rosmaninho. Já no cimo do cerro, onde predominam os carrascos e as alfarrobeiras, e onde podem ver-se as ruínas do moinho de São Vicente, é imperdível a vista panorâmica sobre a área em redor. Na descida para o vale, atravessam-se áreas cobertas por vegetação mediterrânica. Já no vale, predominam os pomares de alfarrobeiras e de citrinos. A parte final do percurso desenvolve-se primeiro na várzea da Ribeira de Alte e depois na várzea da Ribeira de Algibre, que se atravessa para sul a vau ou sobre pequenas pedras. De entre a fauna, regista-se a lontra, o cágado e peixes como o bordalo e a boga de boca arqueada.



Castelo de Paderne



Castelo de Paderne

Festas tradicionais

Festa de Nossa Senhora da Esperança

Festa religiosa tradicional em honra da padroeira da Freguesia. Há uma missa, seguida de procissão pelas principais ruas da aldeia. Atuação da Banda Filarmónica. Anual: 1º domingo de outubro

Festa do 1º de maio

Além de quiosques com comidas e bebidas, onde é possível apreciar os tradicionais caracóis, há um vasto programa de variedades, com a Banda Filarmónica, Ranchos Folclóricos e grupos de Cantares. Anual: 1 de maio

Feira de São Tiago

Feira mais importante de Paderne. Os mais antigos chamam-lhe a “Feira da Melancia” pela quantidade de melancias que ali eram vendidas. Hoje a oferta é mais diversificada, vendendo-se um pouco de tudo: roupas, calçado, brinquedos, utensílios agrícolas. Anual: 25 de julho

Feira do Folar

Mostra de doces artesanais, com particular destaque para o folar, que lhe dá o nome. A feira tem, ainda, várias tasquinhas, com petiscos. Animação musical.

Anual: março/abril.

Feira Tradicional dos Frutos Secos

Visa a promoção da tradição cultural e gastronómica da localidade. No certame, com recriações de épocas passadas, para além dos produtos e artesanato locais, estão também presentes diversas tasquinhas de gastronomia regional e demonstrações de confeção de alguns produtos elaborados a partir de frutos secos. Animação musical. Anual: outubro

Gastronomia

Dos agricultores das terras do interior vem o jantar de milhos acompanhado por carne de porco e enchidos, o jantar de chicharos (tipo de grão), a cabidela de galinha e a pá de cordeiro assada, a que não faltam as amêndoas, o mel e o alecrim para um sabor inesquecível. Nos doces há que optar entre as batatas de amêndoa, o nógado de amêndoa, o morgado, o bolo de amêndoa ou o característico e muito doce queijo de figo





- 1** Museu / Castelo / Alcáçova
/ Alcaidaria e muralhas
da medina de *al-Ulyà*
- 2** Porta e Capela de Nossa
Senhora da Conceição
- 3** Porta do Sol
- 4** Torre da Vela
- 5** Porta de Faro
- 6** Bicas Velhas
- 7** Banhos islâmicos
- 8** Mesquita / Igreja Matriz de
São Clemente
- 9** Vestígios islâmicos na
Cerca do antigo Convento
do Espírito Santo
- 10** Antigo Convento do Espírito
Santo
- 11** Ruínas da Igreja da Graça
- 12** Igreja e Hospital da
Misericórdia
- 13** Mercado Municipal

1 Posto de turismo
Avenida 25 de Abril 9
8100-506 Loulé
Tel. 00351 289 463 900



Introdução histórica

Al-'Ulyà (Loulé) aparece mencionada nas crónicas árabes já em vésperas da Conquista Cristã como sendo uma pequena Medina fortificada e próspera, pertencendo ao reino de Niebla. Os trabalhos arqueológicos realizados no Centro Histórico da cidade não mostram ocupação prévia ao período islâmico. A cidade terá sido fundada já numa fase tardia do domínio islâmico, provavelmente durante o domínio almorávida, de modo a proporcionar melhor defensibilidade durante este período politicamente conturbado, reunindo assim uma população até aí caracterizada por um povoamento disperso. Sob o domínio almóada a cidade floresceu, sendo desta época a maior parte dos vestígios arqueológicos encontrados. Ter-se-à mantido uma cidade importante até à conquista cristã, em 1249, pelos Cavaleiros da Ordem de Santiago comandados por D. Paio Peres Correia. Loulé foi integrada na coroa portuguesa por D. Afonso III, que lhe concedeu foral em 1266.



Património monumental

Castelo e Muralhas

O recinto amuralhado de Loulé englobava a Alcáçova, provavelmente no local onde se instalou a Alcaidaria cristã, e a Medina. No edifício da antiga Alcaidaria localiza-se hoje o pólo de Arqueologia do Museu de Loulé, que alberga espólio proveniente de diversas partes do Concelho, com cronologia entre o Paleolítico e a Idade Moderna. Do que resta actualmente do perímetro amuralhado destaca-se a Torre da Vela (torre albarrã construída em taipa) e a entrada sul da cidade islâmica, conhecida como Porta de Faro.

Capela de Nossa Senhora da Conceição

Pequeno templo seiscentista com um belo revestimento azulejar que sofreu trabalhos de restauro em 2007. Estas obras puseram a descoberto vestígios da estrutura defensiva de época islâmica, estando musealizados os restos de uma das portas de acesso à cidade medieval.



Capela de Nossa Senhora da Conceição



Castelo



Igreja Matriz de São Clemente

Banhos islâmicos de Loulé

Durante o domínio islâmico Loulé, tal como as outras cidades islâmicas, dispunha de um estabelecimento de banhos (*hammam*). Estes edifícios são compostos por diferentes espaços: salas de despir, sala quente, sala tépida e sala fria. Na sala quente o ar circula sob o pavimento, aquecido através de uma fornalha. Dentro dos muros são abertas chaminés para exaustão dos fumos para o exterior. Os trabalhos arqueológicos encontram-se ainda a decorrer, pelo que apenas uma parte do edifício se encontra atualmente escavada.

Igreja Matriz de São Clemente

Construída provavelmente no local outrora ocupado pela mesquita muçulmana de *Al'Ulyà*, tem a sua torre sineira adaptada do antigo minarete. Pode ainda ver-se, ao nível do clerestório, um arco árabe, posto a descoberto durante trabalhos de restauro.

Castelo e Pólo Museológico de Salir

Conquistado aos mouros entre 1248 e 1249, o Castelo de Salir fez parte de um sistema defensivo regional, abrigando no seu interior uma povoação importante para a época. Os trabalhos arqueológicos efectuados no interior do recinto amuralhado revelaram uma malha urbana bastante densa, tendo sido identificadas estruturas pertencentes a seis casas e dois arruamentos em cerca de 256m². Estas casas terão funcionado durante os séculos XII e XIII, tendo sido abandonadas após a conquista cristã.

Muralhas



Lendas

Lenda da Moura Cássima

O último governador muçulmano de Loulé tinha três filhas, Zara, Lídia e Cássima. Com a chegada dos conquistadores cristãos o governador, para proteger as suas filhas, enfeitiça-as numa fonte nos arredores da cidade de Loulé. Passado algum tempo chegam a Tânger alguns prisioneiros cristãos, entre eles um carpinteiro de Loulé, que o antigo governador, agora exilado em Tânger, reconhece imediatamente. O governador promete-lhe então que o libertará e o fará regressar a Loulé se este lhe prestar um grande serviço: desencantar as suas três filhas. O carpinteiro acede e o governador dá-lhe três pães que ele deverá lançar na fonte na noite de São João, pronunciando o nome da respectiva princesa. O carpinteiro esconde os três pães numa arca até chegar o dia em que deles irá necessitar, mas a sua mulher, movida pela curiosidade, encontra os pães e dá uma facada num deles, cortando assim a perna à filha mais nova do governador. O carpinteiro consegue assim desencantar Lídia e Zara e até hoje Cássima espera que a desencantem numa noite de São João à meia-noite.

Lenda da Moura de Salir

O último governador muçulmano de Salir tinha uma filha a quem dedicava grande afeição. A rapariga era muito devota e todos os dias passava horas a rezar a Allah pela protecção do seu povo em cima da muralha mais alta do castelo. Era tal a sua concentração na oração que, quando o seu pai decide evacuar o castelo fugindo das investidas cristãs, ela nem se apercebe. Chegados à Rocha da Pena, lugar onde se fortificaram para melhor se defenderem, o governador descobre então que a sua amada filha não se encontrava entre eles. Desesperado, olha na direcção do castelo de Salir e vê-a no topo da muralha mais alta em oração. Sem tempo para mandar alguém buscá-la antes da tomada do castelo pelos cristãos, o governador decide então lançar-lhe um encantamento para que ela não caia em mãos dos invasores. Como ainda ninguém a desencantou, a bela moura pode ainda ser vista à noite, no topo das muralhas de Salir, lamentando a sua sorte.





Vista aérea

Atividade comercial

Loulé é uma cidade marcadamente comercial e de serviços, fruto do seu distanciamento do mar. Pelas suas ruas estreitas, bem como nas zonas mais modernas, proliferam pequenas lojas artesanais intercaladas com as mais modernas grifes. A não esquecer uma visita à Rua das Lojas e à Praça da República onde se concentra a maior parte da área comercial da cidade.

Mercado Municipal de Loulé

No coração da cidade encontra-se o edifício do Mercado Municipal, tradicionalmente denominado “A Praça”. Inaugurado em 1908, a construção deste edifício foi a obra arquitectónica mais marcante da primeira década do século XX, no Concelho de Loulé.

De estilo neo-árabe, tem quatro pavilhões e quatro portões de acesso, pretendendo com a sua magnitude simbolizar a dimensão e prosperidade do Concelho. Este edifício, dada a sua localização e características é o principal ex-líbris da cidade de Loulé, tendo sido galardoado com o Prémio Turismo, em 2008. Este é ainda lugar de eleição de muitos para efectuarem as suas compras, pois aqui se pode encontrar o melhor peixe e as frutas, verduras, legumes e hortaliças mais frescas, para além de artigos de artesanato diverso.

Mercado Semanal

Paralelamente ao Mercado Produtor, o Mercado Semanal é um dos principais atractivos de visita a Loulé, aos sábados



Mercado de Loulé

de manhã. Neste mercado ao ar livre é possível adquirir vestuário, calçado, bijutaria, artesanato diverso, atalhados e artigos para o lar, num ambiente de verdadeira feira. Seja para comprar uma lembrança, uma peça de vestuário ou para desfrutar do ambiente que ali se vive todos os sábados inúmeras pessoas ali se deslocam na expectativa de adquirir produtos a preços mais acessíveis.

Mercadinhos de Primavera e de Outono

Os Mercadinhos de Primavera e de Outono, os quais se realizam na zona histórica da cidade de Loulé, de março a junho e de setembro a dezembro respetivamente, têm como objetivo promover de forma temática os produtos locais e regionais, desenvolver uma animação diferenciada o comércio local durante os vários sábados de cada mês. Aqui se podem encontrar desde peças de artesanato tradicional ao artesanato urbano e design. Para os apreciadores de gastronomia tradicional também aqui há lugar a uma temática onde poderá desfrutar de prazeres e experiências da nossa gastronomia.

A área das antiguidades, velharias, colecionismo, artes e livros não foi esquecida bem como reutilização e reciclagem, onde o visitante poderá encontrar uma panóplia de produtos diversos e dos mais variados materiais.

Feira de Velharias de Almancil

Uma das feiras tradicionais desta freguesia, onde se pode encontrar todo o tipo de "velharias" com as mais diversas utilidades.

Artesanato

O artesanato é um factor de ligação com o passado, com os usos e costumes, e as tradições de um povo com uma cultura bem definida.

Algumas destas tradições artesanais mantêm-se vivas um pouco por todo o Concelho de Loulé, podendo ser encontradas peças dos mais diversos materiais, fabricadas com técnicas e saberes ancestrais, que vão passando de geração em geração. O Concelho de Loulé possui uma longa tradição no fabrico de peças em barro em Almancil e Quatro-Estradas, cobre, arreios e latoaria em Loulé, bonecas de trapo e cestaria em Querença, esparto e brinquedos em madeira em Alte e os trabalhos em palma em Salir. No que se refere ao artesanato em palma é fabricado um pouco por todo o Concelho.

Muitas destas peças utilizadas nas atividades económicas do dia-a-dia hoje já não são fabricadas artesanalmente tendo sido reformuladas e atualmente são vendidas para diferentes utilizações, retratando a memória de um povo.

Festas tradicionais e eventos

Mãe Soberana (Festa Grande)

Em honra da Nossa Senhora da Piedade, padroeira da cidade, a Festa da Mãe Soberana é considerada como a maior manifestação religiosa a sul de Fátima. Quinze dias após o Domingo de Páscoa, a Festa Grande é o momento alto do evento. Rica de tradições, a procissão é uma incomparável manifestação de fé. A imagem da Virgem, a solenidade dos homens do andor, o acompanhamento musical e a multidão dos fiéis que completam o cortejo, é um quadro indescritível, soberbo e ímpar.

Carnaval

O mais antigo corso do país (desde 1906) é também o maior evento do Concelho de Loulé. Cartaz turístico por excelência, o Carnaval louletano regista a afluência de milhares de foliões durante os três dias de duração.

O desfile dos carros alegóricos, a presença dos grupos de samba, bailarinas brasileiras, cabeçudos e gigantes dão um colorido especial à Avenida José da Costa Mealha, principal artéria da cidade. Actualmente, o Carnaval caracteriza-se pela sátira política, social e desportiva.

Feira Popular de Loulé

Inspirado no certame que nos anos de 1946 e 1952 animou a antiga Quinta do Pombal (hoje Parque Municipal de Loulé), com assinalável êxito, esta Feira Popular de Loulé é uma iniciativa da Câmara Municipal que pretende reavivar um antigo evento de beneficência e oferecer à cidade e aos seus habitantes uma opção diversificada de entretenimento e animação nas noites quentes de Verão.

Incluí no seu programa as seguintes vertentes:

- Exposição e venda de produtos - artesanato, livros, produtos agro-alimentares, vinhos, plantas, entre outros.
- Espaço gastronómico.
- Animação diária e permanente - espaço de animação infanto-juvenil, carrossel infantil, projecção de filmes ao ar livre, baile popular, insufláveis para crianças, comemorações do aniversário do Rancho Folclórico Infantil e Juvenil de Loulé e actuações musicais diversas.

Salir do Tempo. Salir

Salir do Tempo é uma recriação histórica do século XIII, que recria na transição do domínio muçulmano para o cristão. Através de dramatizações várias, recriação de cenários e momentos de espectáculo, Salir é o palco das duas culturas que, juntas, criaram boa parte do que está hoje presente na cultura algarvia. Mas neste regresso ao passado também há lugar para o mundo judaico.

O evento integra artesanato e gastronomia, um mercado medieval, jogos tradicionais, exibição de animais (tais como camelos, falcoaria), exposições temáticas e um espaço místico. Para quem o desejar a organização disponibiliza ainda o aluguer de trajes da época.

Festa da Espiga. Salir

Salir tem feito do Dia da Espiga um grande acontecimento regional e um dos principais cartazes turísticos e etnográficos da região algarvia, recebendo milhares de forasteiros que aqui se deslocam para apreciar o artesanato, gastronomia, o folclore, a etnografia, a poesia e tudo o que há de mais genuíno no interior rural do Algarve. O Dia da Espiga, de certa forma, marca o início da época das colheitas e assume uma importância especial, uma vez que se aproveita esta data para levar até ao grande público as manifestações tradicionais mais características desta freguesia rural. Os intervenientes neste espectáculo ímpar no país, preparam com certa antecedência os seus carros e durante o desfile vão oferecendo alguns dos produtos que transportam.

Festa das Chouriças. Querença

A Festa das Chouriças é um dos eventos mais emblemáticos do interior algarvio e que atrai a Querença gentes de todo o lado, nomeadamente turistas estrangeiros, que gostam de apreciar uma boa chouriça caseira e participar nas habituais cerimónias religiosas.

Esta festividade surge na continuidade de uma tradição secular e é a mais emblemática festa de género no interior algarvio.



Semana Cultural e 1º de Maio. Alte

Naquele que é um dos mais tradicionais e emblemáticos eventos da serra algarvia, a aldeia de Alte recebe, de 25 de Abril a 1 de Maio, a Semana Cultural de Alte. Folclore, gastronomia, desporto, animação musical e artesanato são algumas das actividades que animam a aldeia neste período.

A Semana Cultural de Alte culmina com o tradicional Festival de Folclore e cerimónia tradicional de Casamento com Boda, no dia 1 de Maio, junto à Fonte Grande, e constituiu uma das principais manifestações etnográficas da região, que atrai à aldeia inúmeros visitantes.

Santos Populares de Quarteira

O desfile das Marchas Populares em representação das ruas da cidade, na Avenida Infante Sagres, nos dias 12, 23 e 28 de Junho, faz parte da tradição desta antiga terra de pescadores. As Marchas Populares de Quarteira são uma referência ao nível dos eventos que decorrem no Algarve, estatuto alcançado graças à dedicação e ao bairrismo dos milhares de pessoas envolvidas nesta iniciativa, desde a organização, marchantes, responsáveis pela coreografia, arranjos musicais e confecção dos trajes.

Festival MED

Divulgar culturas do Mundo, através da música e de outras artes, é o principal objectivo deste evento que já faz parte da rota dos festivais de Verão. Espectáculos de “World Music”, concertos de música clássica, animação de rua, feiras do disco e artesanato, workshops, exposições, conferências, artes plásticas e a típica gastronomia do Mediterrâneo são os principais ingredientes do Festival MED que leva até ao Centro Histórico da Cidade de Loulé milhares de pessoas.

Noite Branca

Para assinalar o final do Verão e a época alta do turismo algarvio, a Câmara Municipal de Loulé organiza bienalmente no último sábado de Agosto a “Noite Branca - Algarve”. Este é um evento que pretende levar momentos de verdadeira animação ao “centro comercial a céu aberto” servindo simultaneamente como incremento ao comércio tradicional. Considerado já como o maior evento de *chill out* de Portugal, pelas ruas o ritmo é imparável, com centenas de artistas de rua .

Gastronomia

No Concelho de Loulé é oferecido ao visitante uma variada gama de saberes e sabores, relacionados com a diversidade das produções no campo agrícola, pecuário e piscatório, uma vez que o Concelho abrange uma extensa área que se estende pela Serra, Barrocal e Litoral, o que influencia directamente a alimentação e permite um aproveitamento gastronómico particular.

Destacam-se os enchidos, queijos frescos com água-mel, pão-de-alfarroba, cataplanas, carapaus alimados, galinha cerejada, jantar de grão, xerém, cabidela, javali, Dom Rodrigues, morgados, figos com amêndoa, entre outros.

Simple e rica, a gastronomia do Concelho de Loulé é um valor a descobrir.



Cataplana de marisco





- 1 Núcleo Islâmico do Museu Municipal de Tavira
- 2 Igreja da Misericórdia
- 3 Palácio da Galeria
- 4 Igreja de Santa Maria do Castelo
- 5 Convento da Graça (Bairro almóada)
- 6 Igreja de Santiago
- 7 Castelo
- 8 Solar dos Corte Real
- 9 Ponte antiga sobre o Gilão



Introdução histórica

A primeira ocupação humana conhecida de Tavira localiza-se na colina de Santa Maria e teve lugar durante a Idade do Bronze, tendo sido identificados vestígios de algumas cabanas. Os vestígios da Idade do Ferro são mais abundantes, demonstrando evidentes contactos com a colonização fenícia ocidental. A importância do núcleo populacional levou à construção, em finais do século VII a.C., de uma imponente muralha fenícia, sendo que nos inícios do século

 Posto de turismo
Praça da República, 5
8800 Tavira
Tel. 00351 281 322 511





III a.C., a colina genética de Tavira é abandonada, por motivos até hoje desconhecidos.

No decurso do século XI, novas populações voltam a fixar-se em Tavira. O aumento populacional e o crescimento económico levaram a que Tavira fosse dotada de muralhas em meados do século XII. Sob o governo dos Almóadas Tavira atinge o seu auge, adquirindo o estatuto de *madina* (cidade) e afirmando-se como capital de um distrito. Em 1242 Tavira é conquistada por D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago.

A ligação às praças portuguesas no Magreb era feita através do Algarve, sobretudo por Tavira, porto chave no reabastecimento das praças africanas. A expansão para o Norte de África terá sido o maior impulsionador da economia tavirense e do consequente aumento populacional. Em 1535 o Termo de Tavira contava com 2045 fogos, surgindo a cidade como o centro populacional mais numeroso do Algarve e uma das mais importantes cidades do país, com um dos principais portos, e a terceira cidade costeira após Lisboa e o Porto. A 16 de Março de 1520, D. Manuel concede a Tavira o estatuto de cidade.

A partir de finais do século XVI, a cidade entrou em declínio e sofre uma quebra demográfica devido a uma infeliz combinação de fatores, como sejam o assoreamento do rio (impedindo a entrada de navios de maior calado), a deslocação da barra para oriente, o abandono das praças magrebínas, a perda da independência de Portugal face a Castela, a perda da posição de liderança no conjunto dos portos algarvios exportadores de fruta e a procura de portos castelhanos, como Sevilha.



Vaso de Tavira. Museu Municipal





Núcleo islâmico do Museu Municipal de Tavira



Igreja de Santa Maria do Castelo (antiga Mesquita)

Património monumental

Núcleo Islâmico

Integrado no Museu Municipal de Tavira está dedicado à presença islâmica da cidade. Instalado num dos mais importantes sítios arqueológicos de Tavira, onde foi identificado um importante troço da muralha bem como o famoso “Vaso de Tavira”, o Núcleo Islâmico apresenta a exposição permanente “Tavira Islâmica”, na qual se exibem os principais objetos de época islâmica recolhidos em Tavira, tendo ainda uma sala para exposições temporárias.

Igreja da Misericórdia

Considerada uma das mais notáveis igrejas renascentistas do Algarve, é da autoria do mestre pedreiro André Pilarte, que a edificou entre 1541 e 1551.

Destaque para o pórtico principal, decorado com motivos renascentistas, rematado por um conjunto escultórico que integra a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, ladeada pelas figuras de São Pedro e São Paulo.

No seu interior podem ser apreciados formosos capitéis renascentistas e o retábulo principal, datado de 1722, bem como painéis de azulejos representando as “obras da misericórdia”, datados da mesma centúria (1760).

Palácio da Galeria

O Palácio da Galeria é o mais importante edifício civil da cidade de Tavira.

O seu nome tem origem na sua galeria ou “loggia” renascentista, construída em meados do século XVI. A fachada principal, barroca, é da autoria de Diogo Tavares de Ataíde (1711-1765), da qual se destaca o imponente portal principal do Palácio.

No interior podem ser visitadas estruturas arqueológicas de época fenícia. Integrado no Museu Municipal de Tavira, o Palácio da Galeria, para além da sua arquitetura oferece um programa expositivo diversificado.

Igreja de Santa Maria do Castelo

Este importante templo cristão foi erigido sobre a antiga mesquita aljama de Tavira, após a tomada da cidade em 1242, conservando no seu interior os túmulos dos sete cavaleiros martirizados aquando da conquista da vila.



É possível observar vestígios das campanhas góticas iniciais em duas capelas colaterais e no pórtico principal. Porém, o templo atualmente ostenta perfil neoclássico, fruto da reconstrução efetuada em consequência do sismo de 1755 e concluída em 1800, sob a direção de Francisco Xavier Fabri e a pedido do Bispo D. Francisco Gomes do Avelar.

Convento da Graça

O convento foi fundado em 1542 pela Ordem de Santo Agostinho na antiga judiaria, tendo a sinagoga sido convertida em igreja. O edifício é umas das primeiras manifestações do “estilo chão” no Algarve, tendo sofrido uma campanha de obras em meados do século XVIII, sob a direção de Diogo Tavares de Ataíde durante a qual se restaurou o claustro.

Atualmente o edifício encontra-se convertido em Pousada Histórica, integrando um pequeno Núcleo Expositivo, o qual inclui a musealização de parte de um bairro almóada escavado durante as obras de adaptação a pousada.



Bairro almóada do Convento da Graça

Igreja de Santiago

Edificada na segunda metade do século XIII, no local onde a tradição diz que se erigia a mesquita menor. Em 1270 D. Afonso III doa o padroado da matriz da paróquia de Santiago ao Bispado de Silves.

No topo da fachada principal ostenta exuberante medalhão setecentista que enaltece a figura de São Tiago, representado como guerreiro, recordando a lenda da sua aparição numa batalha durante a reconquista.

A igreja sofreu múltiplos danos aquando do terramoto de 1755, sendo a sua reconstrução demorada devido à falta de meios da paróquia.

Castelo

Nos primeiros anos da ocupação islâmica o castelo não estaria dentro do perímetro amuralhado.

Durante a ocupação almóada foi realizado o último alargamento da cintura defensiva islâmica de Tavira, tendo ainda sido realizadas obras de restauro e reforço das muralhas, sendo deste período a maior parte das torres.

No Período Medieval Cristão a muralha foi completamente refeita e ampliada, tendo a taipa sido



Castelo e Igreja de Santa Maria do Castelo

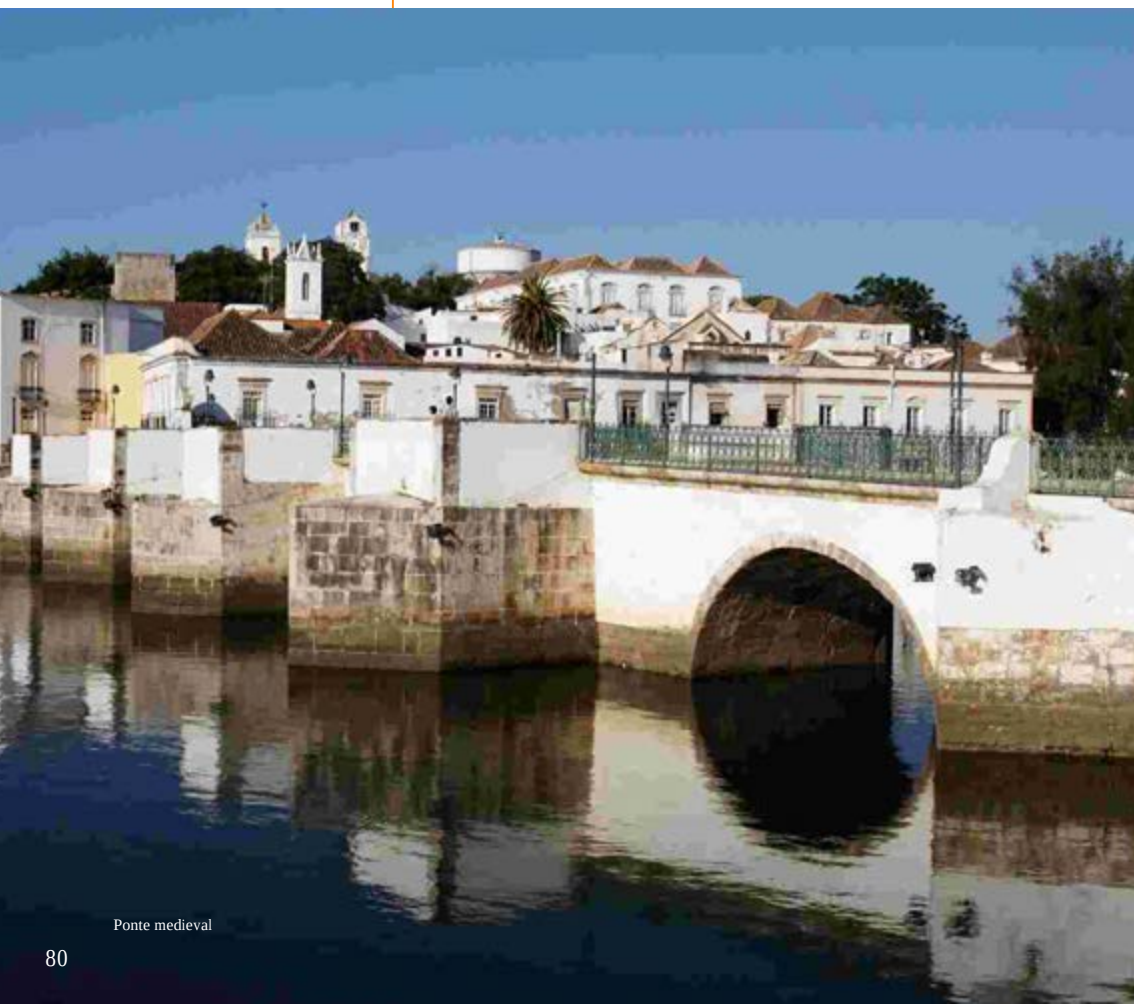


maioritariamente substituída ou envolta por paramentos de silharia e fortes cubelos de pedra. As principais alterações introduzidas no período medieval/moderno foram a adaptação da alcáçova a castelo e a construção de uma Torre de Menagem em 1292, bem como a abertura de sete novas portas, reestruturando a cerca urbana.

A evolução da cidade foi “engolindo” as muralhas, escondendo-as atrás de casas adossadas à construção defensiva.

Solar dos Corte Real

Os trabalhos arqueológicos no Solar dos Corte Real mostraram a presença de inúmeros vestígios desde a Idade do Ferro até aos nossos dias. Destaque para uma plataforma



Ponte medieval



de adobes (com espólio votivo e/ou funerário associado), para parte de um edifício dos finais do século VII a.C. e áreas ligadas à metalurgia.

No que respeita os vestígios islâmicos destacamos as estruturas habitacionais que integrariam um bairro dos séculos XII-XIII, uma rua e um esgoto coberto por grandes lajes.

Ponte sobre o Gilão

A ponte sobre o Gilão é hoje um dos símbolos mais característicos da cidade de Tavira, estando classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1986.

Inicialmente a ponte era fortificada junto da entrada Sul, sendo protegida pela Torre do Mar, de planta octogonal. Até ao século XVII a ponte apresentava planta cruciforme, possuindo um imponente quebra-mar central, tendo chegado a ser habitada. Em 1655 a ponte sofreu uma derrocada, sendo que a sua reconstrução definiu a configuração atual.

Visitas e passeios

“Vila a Dentro”

Passeie pelo interior da Vila a Dentro e descubra a riqueza patrimonial, cultural e arquitetónica que a cidade oferece. Admire a Igreja da Misericórdia, do século XVI, considerada a mais valiosa das obras renascentistas do Algarve. No interior destacam-se os azulejos azuis e brancos, estilo rococó, do século XVIII e os retábulos de talha dourada. Suba um pouco e aproveite para visitar o Palácio da Galeria, cuja origem remonta também ao século XVI. Admire a cantaria barroca do portal das janelas do piso superior. Atualmente é o Museu Municipal onde decorrem exposições temporárias. Continue e aprecie a Igreja de Santa Maria do Castelo, monumento do século XIII, de estilo gótico. No interior, admire a capela-mor e capelas laterais com azulejos de diferentes épocas. No largo Abu-Otmane visite o Castelo, edificado em época islâmica, a partir do qual se desenvolveram as muralhas da cidade. No interior poderá usufruir de uma magnífica panorâmica de Tavira, os telhados “de Tesoura” ou de “Quatro Águas”, cúpulas de várias igrejas, as salinas e o mar.



Palácio da Galeria



Porta de reixa



“Barrocal/Serra”

Tavira possui cerca de 80% de serra e barrocal, aproveite para desfrutar as magníficas paisagens, com a sua vegetação típica. Passeie pela Freguesia de Santo Estêvão e admire as platibandas. Siga em direção à freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo, aí aproveite para descobrir o artesanato local, o fabrico de aguardente e licores, não deixe de visitar o núcleo expositivo da cooperativa de Santa Catarina da Fonte do Bispo e visite os montes típicos como Porto Carvalhoso, Bemparece, Água de Tábuas, Malhada do Judeu, Alcaria Fria e Alcaria do Cume.

Na freguesia da Conceição, visite a Mata Nacional da Conceição e vá em direção ao Parque de Lazer do Perímetro Florestal da Conceição, com 457 hectares, diversas espécies arbóreas e cinegéticas, quatro pequenas barragens, parque infantil, sanitários e espaços para piqueniques. Aproveite para descansar e apreciar a paisagem que a natureza lhe oferece. Não deixe de passear pelos montes típicos desta freguesia como Estorninhos, Eiras, Eirões e Vale Rosado. Durante a viagem aprecie a magnífica paisagem natural e os moinhos de vento.

Serra de Tavira



“Serra”

A serra Tavirense, muitas vezes esquecida, tem revelado ser cada vez mais importante. A mais serrana das freguesias do Concelho é Cachopo. Esta incorpora 53 montes e os seus habitantes desenvolvem atividades como o artesanato, nomeadamente trabalhos em linho, a gastronomia, o fabrico da aguardente de medronho, enchidos, queijos e pão. Na freguesia poderá visitar o Núcleo Museológico de Cachopo, o Moinho Branco, a Fonte Férrea de Cachopo, as Casas Circulares, a Anta das Pedras Altas e a Anta da Masmorra, o Parque de Merendas de Água dos Fusos, e montes típicos como: Alcaria Alta, Fonte da Rata e Malhanito. Aproveite ainda para observar a bonita imagem de Tavira e do mar vistos da serra.



Ria Formosa

Festas tradicionais e eventos

- Festival de Charolas Cidade de Tavira - janeiro
- Festival de Gastronomia Serrana - março/abril
- Semana Santa - março/abril
- Feira da Serra da Primavera - abril
- Festival de Gastronomia do Mar - maio
- Festas dos Santos Populares - junho
- Verão em Tavira (Música, cinema, artes plásticas, literatura, artesanato, folclore, colecionismo, antiguidades, desporto, astronomia, gastronomia, exposições, promoção patrimonial e ambiental) - julho a setembro
- Festa dos Pescadores (Santa Luzia) - agosto
- Feira de Agricultura, Caça e Artesanato - FACARTE (Conceição) - agosto



Santos populares



Produtos serranos: queijo fresco com tomate



Doçaria algarvia com laranja e figo



Produtos serranos: queijo, presunto e enchidos



Polvo



Pão

Dieta-Mediterrânica e a Gastronomia

Tavira é a comunidade representativa de Portugal da Dieta Mediterrânica, reconhecida como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2013.

A gastronomia está intimamente ligada à história e às características geográficas e sociais de uma região. No passado, Tavira foi um importante porto de pesca, sendo a captura e transformação do atum, até cerca de 1950, uma das principais atividades económicas.

Os produtos do mar são os *ex-libris* da gastronomia, destacando-se os mariscos, o polvo, o atum e o peixe grelhado.

Contudo, não podemos esquecer a serra e o interior, onde a perna de cabrito no forno, a açorda de galinha, a caça, os enchidos, o queijo fresco de cabra e de ovelha fazem parte da oferta gastronómica.

Nos restaurantes e pastelarias de Tavira poderá ainda deliciar-se com os magníficos doces feitos à base de amêndoa, gila, alfarroba, figo e com os folhados de Tavira.

Não se esqueça de provar uma aguardente de medronho ou figo, produzida artesanalmente nas freguesias de Santo Estêvão e Santa Catarina da Fonte do Bispo.

Artesanato

A tecelagem é comum a toda a serra, tendo a atividade assumido uma particular importância no Nordeste Algarvio. A tecelagem sempre foi uma atividade marcadamente feminina, com os homens a assegurarem algumas fases complementares no tratamento da lã ou do linho. Embora ainda se encontrem belos exemplares de mantas, alforjes e toalhas tradicionais, torna-se cada vez mais difícil arranjar linho e lã de ovelha artesanais: as fiadeiras escasseiam e os cardadores quase desapareceram.

A cestaria, especialmente em cana, representava outra atividade muito difundida. Os cestos eram instrumentos de trabalho essenciais nas tarefas agrícolas e no



armazenamento e transporte de produtos. Próxima da cestaria é a arte dos produtores de cadeiras de tábuas ou de vassouras, que mantêm a atividade em Barrocais e Hortas (Santa Catarina).

O tratamento do esparto, com vista à produção de trena para confeção de objetos utilitários (como as redes para ovelhas), constituiu uma fonte de rendimento importante para grande número de pessoas nas freguesias de Santa Catarina.

A par do trabalho em empreita e esparto, as mulheres da Serra sempre se dedicaram aos bordados e rendas, embelezando pacientemente lençóis e toalhas de rosto em linho. Faziam-se as lérias, as rendas de bilros, as bainhas abertas, as franjas entrançadas, o ponto de cruz, o bordado a matiz... Um mundo de segredos femininos, de cumplicidades intergeracionais.

Por último, são de referir alguns ofícios que tendem a desaparecer. É o caso dos albardeiros, ou dos latoeiros, que resistem em Cachopo. Eram ofícios aprendidos com um mestre e tinham a vantagem de se poder desenvolver dentro de casa. O mestre ensinava o essencial da profissão, do resto encarregavam-se os anos de trabalho.

De referir a produção de ladrilhos, tijolo burro e telhas artesanais, típica da freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo.

A cerâmica de construção já foi mais pujante no passado, mas a procura crescente de materiais tradicionais – de virtudes ecológicas reconhecidas e de valor estético incontestável – abre perspectivas de crescimento e expansão para este sector de atividade.

Atividade comercial

A atividade comercial tradicional localiza-se, grosso modo, no Centro Histórico de Tavira. Aí poderá encontrar uma oferta comercial diversificada, bem como diversos serviços.



Cestaria



- 1 Bairro Rainha Vitória
- 2 Museu de Huelva
- 3 Casa Colombo
- 4 Centro de Visitantes -
Huelva, Porta do Atlântico
- 5 Molhe do Rio Tinto
- 6 Igreja da Conceição
- 7 Palácio de Mora Claros
- 8 Igreja de São Pedro
- 9 Praça Mercês. Catedral
- 10 Praça de Touros

 Posto de Turismo
Plaza de las Monjas, s/n.
21001 - Huelva
Tel. 0034 959 251 218

Posto de Turismo da
Junta da Andaluzia
C/ Jesús Nazareno, 21
21001 - Huelva
Tel. 0034 959 650 200



Introdução histórica

O mar enquanto porta de saída de recursos minerais através de Huelva tornou-se um ponto de interesse para a ocupação destas terras por parte de civilizações como Fenícios, Gregos, Púnicos e Romanos, mas sobretudo, para o surgimento do reino dos Tartessos, que deixaram uma marca até aos nossos dias em toda a cidade e cujos vestígios podem ser contemplados no Museu de Huelva.

Na Idade Média e Moderna, a cidade cede a posição de líder no desenvolvimento à vizinha Saltés ocupando de novo uma localização privilegiada junto ao mar. Com o auge dos conhecimentos marítimos levados a cabo pelos marinheiros desta província durante a Modernidade, a cidade de Huelva ganha importância devido à sua relação



com o mar enquanto protagonista do Descobrimento da América em 1492. O Barroco deixou o seu traço nas estruturas mouriscas e renascentistas dos edifícios religiosos existentes na cidade, como por exemplo, o convento das Mercês merece atenção redobrada devido às suas características excepcionais: localização nos arredores da vila e pela data de início da construção: 1606.

Foi apenas com a venda das Minas de Riotinto aos ingleses que o cenário visual se alterou. Em 1833, fruto da nova demarcação territorial em Espanha, Huelva passa a ser a capital de província, com esse mesmo nome, apesar de não modificar o seu planeamento urbano até à chegada dos ingleses. Um conjunto de casas modernistas adorna o percurso daquelas que foram as ruas principais num momento crucial, quando é alcançado o auge das explorações mineiras de Riotinto e Tharsis. A povoação triplica e as novas construções de influências forasteiras particulares conferem um aspeto exótico, o que dificilmente se nota noutras capitais andaluzas.

Hoje em Huelva encontramos um porto amplo, com um grande movimento de embarcações, onde estão instalados

Vista panorâmica de Huelva





as marisqueiras que lhe dão reputada fama. Sobre a ria, o molhe da Companhia Riotinto que constitui uma das suas marcas de identidade mais conhecidas.

Para melhor compreender e desfrutar desta fascinante localidade, fica o convite para uma visita detalhada e, assim, descobrir mais sobre as suas origens diversas e a sua complexidade histórica e económica.

Património monumental

A cidade de Huelva está pontuada por um grande número de edifícios, religiosos ou civis, que merecem uma visita atenta, tal como os bairros completos, como o da Rainha Vitória – também chamado de “Bairro Obrero”- cujo urbanismo desperta um interesse especial.

Igreja de São Pedro

Situada na praça com o mesmo nome, foi construída sobre os vestígios de uma mesquita. Trata-se do edifício religioso mais antigo da cidade. De estilo gótico mourisco, a sua cronologia situa-se entre os séculos XV-XVI. Na planta e na elevação corresponde a um típico templo mourisco sevilhano de três naves separadas por arcos e abside poligonal. O edifício apresenta alguns restauros efetuados no século XVII apesar dos mais importantes terem ocorrido no século XVIII em consequência do terramoto de 1755.

Igreja da Conceição

Foi a segunda paróquia construída na cidade, nos solares de Cristóbal Dorantes, em 1515. Ainda são visíveis alguns elementos góticos (abóbada da capela-mor), mas na atualidade o templo apresenta traços do século XVII, em virtude de restauros significativos que foram efetuados após o terramoto de 1755.

Igreja da Milagrosa

Esta igreja foi erigida na rua Rábida entre 1923 e 1929 pelo arquiteto Pérez Carasa. Trata-se de um edifício neogótico, recentemente restaurado após os danos sofridos neste imóvel devido ao terramoto de 1969.

Igreja da Milagrosa



Catedral de Nossa Senhora das Mercês

Desde os finais do século XV até ao reinado de Felipe IV, a meados do século XVII, a vila de Huelva fez parte do imenso domínio da casa de Medina-Sidonia, a família nobiliária mais rica e poderosa da Europa. Fruto desse patronato, e símbolo do melhor expoente dessa época, encontra-se hoje a Catedral de Nossa Senhora das Mercês, construída por Martín Rodríguez de Castro entre 1605 e 1612 sobre a antiga capela de São Roque, e reconstruída com um severo estilo barroco em 1783 por Pedro de Silva e Francisco Díaz Pinto após o terramoto de Lisboa. Desde 1954, o templo, a sede episcopal e a catedral apresentam uma planta de basílica com três naves e um cruzeiro coberto por uma cúpula magnífica.

Santuário de Nossa Senhora da Cinta

Situado na zona denominada “El Conquero”, no final da Avenida Manuel Siurot, é o edifício que alberga a patrona de Huelva, Nossa Senhora da Cinta. Construído no século XV em estilo mourisco, é composto por três naves construídas em tijolo, conservando o arco central a ferradura de origem mourisca. Numa pintura mural está representada a Nossa Senhora da Cinta. Este foi o lugar visitado por Cristóvão Colombo para cumprir uma promessa feita à Virgem nos momentos críticos da sua travessia marítima, tal como retratado nos azulejos de Daniel de Zuloaga.

Pavilhão do Levante. Casa Colombo



Casa Colombo

Ermida de la Soledad

Trata-se de um edifício simples muito ligado à história de Huelva devido aos múltiplos usos que teve. Particular destaque para o facto de ter sido o lugar onde prenderam o poeta Miguel Hernández aquando da sua fuga para Portugal após a guerra civil espanhola. Esta igreja alberga as imagens da Irmandade do Santo Entierro e uma cripta do século XVII.

Bairro Rainha Vitória

Construído para albergar aos trabalhadores da Companhia Riotinto, daí o nome popular de “Barrio Obrero”, ocupa cerca de oito hectares de uma pequena colina. Tem um passeio de circunvalação, nove ruas paralelas e duas ortogonais às mesmas. No princípio foram construídos 71 blocos, todos da mesma altura e em forma de T, com três casas em cada um. Nos anos 1918-1920 e 1923, o inglês R.H. Morgan renovou o projeto original (cada dos guardas e fachada principal), que já seria concluído nesse ano com um novo projeto de Aguado e Pérez Carasa que traz novos blocos com dois andares. Em 1926, Morgan, novamente, introduz um último bloco de quatro casas de forma a que o conjunto fique completo com 88 blocos e 274 casas.

Casa Colombo

Foi inaugurado em 1883 como Gran Hotel Colón, um luxuoso estabelecimento hoteleiro onde foram celebrados as cerimónias do IV Centenário do Descobrimento da América. Dos quatro edifícios existentes permanecem três: Pavilhão do Levante, Pavilhão do Ponente e Casa Grande, dispostos à volta de um espaço central ajardinado. Hoje em dia é usado como Sede do Festival de Cinema Ibero-americano, alberga o Palácio de Congressos, Salas de Exposições, o Arquivo Municipal e vários serviços logísticos municipais.

Molhe da Companhia Riotinto

Foi o ponto de embarque do mineral proveniente das minas de Riotinto e que era transportado até à cidade através da linha férrea. Foi projetado pelo engenheiro George Barclay Bruce e inaugurado em 1876. Este molhe, integrado no conjunto do porto, foi transformado num agradável passeio que penetra na ria.



Monumento à Fé Dos Descobrimentos

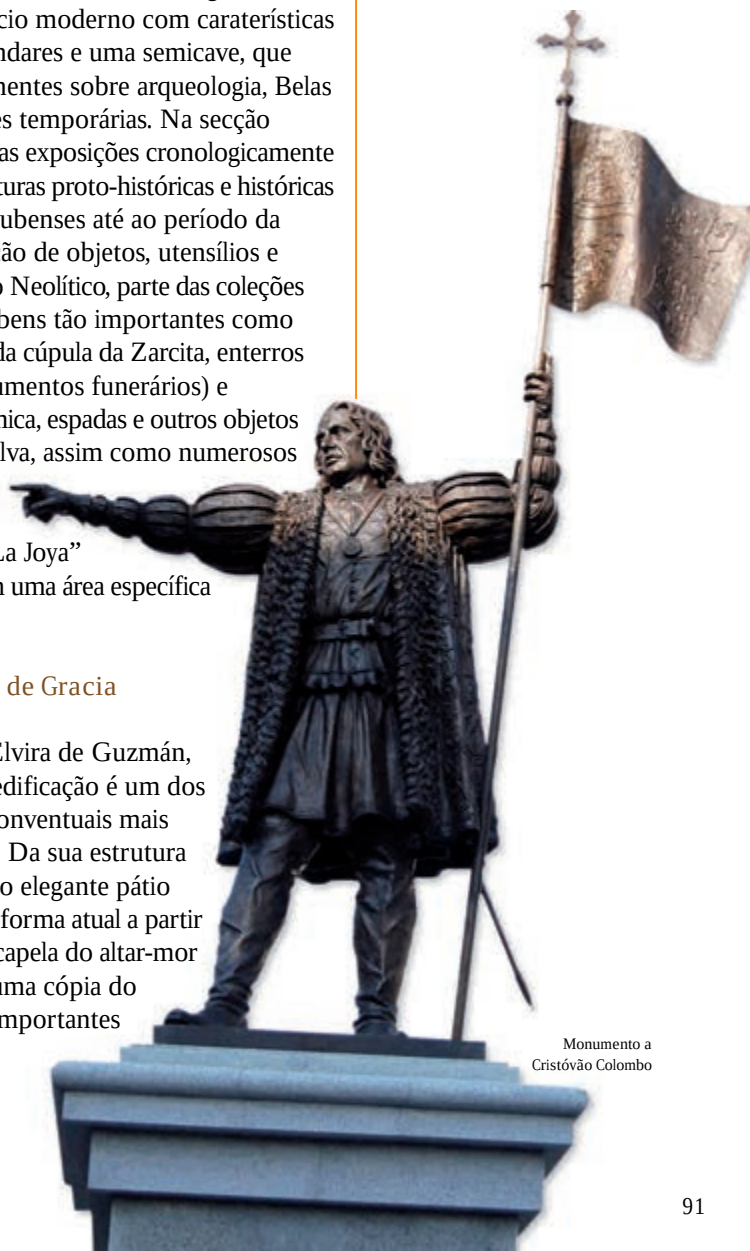
A 2 km do centro urbano, na confluência dos Rios Tinto e Odiel, ergue-se um dos monumentos mais colossais dedicados ao Descobrimento da América. Foi realizado em 1929 pela escultora americana Gertrude V. Whitney.

Museu de Huelva

O Museu Provincial de Belas Artes foi inaugurado em 1973. Trata-se de um edifício moderno com características simples. Conta com três andares e uma semicave, que alberga exposições permanentes sobre arqueologia, Belas Artes e também exposições temporárias. Na secção arqueológica foram dispostas exposições cronologicamente de acordo com as várias culturas proto-históricas e históricas que ocuparam as terras onubenses até ao período da Reconquista. Uma exposição de objetos, utensílios e materiais do Paleolítico e do Neolítico, parte das coleções da Idade do Bronze, com bens tão importantes como o encontrado no sepulcro da cúpula da Zarcita, enterros individuais em cista (monumentos funerários) e interessantes peças de cerâmica, espadas e outros objetos encontrados na ria de Huelva, assim como numerosos e valiosos achados pertencentes à estação tartéssica do “Cabezo de La Joya” completam esta secção com uma área específica na exposição.

Convento de Santa Maria de Gracia (Agostinhas)

Fundado em 1535 por Elvira de Guzmán, Condessa de Niebla, esta edificação é um dos monumentos mouriscos conventuais mais significativos da província. Da sua estrutura original ainda se conserva o elegante pátio mudéjar. A igreja adquire a forma atual a partir de 1618, com a criação da capela do altar-mor e do retábulo, sendo este uma cópia do original. Em 2003 sofreu importantes obras de restauro.



Monumento a
Cristóvão Colombo



Mercado

Visitas e passeios

O início de um passeio pela cidade de Huelva poderia começar no Centro de Visitantes “Huelva, Porta do Atlântico”, onde se pode obter informação em primeira mão para conhecer a evolução histórica da cidade, o que facilitará a compreensão dos lugares a visitar.

A Câmara Municipal de Huelva pôs em funcionamento as seguintes rotas temáticas:

O Legado Inglês

Consiste num passeio agradável pelo bairro da Rainha Vitória. Uma nota de especial destaque para o belo pôr-do-sol que se pode apreciar no molhe da Companhia de Rietintu ou nos jardins da Casa Colombo, locais onde se pode relaxar calmamente.

Huelva religiosa

Nesta rota é necessário ir visitar o Santuário de Nossa Senhora da Cinta – onde se pode descansar um pouco nos jardins - e a Catedral de Nossa Senhora das Mercês.

Centro histórico

A maior parte dos edifícios destacados nesta rota são do início do século XX, como o Palácio de Mora Claros, onde se recomenda uma visita. Esse percurso é uma boa oportunidade para fazer compras no centro da cidade ou para tomar um café na praça Alcalde Coto Mora.



Igreja da Conceição



Museus de Huelva

Neste percurso encontram-se o Museu Provincial de Huelva, o Centro de Interpretação “Huelva, Porta do Atlântico”, o Centro de Interpretação “Cocheras del Puerto” e o Centro de acolhimento “La Calatilla”. Não pode perder a sala do Legado Inglês no Centro de Visitantes “Huelva, Porta do Atlântico”, e a observação de aves ao final da tarde na Paragem Natural Marismas do Odiel.

Huelva arqueológica

São numerosas as zonas arqueológicas na cidade de Huelva, apesar de difícil observação. Por essa razão, é recomendado contemplar a coleção de peças, sobretudo a da época tartéssica, no Museu de Huelva.

Huelva, a Porta do Novo Mundo

A cidade de Huelva nunca deixou de olhar para o Atlântico. Nesta rota encontrará elementos que o provam, como o Monumento à Fé dos Descobrimentos, de onde se pode contemplar o Mosteiro da Rábida ou o Santuário de Nossa Senhora da Cinta, a virgem a que, segundo a lenda, Cristóvão Colombo pediu proteção.



Monumento à Fé Dos Descobrimentos



Monumento a
Juan Ramón Jiménez



Vista de Huelva

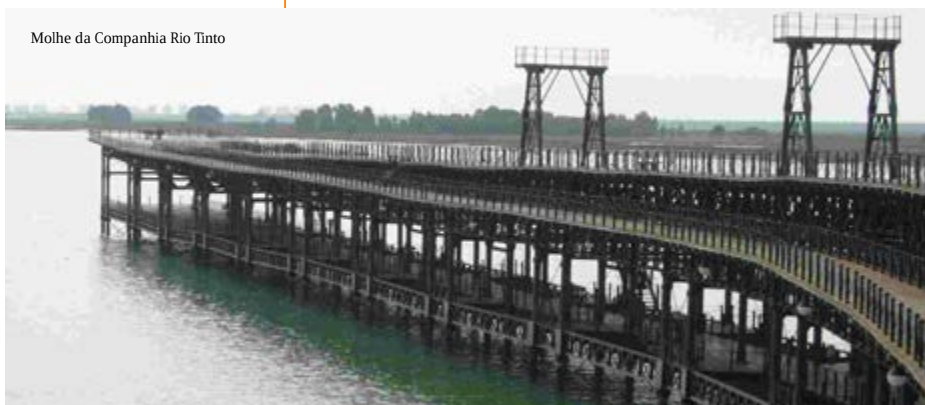
Huelva, entre duas rias

Huelva goza de uma singular envolvência natural por estar situada na foz dos Rios Tinto e Odiel. Nesta rota encontram-se espaços como o Parque Moret, os Cabeços de El Conquero, o Molhe das Canoas ou a paragem natural Marismas do Odiel.

Huelva e o mar

Nesta sugestão de percurso desfrute do pôr-do-sol especial que o Molhe das Canoas oferece ou de um passeio de barco pela Ria.

Molhe da Companhia Rio Tinto





Festas tradicionais

Em Huelva o destaque das festas vai para as que prestam homenagem a São Sebastião, por volta do dia 20 de janeiro; o Carnaval, de finais de janeiro até início de fevereiro; a Semana Santa, em março ou abril (declarada Festa de Interesse Turístico da Andaluzia); as Festas Colombinas, que se celebram na primeira semana de agosto (Festa de Interesse Turístico da Andaluzia, e as Festas de Nossa Senhora da Cinta, Padroeira de Huelva (Festa de Interesse Turístico da Andaluzia).

Gastronomia

Enriquecida pelas imensas matérias-primas da província, a gastronomia da capital baseia-se quer nos produtos provenientes da serra quer nos dos vindos do mar: as carnes, o presunto ibérico, o marisco e o peixe da costa onubense. Todos estes produtos podem ser adquiridos no moderno Novo Mercado de El Carmen. Por exemplo, no marisco o destaque vai para as diferentes espécies como o lagostim, as patas e bocas de caranguejo, a gamba branca, os camarões, a lagosta, a cigala, moluscos como as cadelinhas e as amêijoas. A oferta gastronómica de produtos do mar fica completa com o peixe do Golfo de Cádiz, sobretudo o atum, o pargo, a corvina, o linguado, o salmonete, o linguadinho, o peixe-espada (conhecido na zona como “aguja palá”), a moxama e em especial o choco frito ou assado. Também fazem parte da mesa onubense diferentes tipos de carnes, como a do porco ibérico, o presunto e a matança do porco.

A gastronomia também se complementa com outros produtos como o palmito, os morangos e sobretudo os vinhos da Denominação de Origem Condado de Huelva, com frutados, jovens, vinhos generosos, alguns tintos, espumantes da localidade de Almonte, brandy e vinagres. Esta extensa quantidade de matéria-prima tem reflexo nos pratos mais típicos da cidade, como as amêijoas à marinheiro, o atum de cebolada, as favas com choco e as favas “enzapatá”, a dourada no forno, as gambas “al ajillo”, as migas de pão, as cadelinhas (com salsa, alho e vinho branco), a raia com colorau, pata-roxa com tomate (“tollos con tomate”), as “papas” com choco e, a finalizar a bebida, o ponche colombino.



Monumento a la Virgen del Rocío



Presunto de Huelva



- 1 Castelo dos Guzmanes
- 2 Vestígios de San Martín
- 3 Hospital Medieval
Nossa Sra. de los Ángeles
- 4 Igreja Santa Maria
de la Granada
- 5 Câmara Municipal
- 6 Porta da Água
- 7 Ponte do Boi
- 8 Porta do Socorro
- 9 Porta de Sevilha
- 10 Vestígios Romanos
- 11 Porta do Buraco
- 12 Muralhas Tartéssicas,
Romanas e Árabes
- 13 Ponte Romana

1 Posto de Turismo
Campo Castillo s/n
21840 Niebla
Tel. 0034 959 362 270



Niebla

Introdução histórica

Niebla, que durante séculos foi a mais importante da comarca onubense a que dá nome, é uma cidade com um passado realmente antigo, com provas palpáveis, e não baseado em mitos e fábulas. Os vestígios tartéssios turdetanos, cartagineses testemunham este início como parte do arco de povoações do sudoeste peninsular que, que montados a cavalo entre o interior e o mar, fazem do I milénio a.C. uma economia próspera baseada na exploração de minas, gado, agricultura e dos intercâmbios com o exterior. Graças à sua localização privilegiada nas margens do rio Tinto e à sua proximidade ao Oceano Atlântico, *Lliple*, a antiga Niebla, consolidou-se durante a época romana e ganhou relevo quando foi consagrada sede episcopal e um dos principais núcleos visigodos da região.

A cidade aumentou ainda de importância após ser conquistada pelos muçulmanos em 712. Designada por *Labla* acolheu na altura aristocráticos de linhagens árabes, que zelosos da sua independência, não deixaram de disputar o poderio desta zona com os emires de Córdova, erigindo ali uma cora (divisão muçulmana) cuja superfície abarcava uma vasta extensão do *Garb al-Andalus*. Depois de alcançada

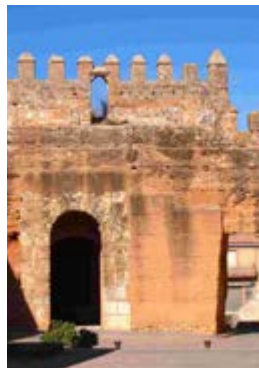


a paz e ter sido incorporada no Estado cordovês durante o califato omíada, *Labla* voltou pelos seus fóruns e em 1023 constituiu-se como corte do reino de taifas de al-Yahsubi, que a montante viria a ser absorvida pelos Abadies de Sevilha, para final do século ficar sujeita ao domínio almorávide. Foi nesse tempo que se iniciou a fase, de florescimento e convulsão, que lhe conferiu a sua excecional configuração urbana.

Por um lado, os almorávides fizeram de *Labla* -chamada (às vezes *al-Hamra*), "*la Roja*", devido à cor das suas muralhas- um dos seus pontos mais sólidos em terras ocidentais, mas, por outro, dentro dos seus muros fermentarão também os movimentos que levaram à sua queda e substituição pelos almóadas como senhores de *al-Andalus*. Contudo, Niebla voltou a demonstrar o seu carácter inquieto e turbulento frente aos novos governantes almóadas, cujos exércitos, exasperados por estarem sitiados a assaltaram em 1155 provocando uma matança tão grotesca que o próprio califa se viu obrigado a condená-la. Daí em diante a sorte de *Labla* decorreu de forma paulatina fruto dos almóadas e do Islão peninsular; desde 1234 subsistiu como capital do precário estado de Ibn Mahfuz, o último baluarte do Ocidente andaluz incorporado a 1262 na Coroa de Castela



Igleja Santa Maria de la Granada



Murallas



Castelo



pelo rei Afonso X após um longo assédio, no que, a título de curiosidade histórica, se encontra documentado o uso de pólvora pela primeira vez em Espanha.

Na Baixa Idade Média a vila ainda teve algum destaque enquanto capital senhorial do Condado de Niebla, concedido por Enrique II em 1369 a Juan Alonso Pérez de Guzmán, descendente do célebre Guzmán el Bueno, senhor de Sanlúcar e proprietário da Casa de Medina Sidonia, uma das mais poderosas da nobreza espanhola. Desde a altaneira e soberba alcáçova que se os Guzmanes construíram em Niebla, esta família governou os destinos das suas vastas propriedades onubenses, até que o auge das transações atlânticas os levou a fixar residência em Sanlúcar. Desde o século XVI a vida de Niebla ficou associada a um ritmo mais calmo, sobressaltado apenas por episódios como o terramoto de 1755 e a ocupação francesa durante a Guerra da Independência, com as respetivas consequências.

Castelo

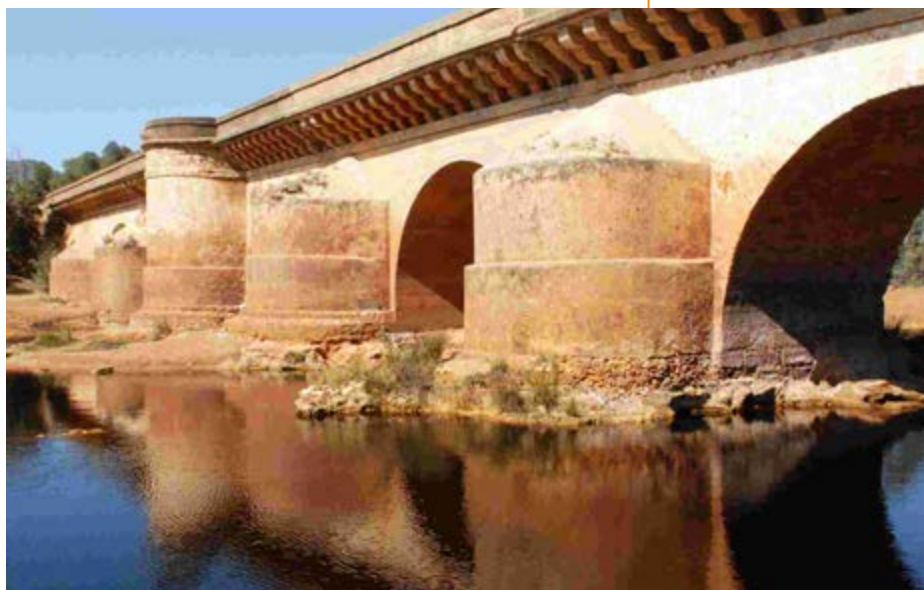




Património monumental

A cidade de Niebla é uma das poucas cidades andaluzas que preservou as suas muralhas praticamente intactas. Em muito poucos centros urbanos é possível contemplar uma perspetiva geral tão surpreendente: Niebla apresenta-se completamente cercada por muros, como de um autêntico cenário medieval cristalizado no tempo se tratasse, o que permite ter uma ideia concreta de como eram as vilas amuralhadas de outrora. Adaptada a um promontório definido pelo rio, o circuito das muralhas tem algo cerca de 2 km de extensão, cinquenta torres e cinco portas em cotovelo, um complexo defensivo que encerra no seu interior 16 hectares de superfície; todos estes sinais representativos de uma cidade andaluza de tamanho médio. Contemplar estes elementos torna evidente a razão pela qual se deu a Niebla o apelido de “*la Roja*” [“a encarnada”]:

Luzem as cores das terras tijolo arrastadas pelo rio que se usaram no taipal da fábrica, que se encontra reforçada por tijolos, alguns de origem romana. Esta construção é atribuída aos almorávides, e que se deve ter sido realizada até ao ano de 1130 durante o intensivo programa de fortificações que edificaram na região *al-Andalus* para comprovar a sua autoridade.



Ponte Romana



Porta de Sevilha



Porta do Buraco

Castelo dos Guzmanes

Dentro do recinto amuralhado destaque para o Castelo dos Guzmanes (século XV), o ponto defensivo mais forte de Niebla e de grande interesse histórico e turístico. Trata-se de um potente retângulo de muros duplos e torreões edificado pelos Guzmanes no início do século XV sobre a estrutura da anterior alcáçova islâmica. Atualmente é um edifício com bastante importância e de visita obrigatória, fazendo recordar a todos que por ali passam, o passado histórico visível em cada uma das suas salas temáticas.

Ponte Romana sobre o rio Tinto

Outro destaque vai também para a ponte de origem romana (há registo que existiria já no século II), sobre o rio Tinto, e cujas águas estão tingidas com cores vivas e ocres devido aos minerais que vão sendo dissolvidos à sua passagem, desde a origem e ao longo do todo o caudal do rio Tinto. Composto por nove arcos, alguns dos quais denotam intervenções da época andaluza, é uma peça chave para entender o papel histórico de Niebla, cidade ribeirinha e poente, tal como Córdoba, Sevilha e tantos outros centros urbanos de primeira linha do tempo *al-Andalus*. Junto da ponte existem passeios ao longo do rio Tinto acompanham as suas margens, as muralhas e vão até à torre defensiva do ouro, que convidam a reconhecer em simultâneo este percurso fluvial e fortificado.

Centro histórico

A entrada mais comum para o centro histórico de Niebla é a porta do Socorro, situada a norte e próxima do castelo. Aqui se pode observar o sistema de torres e passagens em ângulo, próprio de construções militares islâmicas do século XI, que fazem deste tipo de portas acessos muito difíceis de penetrar. Esta entrada conduz de imediato à original praça de onde jazem inamovíveis, de um lado ao outro, a parte frontal e a absida da extinta igreja mudéjar de San Martín, templo sucessor de uma mesquita e de uma sinagoga judaica cujas vicissitudes dão conta da mescla cultural decorrida em Niebla. Vale a pena recordar que de uma das suas aldeias era oriundo e ali passou a idade de ouro o escritor e poeta hispano-

árabe do século XI Ibn Hazm, autor de célebre obra romântica “O colar da pomba”.

O tecido das ruas estreitas encontra-se compactado pelas casas e é retorcido pelo resguardo das muralhas até às portas do Embarcadero, perto do rio e do seu caudal, onde se abasteciam os habitantes. A zona del Buey, decorada com delicados arcos de tijolo e cheios de lendas. No centro, a calle Real leva-nos ao coração da antiga medina, à praça com a porta gótica e à fachada barroca do hospital dos Ángeles, onde fica a Casa da Cultura, e a elegante imagem da paróquia de Santa María de la Granada.

Igreja de Santa Maria de la Granada

A aparência externa desta igreja revela a sua inquestionável antiguidade: sóbria, robusta, feita de alvenaria e tijolo, salpicada por arcos em ferradura. Também o seu interior confirma esta ideia: colunas e capitéis romanos e visigodos, uma cadeira episcopal em pedra, arcos e gessos árabes. Local de albergue de várias religiões é provável que fosse um recinto sacro-romano e a catedral goda, transformada depois em mesquita aljama de Niebla e novamente voltou-se a consagrar mais tarde como igreja. O fuste da torre é um dos minaretes mais antigos que perduraram da época *al-Andalus*, quiçá do século IX. Erguida de maneira canónica, a norte do oratório junto ao pátio dedicado às purificações, de que permaneceram até aos dias de hoje as três naves da área reservada às mulheres para as suas preces (asaquifa). Um belo arco lobulado que se abre no interior da estrutura gótico-mudéjar dos finais do século XV, mas que preservou, numa parte lateral, o nicho de oração orientado para Meca da primitiva mezquita, a “mihrab”.

Além disso, Niebla conta com importantes elementos patrimoniais, como são prova os vestígios da Igreja de San Martín (século XV), o Hospital Medieval de Nossa Senhora de los Ángeles, original do século XIV ainda que com modificações posteriores, edifício que se transformou em Casa da Cultura e no que se instalou um centro de interpretação da comarca de *El Condado*.



Porta da Água



Porta do Rei



Visitas e passeios

As ruas do centro histórico de Niebla são estreitas e convidam ao passeio para desfrutar de cada esquina deste Conjunto Histórico. Se partir do centro da cidade, pode-se visitar tanto a igreja de Nossa Sra. de la Granada como a Casa da Cultura. Posteriormente o passeio pode prosseguir em direcção à Porta da Água, para caminhar entre a muralha e o rio Tinto até à Porta del Buey, da época almóada, de onde surge um passeio junto ao recinto amuralhado que leva até à Ronda de Jerusalém. Ali se pode ver outra das portas almóadas, a Porta do Socorro, através da que se pode entrar novamente no recinto amuralhado e desfrutar de uma visita à igreja de San Martín, que conta com uma magnífica abside gótica erigida no século XV. Dali se pode sair em direcção ao exterior do recinto para ir até à Porta do Agujero e continuar a apreciar o recinto amuralhado, construção realizada pelo povo andaluz no século XIII e que é formado por 44 torres. Mais à frente é a vez da Porta de Sevilha, por onde se fazia novamente passagem para logo de seguida encontrar a monumental entrada do Castelo. Nos dias de hoje existem neste monumento salas temáticas que recriam épocas passadas, como por exemplo, a Câmara da Condessa, a zona dedicadas às armas ou as masmorras (onde estão expostos mais de 30 instrumentos e máquinas de tortura).



Igreja de Santa Maria de la Granada



Romaria

Artesanato

Os labores artesanais de Niebla são tão antigos como a própria cidade. É disso testemunha a enorme quantidade de objetos artísticos e de uso doméstico encontrados aqui, e que constituem um legado das distintas culturas que aqui deixaram a sua marca. No entanto, desde os primeiros povoadores e até aos nossos dias, as artes populares sofreram transformação. Algumas atividades tiveram períodos de inatividade e outras inclusive desapareceram. Entre os materiais de artesanato originais de Niebla podem citar-se as pedreiras, o trabalho em pedra, o “calerín” situado no junto à fábrica de cimento, os seixos, etc. que originam as alfaia, a cerâmica, o calçado, as guarnições, a cestaria, o trabalho de palma típico e caraterístico de Niebla, os bordados, as essências de tomilho e de eucalipto, etc.

Festas tradicionais

A cidade de Niebla conta com um interessante calendário de festas que se inicia no mês de fevereiro com o Carnaval, seguido da surpreendente e bela Semana Santa. No mês de maio é celebrada la romaria em honra da Virgen del Pino, e em junho as festas em honra do padroeiro San Walabonso. Em setembro é a vez da chegada do folclore e da tradição, com a celebração das festas em honra da padroeira Santíssima Virgem del Pino, altura em que além das liturgias e exaltações de desfruta das típicas touradas de capa. A última destas festividades ocorre em novembro com a popular “Feria de “Tosantos”.

Gastronomia

A rica gastronomia é ainda uma boa razão de visita. Podemos citar pratos típicos como os cardos (tagarninas), salteado de espinafres (revuelto de espinacas) ou os espargos e os salteados com tomate (revoltillos con tomates). O s cardos (“tagarninas”), salteado de espinafres (“revuelto de espinacas”), as favas (“habas en colorado” ou “enzapatás”), são pratos confeccionados com os produtos provenientes dos férteis campos de Niebla. Durante a época de apanha de cogumelos, o destaque vai para a sopa de gurumelos (um estufado elaborado com feijão branco, grão, bacalhau e gurumelos). O destaque durante a época da apanha do cogumelo vai para a sopa de gurumelos (um estufado elaborado com feijão branco, grão, bacalhau e cogumelo silarca). O visitante não pode tão pouco deixar de provar alguns dos pratos onde a carne é a protagonista, especialmente a caldeirada de cordeiro (um estufado de carne e batatas condimentado com louro, tomilho e pimenta.

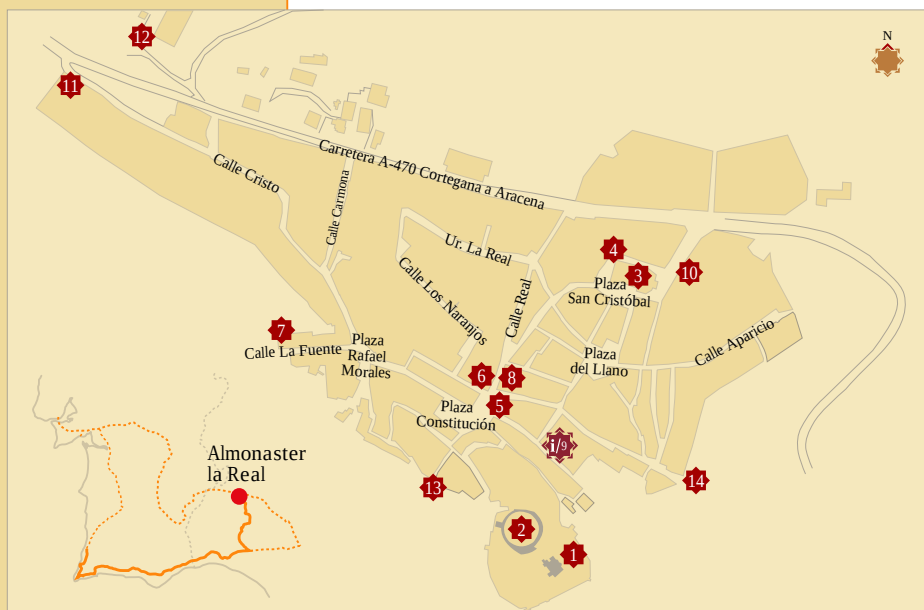
Tal como noutras localidades do Condado, a pastelaria alcança a sua expressão máxima durante a Semana Santa, momento em que tradicionalmente se confeccionam doces como as “torrijas” (rabanadas), “los roscos” (bolachas), “los pestiños” (doce típico da região) e as rosas de mel.

Espinafres com grão-de-bico



Artesanato com fiteiras





- 1** Fortaleza-Mesquita (s. IX e X)
- 2** Praça de Touros (s. XIX)
- 3** Igreja Mudéjar São Martín (s. XIV e XVI)
- 4** Porta Manuelina do Perdão (s. XVI)
- 5** Câmara Municipal - Informação
- 6** Ermida da Trindade (s. XVIII)
- 7** Fonte do Concelho (s. XVIII)
- 8** Casa Palácio Miguel Tenorio (s. XIX)
- 9** Centro de Interpretação Al-Andalus e da Serra
- 10** Salão de Exposições Manuel Vázquez V.
- 11** Ermida do Senhor da Humildade (s. XIX)
- 12** Ermida de São Sebastião (s. XVI) - Ruínas
- 13** Caminho de Ronda da Muralha
- 14** Ponte da Tenería (s. I e II)

i Centro de Interpretação Al-Andalus e da Serra
Calle Llana, 20
21350 Almonaster la Real
Tel. 00351 281 322 511



Almonaster la Real

Introdução histórica

Os primeiros vestígios de povoamento nesta zona da serra remontam à Idade do Bronze (3000 a.C.). Os vestígios encontrados na necrópole de Becerreros, na zona sul do município, e na exploração mineira de Monte Romero são numerosos e interessantíssimos.

No entanto, os vestígios mais abundantes são da época romana. Citando o professor Luzón, o cimento da Vila de Almonaster foi feito em cima de uma localização romana. Na muralha do velho castelo podem ser apreciados numerosos blocos romanos, apesar de tudo ter ficado oculto depois das obras medievais, e também são romanos alguns dos vestígios arquitetónicos (colunas, capitéis e blocos) reutilizados na construção da mesquita. Da mesma época é a notável estação - ainda por escavar - de Santa Eulália, em que o destaque vai para os muros que servem de base à abside da ermida. Tratam-se dos vestígios de um sepulcro em forma de torre do século I, similar à torre dos



Escipiones de Tarragona.

A localidade manteve a sua vigência na época visigoda, período no que se edificou um mosteiro no solar da fortaleza. Os vestígios desta etapa são muito interessantes, com particular destaque para o dintel da entrada, parte da iconóstase da igreja, vestígios de um altar e uma cimalha, todos eles datados entre os séculos V e VII. Segundo Alfonso Jiménez, restaurador e estudioso da mesquita, o atual nome da localidade teria origem no topónimo árabe *al-Munastir*, transcrição quase literal do anterior nome latino *monasterium*.

Quando os muçulmanos chegaram a Espanha julga-se que Almonaster foi ocupada por Abd al Aziz, tal como toda a província de Huelva, enquanto a partir de Sevilha se realiza uma campanha até ao Algarve, capitulando sem luta a localidade e passando a depender dos “Wálies” de Córdoba. Nesta zona estabeleceram-se berberes, enquanto as zonas planas foram ocupadas por muladis e moçárabes hispânicos.

Na época do emirato de Córdoba, *al-Munastir* era uma localidade importante da comarca. Uma prova disso é a existência da sua cerca amuralhada e, no seu interior, a



Mesquita de Almonaster la Real





Rua de Almonaster la Real

mesquita da Medina islâmica, erguida sobre o antigo edifício cristão. Depois do término do Califado, a Serra de Huelva ficou debaixo do domínio do Reino de Taifas de Badajoz.

A invasão almorávide com a intenção de unificar os reinos divididos encontrou forte resistência na serra onubense, que se permaneceu independente até que, em 1111, cai em mãos africanas. A meados do século XIII, toda a serra está já debaixo de domínio cristão. Até 1230, a Ordem Militar do Hospital incorpora Almonaster e outras localidades da comarca na coroa portuguesa, existindo durante o reinado de Afonso III um importante repovoamento que deixou uma marca na povoação deste local. O problema fronteiriço surgido entre Portugal e Castela por causa das “terras do Algarve” tem fim com a intervenção do Papa, decidindo-se em 1253 que estes territórios passavam para Castela. Almonaster foi incluída em alfoz ou “terra” de Sevilha. Pouco depois, em 1285, Almonaster la Real e Zalamea tornam-se um senhorio episcopal no território de realengo da Serra de Huelva, situação que se prolonga até 1574.

Nesse ano, Felipe II separa Almonaster da Sé sevilhana, e em 1580 concedeu uma provisão para que o licenciado Álvaro de Santander tomasse posse da vila e do castelo, ficando incorporados na jurisdição real. Ao tornar-se régia, a Vila ficou com o sobrenome de “la Real”, denominando-se desde então Almonaster la Real.

Durante o século XIX a localidade goza de um período de expansão económica e social propulsionado pela aposta na valorização e na exploração dos seus importantes recursos minerais, atividade que decaiu sensivelmente ao longo da segunda metade do século XX.

O êxodo rural dos anos 60 e 70 afetou o município que viveu durante essa época uma crise demográfica significativa e cuja fase final está muito relacionada com a recente criação do Parque Natural Serra de Aracena e Picos de Aroche.



Património monumental

Almonaster la Real conta com um importante património arquitetónico, fruto das culturas que passaram por estas terras. Este património foi complementado de forma esplendorosa com a paisagem e os recursos naturais que rodeiam a localidade. Entre o seu legado arquitetónico destaque para o castelo e a mesquita islâmicos e as numerosas igrejas, um rico e variado catálogo de edifícios civis, sendo um dos conjuntos urbanos de maior interesse desta comarca. Construções modernas e senhoriais de diferentes épocas e estilos (com elementos góticos, mudéjares, renascentistas e outros mais modernos) convivem em perfeita harmonia urbanística.

Castelo

No século IX *al-Munastir* era a povoação mais importante da comarca, cabeça de uma circunscrição militar e fiscal. Estava rodeada e protegida por uma cerca amuralhada, em cujo interior se encontrava a Medina, a aljama e, possivelmente, o alcácer do que não existe qualquer vestígio.

A planta que atualmente apresenta o recinto amuralhado é um polígono irregular, de aproximadamente 80 áreas de superfície e 313 metros de perímetro, articulado por cortinas de muralha com torres de planta retangular e circular nas esquinas e no meio dos trechos mais compridos. A altura das cortinas adapta-se perfeitamente à topografia do terreno, apresentando diferentes alturas. O seu aspeto revela várias etapas construtivas: a mais antiga pode remontar à época dos califas e as suas cortinas são de alvenaria reforçada com silhares romanos nas esquinas; também se podem observar intervenções importantes da época almóada nos setores de taipa de terra vermelha; finalmente, aparece uma alvenaria da época medieval cristã.



Frescos de Santa Eulália (século XV)

Vista panorâmica de Almonaster la Real





Haram da Mesquita



Vestígios Visigodos (séc. V a VII)



Vestígios Romanos (séc. I a II)

Mesquita de Almonaster

A Mesquita de Almonaster fica localizada no ponto mais alto da colina e coroa o Castelo. Esta “igreja antiga de mouros”, denominação que figura num documento de 1583 conservado no Arquivo Geral de Simancas, foi erigida durante o reinado de Abd al-Rahman III, no século X. Pelas ruínas reutilizadas na sua construção julga-se que, que na época romana, existiu um edifício monumental que posteriormente foi transformado numa igreja visigodo-cristã, subsistindo com caráter monástico até à invasão muçulmana. Numerosas colunas e capitéis romanos dos séculos I e II, assim como interessantíssimos vestígios visigodos do século V ao VII, são testemunhos mudos deste reaproveitamento.

Nos finais do século XV ou começo do XVI, a mesquita sofreu uma série de obras importantes que restauraram parte da estrutura e acrescentaram novos espaços. No século XVI construiu-se o campanário, a sacristia e o alpendre.

Conserva no seu interior um conjunto interessantíssimo de peças arqueológicas de diferentes períodos e estilos: uma ara funerária romana; um epitáfio paleocristão; as ruínas da ara e da cancela da iconóstase da antiga igreja visigoda; um cimácio, datado entre o século V e o VII; um dintel visigodo, coroando a porta de entrada; numerosos fustes e capitéis romanos, etc.

A Mesquita de Almonaster é um testemunho excecional das primeiras obras islâmicas de Espanha. Conserva o caráter, tão difícil de encontrar, de uma

mesquita de uma cidade pequena, sóbria, recolhida e dotada de uma subtil elegância do período omíada, cuja arte uniu uma herança clássica à influência oriental. Nem as transformações com o passar do tempo, nem os ataques da natureza alteraram este monumento singular,



Mesquita de Almonaster la Real



emblema de Almonaster e origem e destino de culturas. Cada época impõe a sua marca e de cada época fica uma recordação patente nas suas velhas pedras que sobrevive até aos nossos dias como uma autêntica mistura de culturas, síntese de toda a história desta localidade.

Igreja gótico-mudéjar de São Martín

A Ermida da Conceição, localizada na antiga mesquita, tornou-se pequena para a celebração de cultos, o que obrigou à construção de um novo templo para a localidade. A nova igreja foi erigida num enclave relativamente afastado do Castelo, o que a converteu num núcleo em torno do qual se viria a aglutinar a expansão urbanística da localidade.

Ermida de Santa Eulália

De acordo com o professor Alfonso Jiménez, “este é um dos poucos edifícios romanos que se podem contemplar em Huelva, já que os três muros da abside são de um mausoléu da época imperial, construído provavelmente na primeira metade do século I da nossa Era e, nessa altura, deveria assemelhar-se à Torre dos Escipiones de Tarragona”. Nas ruínas deste edifício funerário romano, construído com bonitos silhares de granito, foi erigida esta Ermida, talvez nos finais do século XV ou princípios do XVI.

A Ermida e a sua envolvência, incluindo uma antiga praça de touros, foi declarada Bem de Interesse Cultural e faz parte do importante Conjunto Histórico de Almonaster. Foi iniciado o procedimento para considerar de proteção especial o espaço arqueológico onde se situa a ermida.

Ruínas da ermida de São Sebastião

Esta ermida situa-se nos arredores da localidade, tal como a Ermida do Senhor, junto ao caminho que unia Almonaster a Cortegana e Aroche. Provavelmente trata-se de uma ermida medieval, restaurada no século XVI. Apenas se conserva a abside e vestígios de muros antigos. O presbitério tem a forma cúbica, com coberturas a quatro águas aberto ao exterior por um arco de meio ponto e duas janelas laterais. O interior é coberto por uma abóbada de canhão cujos arcos descansam sobre quatro mênulas angulares maneiristas. Serviu de capela cemitério durante o século XIX e parte do XX, até que se construiu o atual cemitério municipal. Nas paredes ainda é possível observar marcas de nichos.



Fonte de Abilaciones

Porta Manuelina (s. XVI). Igreja gótico-mudéjar de São Martín



Capela da Santíssima Trindade

Ermida do Senhor

Esta pequena ermida do Senhor – Santíssimo Cristo da Humildade e Paciência- cuja imagem cumpria o papel de “Cristo da Boa Viagem”, situa-se à saída da localidade, junto ao antigo caminho para Cortegana. De planta retangular, tem uma nave formada por duas abóbadas canhão e uma pequena sacristia coberta por um par de abobadilhas de aresta.

Este edifício, muito simples, de telhado a duas águas, evidencia duas etapas de construção: a mais antiga, que corresponderá à nave e ao retábulo, datada entre 1640 e 1684; e a obra da sacristia, posterior a essa data. A parte mais recente é o telhado. Inclui um campanário do século XIX.

Capela da Santíssima Trindade

Trata-se de um pequeno edifício barroco, dos finais do século XVIII, situado na praça da câmara municipal. O templo, tal como se pode observar na sua planta irregular, segue as indicações físicas do solar em que se localiza, dispoindo dos espaços de maneira algo arbitrária. Numa só nave surge a sacristia, de planta quadrada, com cobertura de abóbadas de aresta e o presbitério, de planta trapezoidal e rematado por um canhão longitudinal com abobadilhas de meia-lua. Um pequeno púlpito e um coro alto completam a capela. A iluminação é proporcionada através de dois óculos tetralobulados e todo o interior está encalado até ao mais ínfimo detalhe, o que lhe confere uma pureza arquitetónica dificilmente encontrada noutros edifícios barrocos. Entre outras caraterísticas ressalta a beleza desta capela, com uma planta tão pequena. A decoração do interior é reduzida a umas pias de água benta e a várias portas de painéis.

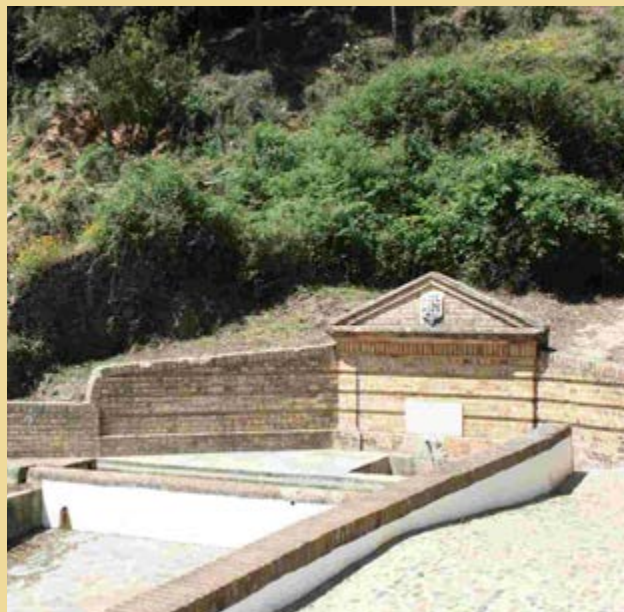


Ermida de Santa Eulália



Visitas e passeios

Numa visita a Almonaster la Real existem várias rotas possíveis para desfrutar do seu património e arredores. Uma através do interior do município, e outra através das 14 aldeias que povoam os limites municipais, cada uma com as suas características específicas (*Acebuches, Aguafría, Almonaster la Real, Arroyo, Calabazares, Canaleja, Cueva de la Mora, Escalada, Estación, Gil Márquez, Mina Concepción, Molarés, Monteblanco, Patrás e Veredas*).



Fonte do Concelho



Ponte da Teneria



Praça de Touros



Fonte del Llano

Fiestas tradicionales e eventos

Uma das principais marcas de identidade de Almonaster la Real é o seu património etnológico, representado pelo seu importantíssimo ciclo festivo e pelas expressões folclóricas e musicais que aqui têm lugar. Séculos de cultivo e dedicação com objetivo de manter as tradições deram lugar a um aglomerado de práticas e rituais cujas origens se perdem no tempo. As festas que aglutinam esta bagagem patrimonial ímpar são as Cruces de Maio e a Romaria de Santa Eulalia, sendo o Fandango o adereço musical de ambas.



Romaria da Cruz de Llano.
Estas festas são consideradas de
interesse etnológico na Andaluzia

As Cruzes de Maio

São celebradas desde tempos imemoriais por volta do primeiro domingo de maio, e supõem uma manifestação cultural de primeira ordem que se concretiza com uns ritos ancestrais postos em marcha que, ano após ano, se repetem com grande lucidez. A rivalidade existente entre as duas Irmandades, el Llano e la Fuente, faz com que esta “Fiesta” esteja muito arraigada entre os membros de cada Cruz e que cada vez seja maior o esforço por engrandecê-la e por manter mais viva do que nunca esta histórica festividade. Logo no mês de abril as Irmandades iniciam os preparativos para a festa, que tem os seus momentos culminantes na “Tarde das flores” (sábado das Cruzes), a “Noite dos pinos” (noite e madrugada de sábado), o “Romero” (domingo das Cruzes), a segunda-feira das Cruzes e a “Jira” (terça-feira das Cruzes). As Festas da Cruz de Almonaster la Real são consideradas de Interesse Etnológico e estão incluídas no Catálogo Geral de Bens Patrimoniais da Andaluzia.

Romaria de Santa Eulália

Trata-se de uma das manifestações religioso-festivas com maior enraizamento em toda a comarca serrana. É das romarias mais antigas de Espanha, conforme atesta um documento de 1606 guardado no Arquivo Municipal, celebra-se na Páscoa de Pentecostes, por volta do terceiro sábado de maio. A Ermida de Santa Eulalia erigida em honra da Santa distinta situa-se sobre os vestígios de um edifício funerário do século I, importante vestígio do assentamento romano na zona. Encontra-se situada a 20 km de Almonaster.

Jornadas de Cultura Islâmica

O passado e património islâmico constituem a base da comemoração anual em Almonaster deste evento cultural de grande importância. Ano após ano, durante alguns dias, a nobre e antiga *al-Munastir* vê as suas ruas e recantos repletos de recordações que evocam o seu rico passado. A mesquita transforma-se num local onde se abordam, debatem e investigam estes factos históricos. Através de variadas actividades este amplo espectro cultural é analisado. É uma ocasião para assistir a um cruzamento e encontro de caminhos, naquilo que constitui um aspecto estratégico de uma fronteira aberta e com marcas inapagáveis que emanam da herança do período al-Ándalus. Estas jornadas celebram-se anualmente por volta do dia 12 de outubro.



O fandango

É a expressão musical por excelência destas gentes. Almonaster é o berço de oito estilos desta arte flamenca; estilos que se conservaram, tal como ouro em pano, em arcas de saber popular e que se manifestam esplendorosamente nas duas festas antes mencionadas: o fandango da Cruz, na Noite dos Pinos, o fandango “repicao” das Veredas, *fandango de Aguafría*, *fandango de la tarde de la Jira*, o de Santa Eulália (modalidades: curto e comprido) e o fandango aldeão, nascido nas aldeias de Calabazares e da Escalada. Os dois últimos podem ser dançados.



Gastronomia

A situação geográfica de Almonaster la Real, o respeito e a manutenção das tradições culinárias ancestrais e os produtos de primeira qualidade que se utilizam nas cozinhas deram lugar a um extenso leque de possibilidades gastronómicas para os bons garfos que visitam estas paragens. O rei da mesa, tal como em todo o Parque Natural da Serra de Aracena e Picos de Aroche, é o porco ibérico. O presunto ibérico, o lombo ibérico, e todo o tipo de carnes e saborosas carnes frias caseiras, estão presentes nas ementas de tapas e comidas em bares e restaurantes.

O guisado de pobre, os panados, a salada de orégãos, a salada fina de Los Llanos, a sopa de sabores e a sopa de Carnaval são alguns dos múltiplos exemplos do contributo que este município dá à gastronomia serrana. A riqueza micológica da zona faz com que se tenha expandido o consumo de cogumelos em pratos salteados, tortilhas ou assados um manjar ao alcance de poucos e de que os vizinhos de toda a Serra desfrutam periodicamente, graças à natureza generosa.

No capítulo das sobremesas, as populares tortas do padre, os “roscos”, “pestiños”, rosas, madalenas, queijos de cabra e mel são os principais atrativos de uma mesa. Por último, é preciso referir a singular contribuição dos licores que, historicamente, se têm produzido e consumido nesta localidade: a aguardente, elaborada de forma totalmente artesanal num alambique do princípios do século XIX, e os licores de cereja, de bolota, de castanha, etc.



- 1 Câmara Municipal
- 2 Castelo de Cortegana
- 3 Igreja Paroquial do Divino Salvador

 Centro de Recepción de Visitantes
Junto al Castillo de Cortegana
21230 Cortegana
Tel. 0034 959 131 550



Introdução histórica

Os primeiros povoadores de Cortegana instalaram-se nos cumes das colinas mais altas, onde tinham um perfeito controlo visual do território, ao mesmo tempo que usufruíam de boas condições de defesa. Viviam ao ar livre em pequenas casas de planta circular com base em pedra que suportava o telhado de ramos e barro. Aproveitavam os recursos proporcionados pela Natureza e praticavam uma agricultura e pecuária incipientes. Referimo-nos às comunidades da Idade do Cobre ou Calcolítico (2800-1800 a.C. aproximadamente), que fundaram as suas pequenas aldeias do Alto de la Caba, do Cabezo del Cojo e do Cerro de Santa Bárbara. Conhecemos também as sepulturas do Cabezo de Lame: A necrópole de Corteganilla é composta por três antas com túmulos e certos elementos do espólio funerário



Vista de Cortegana

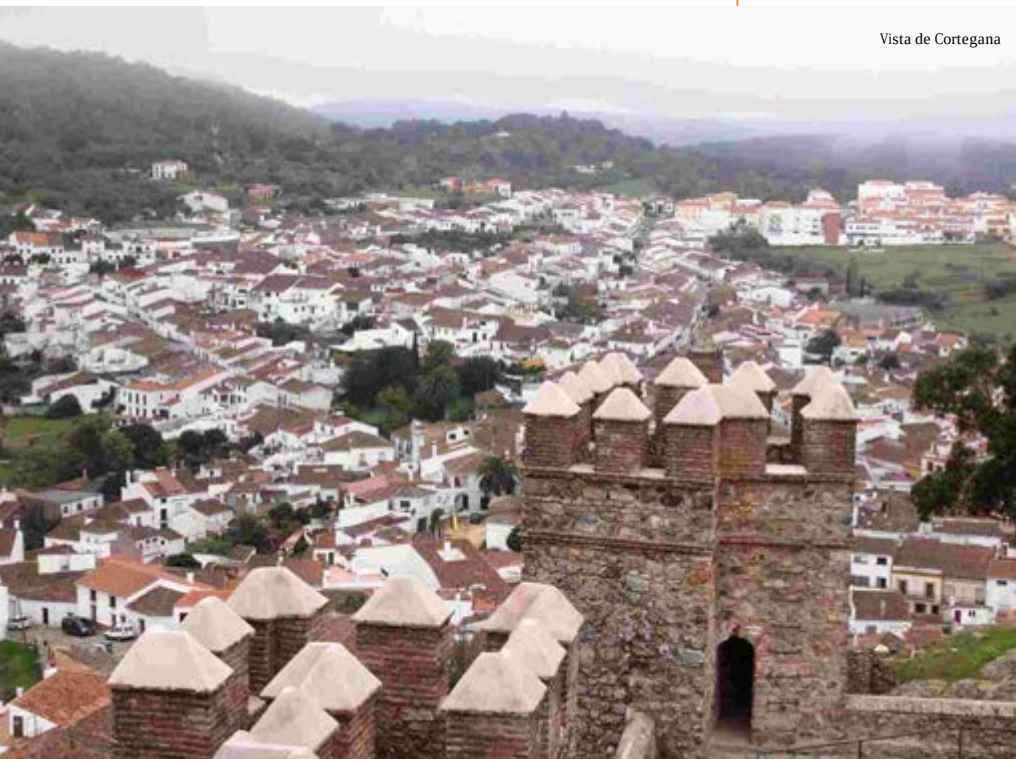


do dólmen Corteganilla-Hallemans (pontas de setas de sílex, ídolos placa em ardósia, machados polidos, etc.).

Durante a época romana Cortegana adquiriu um grande protagonismo económico e populacional, apesar de não haver qualquer núcleo urbano, já que o povoamento, dedicado principalmente ao trabalho agrícola, encontrava-se disperso no território (*uillae rusticae*). No entanto, os maiores benefícios económicos dos nossos antepassados romanos provinham das explorações mineiras e metalúrgicas, tanto das minas de Andévalo (*El Carpio, San Telmo e Herrerías de Confesionarios*), de onde extraíram essencialmente ferro e cobre, como das minas da Serra, situadas junto às ribeiras de *Chanza* e de *Alcalaboz* onde eram aproveitados os filões de óxidos de ferro (magnetita e hematita). Desta forma, muitos dos *uillae rusticae* do território corteganês, como *Corteganilla, La Gaga* ou o lugar (*uicus*) de *Los Andrin*os, que se especializaram na metalurgia de ferro, fazem parte dos distritos mineiros das duas únicas cidades romanas na zona (*Arucci e Turóbriga*). Nos arredores desta área estendia-se a estrada romana que, desde Huelva (*Onuba*), se dirigia para a cidade lusitana de Beja (*Pax Iulia*), havendo um percurso paralelo à ribeira de *Alcalaboz*.



Arco mudéjar



Vista de Cortegana



San Telmo



Cabestrante da mina de San Telmo



Aldeia de Puerto Lucia

No entanto, o castelo de Cortegana é de origem de tardo-medieval cristã (séculos XIII-XV), pelo menos assim o confirmam todas as provas materiais e arquitetónicas estudadas, contudo, não podemos desconsiderar a existência de uma primeira edificação islâmica, nem de uma população, possivelmente dispersa, nessa época. A partir de meados do século XIV, a relativa estabilidade da área permitiu que a população fosse deslocada para o vale, concentrando-se perto das fontes, o que faz supor que as primeiras casas foram erguidas perto da “Fuente Vieja” e do “Chanza”, sendo construída a nova Igreja do Divino Salvador num ponto intermédio entre os dois bairros, que adquiriu o estatuto de paróquia em detrimento da do castelo.

Durante a Idade Moderna, já no século XVI, Cortegana começa a estabelecer-se como uma vila com entidade na região. Sem dúvida que o período de maior prosperidade de Cortegana começa a ganhar forma na Idade Contemporânea, a partir de meados do século XIX, quando a burguesia catalã assenta nesta terra e acaba por consolidar uma importante indústria de cortiça. Nos anos de apogeu da indústria, Cortegana tornou-se num polo industrial, tendo-se criado dezenas de fábricas de cortiça espalhadas pelas ruas e quarteirões.

A inauguração, em 1889, da linha férrea *Zafra-Huelva* estimulou ainda mais a economia de Cortegana, tendo uma grande influência no apogeu das minas de *San Telmo* e



Valdelamusa. Outras indústrias e atividades artesanais deste município foram atingidas por este renascimento, tendo-se multiplicado as olarias, aumentado a produção de balanças romanas e arreios, e consolidado as indústrias de carne que também abasteciam diferentes mercados nacionais e internacionais.

A Guerra Civil e a consequente crise do pós-guerra enfraqueceram significativamente todo o desenvolvimento alcançado, que também foi atingido pelas crises setoriais, que a partir do último terço do século XX afetaram as indústrias e as atividades artesanais de Cortegana. Atualmente, Cortegana procura implementar políticas de desenvolvimento apoiadas na indústria local, no turismo rural e na dinamização do património monumental e popular.

Valdelamusa





Castelo de Cortegana

Património monumental

Nas ruas de Cortegana observamos vários exemplos de monumentos que chegaram até aos nossos dias em excelente estado de preservação. Têm particular relevância os lugares de culto. A Igreja Paroquial e as capelas são marcos que enobrecem e embelezam a malha urbana, tal como consolidam os sinais de identidade e socialização entre vizinhos. No entanto, o complexo monumental que tem maior valor patrimonial, e que representa, como nenhum outro, o povo de Cortegana, é o Castelo.

Castelo de Cortegana

A atual configuração do Castelo de Cortegana é o resultado de um processo histórico dinâmico, que incluiu reformas, restauros e modificações em várias fases da sua existência. É um deleite sentir a magia que impregna o edifício e o que o rodeia, aceder ao conjunto através de uma das duas entradas e aproveitar o ambiente sossegado que oferecem os seus percursos e miradouros, rodeados pela cerca exterior com as suas torres, constituindo uma muralha que em alguns pontos preserva partes originais. O palácio é, sem dúvida, o elemento mais significativo e reconhecido do conjunto.



Apresenta um único acesso pelo lado sul através de uma escada que entra pelo pátio de armas. Aqui dentro, e no subsolo, destaca-se a cisterna, um depósito de água abobadado que teve funções de subsistência para os habitantes do Castelo. O lado este deste pátio é ladeado pela fachada do palácio, um conjunto de várias salas distribuídas por dois andares. No piso térreo encontram-se a entrada para o edifício e outras divisões como a capela ou a prisão, atualmente adaptada como mostruário de várias peças de valor arqueológico.

No piso superior, há outras divisões, ganhando destaque a sala do alcaide. A planta do palácio é dominada por quatro torres nos ângulos e duas intermédias nas paredes dos seus lados mais compridos. Estão unidas entre si pelo passeio de ronda, a que se acede através de umas escadas localizadas no pátio das armas. Hoje, o passeio de ronda não apresenta um percurso contínuo, por ter sido eliminada, na restauração de 1971, a rampa que ligava a parte norte do passeio com o terraço superior. Este consiste num espaço aberto de passagem para entrar na torre de menagem, a de maiores dimensões de todo o edifício e datada de finais do século XV, da época dos Reis Católicos. Todas as torres e muralhas do palácio estão atualmente arrematados por uma linha de muralhas e ameias, com exceção do “borje”, a torre semicircular virada a oeste e os seus muros adjacentes.

Capela de Nossa Senhora da Piedade

Dentro do recinto fortificado do Castelo, e localizada no setor nordeste, fica a Capela de Nossa Senhora da Piedade, que consiste numa única nave dividida em três secções separadas por arcos que, apoiados em pilastras, sustentam uma abóbada de aresta. A parede traseira está coroada por um nicho quadrado coberto com uma cúpula semiesférica e com abóbada rebaixada para o pórtico que é apoiada aos seus pés.

A origem do santuário tem, provavelmente, de ser enquadrada no século XIII como um exemplo dos inúmeros templos do repovoamento de toda a região após a conquista cristã. Sabemos que foi a primeira paróquia da povoação, como testemunhou Rodrigo Caro em 1634, e foi originalmente consagrada a Nossa Senhora do Castelo.



Romana em exposição no castelo

*Iglesia Paroquial del Divino Salvador*

Igreja Paroquial do Divino Salvador

No centro de Cortegana encontra-se o edifício de culto mais emblemático: a Igreja Paroquial do Divino Salvador, localizada na praça com o mesmo nome. A sua aparência atual é o resultado de vários processos de construção iniciados na primeira metade do século XIV. Por esta altura, uma vez que a população assentou no vale, começou a ser erguido um templo de caráter gótico-mudéjar, com influências claramente sevilhanas, apesar de ter marcas locais. A Porta do Perdão é a entrada principal e a data dessa altura.

Com essência renascentista, foi construída no século XVI uma igreja-salão composta por três naves divididas por colunas e uma capela-mor poligonal ligeiramente saliente para o exterior. Os modelos usados relacionam esta obra com o trabalho do arquiteto Hernán Ruiz II. Em 1623 a fachada do edifício começa a ganhar forma, com a construção de uma torre, localizada no ângulo da nave do Evangelho, ficando definitivamente concluída no final do século XVIII. A torre, de planta quadrada, foi construída em tijolo aparente e coroada por um corpo de quatro vãos retangulares, um para cada face, e com uma agulha com o cata-vento.

*Capela de São Sebastião*

Capelas de S. Sebastião e do Calvário

A Capela de S. Sebastião, conhecida popularmente como «O Santo», é um exemplo de templo gótico-mudéjar que começou a ser erguido na primeira metade do século XVI, correspondendo a essa fase o presbitério, coberto com abóbada gótica e moldura do arco toral. O edifício é constituído por uma só nave dividida em quatro secções, para além do formado pelo presbitério.

Por sua vez, a Capela do Calvário está localizada à saída da Cortegana em direção ao Caminho de Huron, completando o eixo longitudinal do centro da cidade, organizado em torno das igrejas e das capelas da população. Tem um aspeto muito atual que resultada da reconstrução, em 1974, da antiga capela do antigo cemitério, que funcionou até aos anos trinta do século XX, altura em que o novo cemitério foi construído.

Entre os edifícios civis de Cortegana, destaca-se a Praça de Touros, construída em 1854, os dois casinos, localizados nas praças do Divino Salvador e da Constituição e erguidos no final do século XIX e no século XX, e alguns exemplos



de casas senhoriais, nomeadamente a Casa da Estrada. Do mesmo modo, este município faz gala do volume e qualidade das suas águas, daí que haja inúmeros exemplos de elementos arquitetónicos relacionados com a água. As ruas de Cortegana estão repletas de fontes que guardam na história a importância das suas funções abastecedoras e da sua condição de lugares de socialização, como é o caso da Fonte Velha, da Fonte de Chanza, da Fonte Monumental, etc.



Gran Casino



Casa da Estrada



Nuevo Casino

Visitas e passeios

Trata-se de um percurso pelos principais bens culturais de Cortegana, que possuem uma natureza monumental de extraordinária beleza e significados histórico, artístico e arquitetónico. Desde as igrejas e capelas, às casas senhoriais e palacetes, à Praça de Touros e aos casinos, até ao Castelo, símbolo da identidade cultural de todos os corteganeses. Com este passeio, o turista irá mergulhar no passado histórico desta povoação através dos edifícios mais representativos que marcaram o seu desenvolvimento urbano, até chegarem ao aspeto que apresentam na atualidade.



Fonte Monumental



Fonte de la Caja



Fonte da nascente do Rio Chanza



Fonte del Corcho



Calvário

Rota da Arquitetura da Água

A água e o seu aproveitamento foram fundamentais para configurar a realidade histórica deste município. De facto, a génese e o desenvolvimento da malha urbana parece que se produziram à volta de algumas das suas fontes. Estas nascentes consistem em espaços de socialização e em lugares tradicionais de encontro, onde a água tem um papel preponderante.

Rota dos Miradouros

Numa povoação com uma topografia acidentada e desníveis significativos, os miradouros constituem espaços interessantes para contemplar as paisagens culturais. Integrados na própria vila, oferecem perspetivas espetaculares sobre o conjunto urbano, que aparece perfeitamente integrado na natureza que o rodeia.

Vista do Miradouro de Aguafría





Festas tradicionais e eventos

O ano cultural começa com o Desfile dos Reis Magos. Pelo fim do mês de fevereiro celebra-se o Carnaval, que ressurgiu com grande força nos últimos anos graças à Associação La Carpa. Durante a primavera chega a Semana Santa, carregada de forte devoção, onde a religião, a cultura e a tradição se fundem. Em abril celebra-se a Feira do Livro da Primavera. Já no mês de maio assinala-se a Cruz de Maio, a romaria do lugar de San Telmo. No mês de junho celebra-se o Corpo de Deus e, por volta do dia 13, a romaria de Santo António de Pádua, uma das festas mais importantes e populares da Serra. Na segunda semana desse mês a Associação de Amigos do Castelo de Cortegana celebra as Jornadas Culturais, centradas num ciclo de conferências com uma marcada índole cultural e patrimonial. Também durante o mês de julho, em honra de Santa Luzia, celebram-se as festas da aldeia de Puerto Lucía. No terceiro fim de semana de julho e em honra da sua padroeira, a aldeia mineira de Valdelamusa festeja a Vigília da Virgen del Carmen, e em San Telmo celebra-se a vigília em honra do padroeiro San Telmo. Durante o segundo fim de semana de agosto, celebram-se as Jornadas Medievais, organizadas pelo Município de Cortegana, que constituem o acontecimento cultural e turístico mais importante desta localidade.

A Feira de Cortegana está consagrada à sua padroeira, Nossa Senhora da Piedade, que tem um procissão a 8 de setembro com um desfile carregado de devoção e paixão. Nos dias que se seguem decorre a Feira, cuja origem remonta à feira onde se vendia gado suíno antes de ir para a engorda no montado.



Gastronomia



Sopa de Olores



Porco nas pastagens de Cortegana

Cortegana tem uma gastronomia diversificada e rica que constitui uma parte fundamental do seu património e cultura, que não só se associa aos afamados produtos ligados ao porco ibérico, como também a outros pratos típicos de grande riqueza culinária, como as migas com batatas (especialmente nos dias de chuva), o gaspacho de inverno (com batatas cozidas, fígado de porco e coentros), o “adobao de matanza” (guisado com batatas, fígado de porco e pimentão), sopa de várias plantas aromáticas (“sopa de olores”), refogado serrano (“pisto serrano”), bolo de batatas... A diversidade micológica deste território permite a elaboração de numerosos pratos de degustação de cogumelos. Também se elaboram produtos derivados do leite, como os queijos, as queijadas e o soro; ou produtos de vegetais e frutas engarrafados. Na doçaria têm especial relevância os doces que apenas existem nesta região como os “piñonates”, os “pestiños” ou as “perrunillas”, as madalenas, as tartes de banha, doce de marmelada, o mel, as “melojas” (um doce feito a partir do mel), as “poleás” ou os “cucos” (castanhas assadas no fogo). Estes doces podem ser acompanhados de aguardente e por uma grande variedade de licores tradicionais (bolota, castanha, noz, etc.) que são produzidos nesta vila.

Artesanato

Cortegana caracterizou-se historicamente por ser um município com grande tradição artesanal e industrial, o que se traduziu num reconhecimento regional, nacional e internacional de boa parte dos seus produtos. Mesmo assim, aqueles que obtiveram mais repercussão foram os produtos transformados da indústria da cortiça, que no século XIX tiveram um grande desenvolvimento, quando eram produzidas rolhas para garrafas de vinho exportadas para diferentes destinos internacionais. Hoje continuam a laborar



algumas fábricas, que vendem a cortiça sem a transformar e que são afetadas pela crise que o setor atravessa.

Foi na entrada do século XX que as produções de derivados de porco ibérico de Cortegana se industrializaram. Atualmente continuam ativos vários matadouros e fumeiros. A produção de balanças romanas sempre foi uma tradição em Cortegana, no entanto, neste momento esta indústria está em retrocesso. As balanças romanas mais procuradas são as denominadas “borregueras” destinadas, à partida, a pesar porcos. A produção de acessórios para cavalos veio substituir ou complementar os trabalhos ligados às balanças em Cortegana. Elabora-se artigos para equitação, como estribos ou esporas.

A olaria sempre esteve ligada à história de Cortegana. Desde a sua origem até aos nossos dias, nunca faltaram oleiros e produções locais corteganesas estimuladas pela procura, na zona e nos arredores, por recipientes de cerâmica, imprescindíveis para o armazenamento, para a culinária e para serviço de mesa. A técnica da “colher”, que consiste em fazer com este utensílio decorações geométricas vidradas nos recipientes, deu um grande renome às cerâmicas desta localidade.

Atividade comercial

Atualmente as indústrias de carnes, a construção e os serviços geram benefícios económicos que fazem de Cortegana uma das zonas mais desenvolvidas nesta região. O privilegiado Centro Tecnológico del Cárnico coloca a “nova” Cortegana no primeiro plano dos projetos de investigação da Junta da Andaluzia, reconhecendo deste modo a rica trajetória das indústrias de carnes neste município.



Cerâmica. Técnica do “colher”. Alfár Peñalta



Postos de Informação

ALJEZUR

Posto de Turismo
Rua 25 de Abril, 138
8670-088 Aljezur
Tel. 00351 282 998 229

SAGRES

Posto de Turismo
Paços do Concelho
8650-407 Vila do Bispo
Tel. 00351 282 630 600

SILVES

Centro da Interpretação
de Cultura Islâmica
Praça do Município
8300- Silves
Tel. 00351 282 442 255

ALBUFEIRA

Posto de Turismo
Rua 5 de Outubro
8200-109 Albufeira
Tel. 00351 289 585 279

PADERNE

Junta de Freguesia
Rua Miguel Bombarda, nº 61
8200-495 Paderne
Tel. 00351 289 367 168

LOULÉ

Posto de Turismo
Avenida 25 de Abril 9
8100-506 Loulé
Tel. 00351 289 463 900

TAVIRA

Posto de Turismo
Praça da República, 5
8800 Tavira
Tel. 00351 281 322 511

HUELVA

Información Turística
Plaza de las Monjas s/n.
21001 - Huelva
Tel. 0034 959 251 218

Oficina de Turismo de
la Junta de Andalucía
Calle Jesús Nazareno, 21
21001 - Huelva
Tel. 0034 959 650 200

NIEBLA

Turismo de Niebla
Campo Castillo s/n
21840 Niebla
Tel. 0034 959 362 270

ALMONASTER LA REAL

Centro de Interpretación
Al-Andalus y la Sierra
Calle Llana, 20
21350 Almonaster la Real
Tel. 0034 959 143 003

CORTEGANA

Centro de Recepción
de Visitantes
Junto al Castillo de Cortegana
21230 Cortegana
Tel. 0034 959 131 550

Notas

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.